

REVISTA DA SEMANA

N.º 14

Cr\$ 2,50 na Capital, 3,00 nos Estados

7-4-45



Suplemento
de guerra com
novos mapas

RETIRO E ESTAÇÃO DE FÉRIAS PARA OS COMERCIÁRIOS

VÃO SER REALIZADAS DUAS VELHAS ASPIRAÇÕES DA GRANDE CLASSE — A AUSPICIOSA NOTÍCIA TRANSMITIDA PELA A. E. C. R. J., DURANTE O "COCK-TAIL" COM QUE A SUA DIRETORIA HOMENAGEOU A IMPRENSA CARIOCA

Duas velhas aspirações da classe dos comerciários estão em vésperas de concretização. Trata-se do Retiro para abrigar aqueles que, cansados da lida diuturna anos a fio, ali encontrarão ambiente calmo e sossegado para encerrar sua existência, e a Estação de Férias, a ser construída fora desta capital, além de hospedar os empregados no comércio no seu período anual de descanso, onde irão se retemperar para o período seguinte de trabalho e dedicação ao público e aos que com eles têm contacto.

As duas auspiciosas notícias, que vêm encher de contentamento os 31 mil associados da benemérita instituição, foram levadas ao conhecimento público durante o cock-tail oferecido, no dia 20 de mar-

ço, à imprensa carioca, pela diretoria da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, recentemente empossada.

Representantes de todos os jornais, revistas e outras publicações cariocas, assim como das suas associações de classe e de outras organizações congêneres à A. E. C., estiveram presentes à simpática cerimônia. Falando por essa ocasião, o 1.º secretário, sr. Antenor Gomes de Carvalho, em nome dos demais membros da diretoria, transmitiu a grata informação aos presentes, como pontos básicos dos nossos diretores para sua administração bienal.

Do discurso do secretário da Associação constou também uma resenha das atividades e benefícios prestados pela ins-



tuição no ano passado, pela qual se verificou que o Departamento das Clínicas da A. E. C. atendeu, em 1944, ao impressionante total de 252.855 serviços, entre eles ressaltando-se 70.705 para consultas médicas, 21.692 para consultas dentárias, 79.180 para aplicações de injeções, 48.619 para curativos e urologia, 12.862 na farmácia, 11.526 nos serviços de eletroterapia e radiografias, e 7.032 no laboratório, além de 605 aplicações de pneumotórax. Para curativos, limpeza, obturações, extrações e operações, os diversos consultórios dentários prestaram 39.282 serviços.

De sua parte, a Caixa de Pecúlios já pagou até agora, ou seja até o último dia de dezembro de 1944, três milhões setecentos e trinta e quatro mil e duzentos e cinquenta e dois cruzeiros e quarenta centavos, enquanto que durante o ano findo 18.549 volumes da Biblioteca foram em seus salões consultados, além de 24.434 outros levados para leitura a domicílio.

Preenchendo as suas elevadas finalidades patrióticas, a Escola de Instrução Militar da A. E. C. R. J. já forneceu, até o presente, 3.395 reservistas de 2.ª categoria para incorporação às fileiras do glorioso Exército Brasileiro, dos quais quatro foram convocados e se encontram na Europa, com a Força Expedicionária Brasileira, combatendo ao lado das forças aliadas, pela defesa dos sagrados direitos dos povos livres.

Segundo foi adiantado pelo orador, a diretoria da A. E. C. R. J. entrará em imediata atividade, estudando os locais adequados para a realização do Retiro e da Estação de Férias e para que seja o mais prontamente possível feita a sua construção e montagem.

As fotografias que ilustram esta página são flagrantes da bela festa de cordialidade, que foi o cock-tail oferecido à imprensa carioca pela diretoria da Associação dos Empregados no Comércio.



FLAGELO NA CIDADE DAS HORTENSIAS

A FORÇA DA TORRENTE ENCONTRA UMA CIDADE SEM DIQUES — DOZE BOMBEIROS PARA CINQUENTA MIL HABITANTES — AS CASAS COMERCIAIS NÃO ESTAVAM SEGURADAS CONTRA ÁGUA — OS VERANISTAS NÃO FORAM ATINGIDOS PELA CATÁSTROFE — MORTOS INSEPULTOS

(Reportagem exclusiva da REVISTA DA SEMANA)

Petrópolis, 28 (Correspondência de C. Jardim, enviado especial da REVISTA DA SEMANA) — Chegámos à Cidade das Hortênsias, após uma viagem incômoda e demorada. No Alto da Serra o trem encontrou um nevoeiro cerrado, que ocultou o próprio edifício da estação das vistas dos passageiros. Na gare de Petrópolis, porém, não havia vestígio de neblina.

Mas, mal desembarcámos, já se nos apresentava em tóda a sua plenitude a dramaticidade da tragédia que abalou a cidade na noite de segunda para terça-feira. Conheço viajara, da Raiz da Serra, uma senhora idosa, que ia ver a família, residente na Fazenda Inglesa, um dos subúrbios mais atingidos pela catástrofe. Logo ao chegar na estação de Petrópolis a pobre anciã recebe a notícia da morte de um de seus filhos, soterrado nos escombros de uma casa que não resistira à força dos enxurrôs. Não há palavras para descrever a cena patética desenrolada então na gare de Petrópolis. Só a custo foi a recém-chegada levada em





Alguns populares auxiliam os doze homens do Corpo de Bombeiros na desobstrução das calçadas da avenida Quinze. Raros abnegados se prestam a colaborar com as vítimas da catástrofe e ajudar as autoridades na restauração dos serviços públicos. Com tão exíguo pessoal, os serviços se desenvolvem morosamente.

automóvel para o local onde se encontrava o cadáver de seu filho.

Tudo em redor apresentava o aspecto desolador de

uma cidade emersa há pouco do fundo de uma torrente revolta. As velhas e maravilhosas hortênsias já não enfeitavam as margens do Piabanha. Os canteiros cobertos de

A primeira cena do drama de Petrópolis por nós observada. Uma infeliz mãe viaja da Raiz da Serra para a Cidade das Hortênsias, onde reside seu filho. Logo na gare recebe a notícia da morte do rapaz. O fotógrafo apanhou o flagrante quando a infeliz senhora era amparada por seus parentes.



lama, as árvores retorcidas, as ruas atulhadas de destroços e transformadas em atoleiros — tudo concorria para dar um aspecto novo e desolador à *urbs* encantadora. Não estávamos em Petrópolis. Estávamos perdidos numa cidade devastada, onde a música dos pássaros canoros não alegrava as ruas arborizadas, onde o ruído do trabalho não enchia o ar com um hino de glória. Um silêncio de morte pesava sobre as nossas cabeças.

PETRÓPOLIS NÃO TEM DIQUES

Em nossa vida nômade de repórteres não têm sido poucas as desgraças que se deparam aos nossos olhos. Vimos desfilar os mortos do tremendo desastre de João Aires, em 1938. Assistimos à desobstrução de galerias desabadas, sob cujos escombros jaziam os corpos dos mineiros soterrados. Diante de nossos olhos passaram incêndios destruidores, explosões trágicas, corpos de afogados, cadáveres de suicidas...

Nada porém se nos afigurou mais patético que a história da noite sinistra que viveu a Cidade das Hortênsias no princípio da semana passada. A água, precipitando-se das alturas numa torrente impetuosa, encontrou pela frente uma cidade sem diques, e varreu as suas ruas numa fúria de cataclismo.

As águas do rio Piabanha, que durante tantos anos correram serenas pelo canal da avenida 15 de Novembro, engrossadas pela tempestade, transbordaram pelas margens, atingindo um nível superior em um metro e vinte, mais ou menos, ao da pavimentação das ruas centrais da cidade, que invadiram numa avalanche líquida impetuosa e destruidora.

As casas comerciais do centro, bem como algumas residências, foram invadidas pela água. A correnteza do Piabanha, indo de encontro à torrente que se despejou dos altos de Caxambú — onde os condutos d'água arrebatados lançaram pelas ladeiras caudalosas trombas — tomou-se de uma força gigantesca, correndo em ondas por fora do leito e provocando redemoinhos tremendos que, em giros furiosos, arrancaram vitrines, puseram abaixo as portas e levaram pela água abaixo milhões de cruzeiros em mercadorias e utensílios.

O que entretanto merece menção é o fato de ter sido esta a inundação que encontrou pela frente a cidade mais desprevenida do mundo.

Os condutos de água potável, ao primeiro aumento de pressão, romperam-se sem resistência, aumentando em intensidade a força das colossais enxurradas que ameaçavam inundar o bairro de Caxambú. E, aumentando gradativamente de volume, desceram as torrentes sobre a cidade em ondas sucessivas.

UMA CATÁSTROFE SEM PRECEDENTES

Em 1893, portanto cinquenta e dois anos atrás, verificou-se em Petrópolis uma inundação de grandes proporções, que atingiu os bairros mais afastados, fazendo inúmeras vítimas.

Conversámos com pessoas que haviam assistido a essa enchente, e todas elas foram unânimes em afirmar que ela, embora tivesse realmente um caráter pavoroso, não poderia ser comparada ao flagelo que assolou a cidade nestes últimos dias. Este, em verdade, foi uma catástrofe sem precedentes na história de Petrópolis.

Para a extensão mais ampla do sinistro cumpre esclarecer, a bem da verdade, que nunca uma cidade, onde se verificam periodicamente pequenas inundações, é encontrada tão desprevenida por uma enchente.

Ninguém poderia, é certo, prever tamanho desastre. Mas cumpria haver em Petrópolis, como em todas as cidades que têm o seu volume de população, serviços de socorros públicos organizados, redes de escoamento pluvial, amuradas protetoras em torno aos cursos d'água, etc.

E ali o que se nota à primeira vista é a falta absoluta de tais organizações. Uma cidade que conta, aproximadamente, com uma população de cinquenta mil habitantes necessita sempre, embora ali não se registrem com frequência calamidades públicas, de um serviço de Pronto Socorro apto para atender a todos os casos de acidente; de um Corpo de Bombeiros aparelhado para os casos que requeiram a sua intervenção; de um Instituto Médico Legal organizado, para que à sua população possa ser assegurada, durante os períodos difíceis, a indispensável assistência pública.

Mas nem só as autoridades de Petrópolis se preocuparam por completo de prevenir a cidade contra as inundações. Estas, aliás, raramente tomavam um aspecto ameaçador.



Esta cena, análoga somente aos flagrantes da guerra na China, foi apanhada no exíguo necrotério de Petrópolis. Sobre a mesa estavam três cadáveres. E ao canto, amontoados, os corpos de mais oito vítimas da terrível catástrofe.

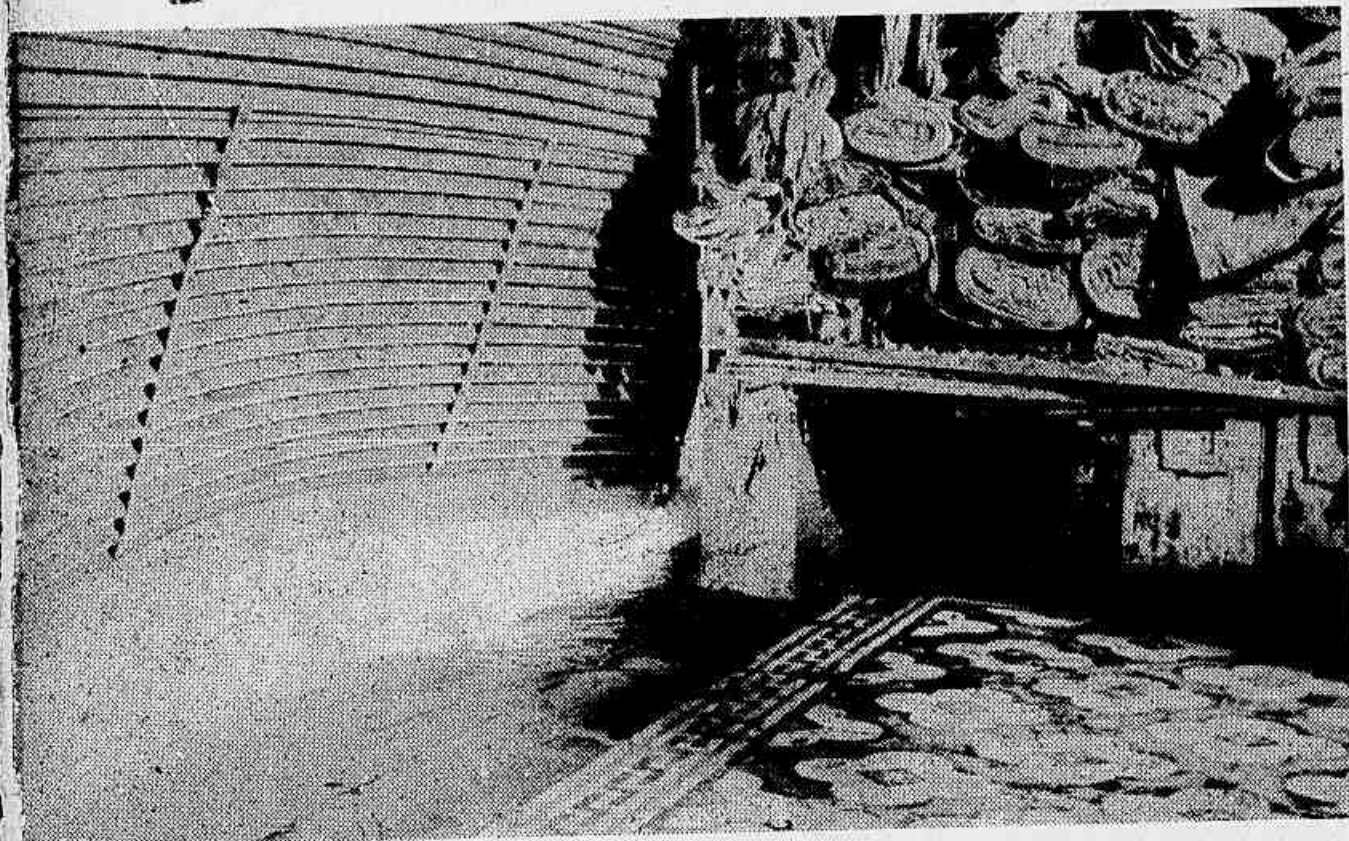
OS PREJUÍZOS MATERIAIS

Assim, a enchente da semana passada encontrou em Petrópolis uma cidade inteiramente aberta.

O centro comercial, que se estende ao longo da avenida Quinze e ruas adjacentes, foi invadido pelas águas do rio Piabanha, engrossado enormemente pelas caudalosas torrentes pluviais que desciam das serras, e pela água que

vinha dos condutos de Caxambú, arrastando tudo o que encontrava no caminho.

O trabalho da erosão desobstruiu todos os caminhos, (Continua na pág. 43)



Um aspecto do interior das Casas Pernambucanas, um dos estabelecimentos comerciais atingidos mais em cheio pela força das águas. Nada se salvou do grande "stock". Note-se a porta de aço como ficou recurvada.



O Piabanha transbordou e inundou o centro da cidade. Os canos postos transversalmente ao seu canal transformaram-se em verdadeiras represas, pelo acúmulo de destroços. Isso concorreu para maior elevação do nível da água.



Petrópolis está sem água. A existente que se consegue é a que a Prefeitura fornece. Os habitantes da Cidade das Hortênsias levam a água para casa em qualquer espécie de vasilhame.



O enterramento de uma das vítimas da tremenda inundação, realizado segundo o ritual batista. Os parentes e amigos da morta entoam hinos religiosos enquanto o corpo é posto na catacumba do cemitério local.

A SEMANA EM REVISTA

"BANDERA ROSSA"



Eis que o Brasil reconheceu finalmente a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas como um país amigo e vai enviar agora a Moscou um embaixador, que ali se responsabilizará pelos nossos negócios na URSS, como o seu colega russo no Brasil representará as dezesseis repúblicas federadas da Rússia, Sibéria e Mongólia.

Já aqui nos referimos à amizade russo-brasileira, que havia sido selada, nos Apeninos e na Silésia, com o sangue dos heróis eslavos e o sangue dos bravos brasileiros, que dormem o sono eterno sob a neve da Itália e da Alemanha.

A boa nova do reatamento das relações do Brasil com a Rússia foi recebida entre nós, como não poderia deixar de o ser, com os mais entusiasmáticos aplausos. O povo brasileiro, que há muito acompanhava com entusiasmo o desenvolvimento das operações na Rússia, não pôde deixar de expressar a sua alegria pela notícia de que o nosso país iria integrar-se definitivamente no seio das Nações Unidas, de mãos dadas com todos

os povos que lutaram valentemente e derramaram o seu sangue na defesa da causa sagrada da liberdade.

E assim a Rússia, que durante tanto tempo foi proibida na própria geografia, volta à circulação, e por sinal com um grande cartaz. Os filmes americanos descritos, com argumentos baseados na guerra da frente oriental, serão agora exibidos para nós.

Iremos assim, brevemente, morder com gosto o fruto proibido, que nos chegará em latas de goiabada diretamente de Hollywood.

Mas o primeiro efeito do restabelecimento das relações diplomáticas russo-brasileiras foi a comemoração do Sindicato dos Barbeiros desta capital, que, mal teve notícia do fato, fez hastear na sacada de sua sede o pendão escarlate da revolução de outubro, onde a foice e o martelo cruzados simbolizam a união dos operários e camponeses.

O povo foi parando em frente ao pendão rubro. Homens de muitas nacionalidades, operários, marinheiros, todos os que passavam pela rua Mayrink Veiga fizeram alto e olharam para cima.

Uma palma isolada se fez ouvir. Pouco depois estrugiu a ovação. Um italiano tirou o chapéu e disse baixinho: "Bandera Rossa".

"PATRÃO, O TREM ATRASOU"



Quando um operário entra no serviço com meia hora ou mais de atraso, esbaterido, alegando, para justificar-se, a não observância dos horários dos trens, identifica-se logo o homem como morador dos subúrbios da Leopoldina. E a sua justificativa é sempre verdadeira: "Patrão, o trem atrasou". Nenhum chefe de serviço estranha mais tal atraso. O que seria de estranhar agora seria a chegada de um dos trens daquela ferrovia dentro do horário.

As coisas atingiram tal extremo que as composições, não se contentando em atrasar-se pelo caminho, já deixam a estação de partida vinte ou trinta minutos depois da hora marcada. E é em Petrópolis que o fato se repete com mais frequência. Os trens que de lá saem com destino ao Rio, além deste atraso original, ainda vêm fazendo paradas longas pela estrada. Na Raiz da Serra espera pela troca de máquinas-cremalheiras, que ali são substituídas por locomotivas comuns. Isso feito a composição espera a passagem do comboio do Rio, que também leva um atraso razoável.

E a viagem continua, no maior desconforto, em carros exíguos de bitola estreita. Pelas janelinhas dos vagões entra uma tempestade de carvão, que cobre os homens e as coisas com uma poeira negra e pegajosa.

Se isto acontece nos trens de Petrópolis, pior se verifica nos trens de subúrbio, com os famigerados "Maria-Fumaça", que correm de Caxias a Barão de Mauá como infernos ambulantes, num matraquear constante de madeirame apodrecido e ferro velho. Esses comboios, não se contentando no atraso, chegam às vezes ao cúmulo de serem suspensos, deixando as gares suburbanas apinhadas de gente que trabalha na cidade.

Existe entretanto um trem que corre sempre dentro do horário, sem atraso e sem avarias. É a composição que deixa o Rio às 16.30 nos dias úteis, com destino a Petrópolis. E o mistério desta "irregularidade" é o fato de o chefe do tráfego da Leopoldina viajar sempre nesse trem.

E o resultado de tudo isso foi o pequeno e justo motim da noite de terça-feira, depois de diversas supressões de composições, atrasos, etc.

Aos que nos lêem pedimos comparar esse estado de coisas com os anúncios da estrada de ferro, onde estão estampados trens aerodinâmicos, de grande velocidade, correndo entre vales floridos. Belos cartazes...

PARA O CENTENÁRIO DE EÇA



Animam-se os meios intelectuais brasileiros com os preparativos das comemorações do centenário do nascimento de Eça de Queiroz. Está lançado um grande concurso literário para o qual se instituíram quatro prêmios de dez mil cruzeiros, sugerindo-se a esplanada das teses denominadas: "As idéias de Eça de Queiroz" e "Eça de Queiroz — romântico ou naturalista?". Ainda vem longe a data do centenário, que deve ser comemorada a 25 de novembro, por isso é cabível esse preparativo com tal antecedência. E nada mais justo que as homenagens projetadas ao romancista de "Cidade e as Serras", cuja sensibilidade é das que mais afinam com a da gente brasileira, e cujas obras têm sido tanto

ou mais difundidas no Brasil que mesmo em sua pátria. Várias gerações de brasileiros, sucessivamente, têm encontrado nos livros do romancista da Póvoa de Varzim, manancial inesgotável e alimento de espírito. E quantos, mesmo, não sor-

veram na literatura de Eça os primeiros átomos inspiradores! Se existe um escritor lusitano que realmente tenha calado no espírito e no coração do Brasil, ele é sem dúvida o homem que soube quebrar a rotina do romantismo doentio e anêmico, antecipando-se no linguajar da pátria a uma época que bem pode ser a presente. De fato, todas as páginas de Eça poderiam ser hoje escritas, de tão atualizadas no espírito e na forma, na idéia e no seu desenvolvimento.

Ele está tão em moda, quando se comemora o centenário de seu nascimento, quanto ao alvorecer do século, ainda em vida. Eis por que são de todo modo justas e nunca de mais as homenagens projetadas para essa efeméride. E se alguma restrição nós fizéssemos esta seria apenas em relação à parcimônia dos prêmios para o concurso literário em aprêço. Dez mil cruzeiros para um razoável desenvolvimento de qualquer das teses, não dá para seduzir os autores de fôlego, acostumados a ganhar bem. E podem, quando muito, animar os novatos. A menos que os direitos autorais da publicação das teses venham, mais tarde, a compensar melhor esse importante trabalho de gabinete.

O MÉDICO VIROU "CADÁVER"...



Caso sem precedentes, esse que os jornais divulgaram no início da semana. Um médico, aqui mesmo no Rio, propôs uma ação ordinária contra a União, cobrando judicialmente da Caixa de Aposentadoria e Pensões de Serviços Telefônicos a quantia de setenta mil e duzentos cruzeiros, relativos aos serviços profissionais prestados aos associados daquela instituição. Mais curioso que o caso em si mesmo é, no entanto, a discordância surgida entre as deliberações do Conselho Nacional do Trabalho e o Ministério do dito. Enquanto o primeiro deu ganho de causa ao médico, o segundo reformou a decisão. Não se conformou o reclamante, apelando para a 2.ª Vara da Fazenda, onde, por sua vez, se resolveu a nulidade do ato ministerial... Francamente, o que se deve compreender de tudo isso? Tem o médico direito a reclamar o produto de seu trabalho ou não tem? No primeiro caso deve prevalecer de uma vez por todas a resolução do Conselho Nacional do Trabalho, ratificada pela 2.ª Vara da Fazenda. No se-

gundo que seja cumprida a reforma do ministro do Trabalho. De qualquer modo, o que não se justifica, nem deve prevalecer, é tão visível contradição entre a palavra de uma e de outras entidades do Estado.

Para outra vez não queira o médico jogar as peras com o seu amo, porque será o primeiro a ver-se prejudicado. Ainda em se tratando de um cliente particular, as coisas poderiam correr mais satisfatoriamente, mas não com o Estado. Nada mais pitoresco, entretanto, que observar a metamorfose sofrida pelo ilustre facultativo. De médico transformou-se em "cadáver", mesmo com aspas. Intimamente, o reclamante da Caixa de Aposentadoria e Pensões de Serviços Telefônicos terá pensado agora: "antes os cadáveres fossem os meus clientes"... (Cadáveres sem aspas). Mas a vingança dos enfermos é feroz, e o dia destes chegou. Enquanto os doentes de ontem se convertem em sadios indivíduos devolvidos ao seu labor quotidiano, o pobre médico, doente da alma e do bolso, coitado, é agora um "cadáver" ambulante e insepulto, ao sabor das vagas... Jogado do Conselho Nacional do Trabalho para o Ministério do dito, e do dito para a 2.ª Vara da Fazenda... Mas não o lamentemos, não. Mais tarde ele se vingará na conta dos novos clientes...

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 14 --- 7-4-945

LITERATURA

Relíquias Históricas (Escragnolle Doria)	14/15
O homem que queria enlouquecer (Zenaide Andréa)	20/21
O desenlace (Raymonde Vincent)	31
Sob a neve espessa (Harrison Ames)	34
Livros Novos (J. L.)	38/39

REPORTAGENS

Flagelo na Cidade das Hortênsias	3/5 e 42/43
Jockey Club	8
Raquel de Queiroz, romancista ao norte! (C. Aulicus)	10/13
Bom dia, Copacabana!	23/29

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	19
Meia-Estação	32/33
Outros modelos	40/44

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Aconteceu.....	7

ATUALIDADES

A guerra em marcha	16/18
--------------------------	-------

CARICATURAS

Dois em uma (Michel)	9
De Bom Humor	22
"Charge" de Raul	48

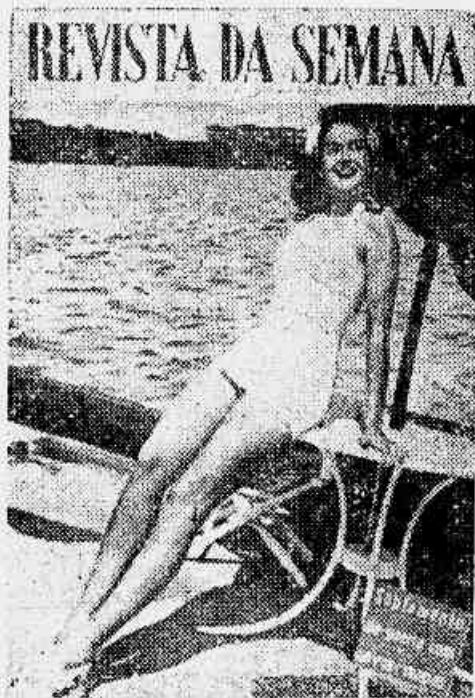
NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	49/50
-------------------------------------	-------

ANEXO:

Suplemento de Guerra com novos Mapas

NOSSA CAPA



Quebrando a praxe das fotografias de busto estampadas na sobrecapa desta revista, oferecemos hoje aos leitores uma pose, corpo inteiro, de uma das mais belas e elegantes "estrelas" do cinema atual: Jinx Falkenburg, da Columbia. Quando ainda o Rio atravessa a sua fase de verão, não deixa de ser agradável permitir-se a hipótese da presença dessa bonita artista, em uma de nossas praias, rutilante de encantos, sorridente e tostada pelo sol carioca, tão cheio de carícias para as epidermes das banhistas que nos visitam, venham de onde vierem, de Hollywood ou de qualquer lugarejo do interior...

Mas o sumário da presente edição está variadíssimo de leitura atual. Além da reportagem sobre a inundação de Petrópolis e de uma oportuníssima entrevista obtida com a romancista Raquel de Queiroz, damos aos leitores flagrantemente magníficos batidos na praia de Copacabana, num domingo de sol

causticante e convidativo, e as secções costumeiras, das páginas femininas e da colaboração literária sempre variada. Em separado, o Suplemento da Guerra com novos mapas, o qual não pode ser vendido indistintamente da revista.

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; emfim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

Aconteceu...

HÁ QUARENTA ANOS

"Foi no tempo da guerra entre a Rússia Potente
E os filhos de Nipon, bravos filhos do Oriente"...

Assim diria uma menina de hoje, recitando numa festinha familiar da roça, em dias de colher flôr. Pois foi justamente quando aconteceu o fato.

O mesmo número da REVISTA DA SEMANA (9 de abril de 1905) que publicava a capitulação de Porto Arthur trazia em suas últimas páginas um anúncio, que hoje serve para nos informar seguramente sobre o espírito da época, uma idade que ainda não vai longe e que, todavia, tanto dista destes dias tumultuosos.

Eis o anúncio:

"VIOLETAS POÉTICAS"

Album de poesias para dias de annos
coleccionadas

dos melhores poetas brasileiros.

1 nítido volume ricamente impresso e encadernado 5\$000

E' o mimo mais delicado e mais apropriado para as moças da alta sociedade. A semelhança dos livros congeneres que ha muito existem na Europa, onde toda moça de familia chic possui o seu album de poesias para dias de annos, o livrinho **VIOLETAS POÉTICAS** é a publicação mais mimosa e de mais luxo que jamais se tem feito em lingua portugueza. Na capa titulo e ornatos a ouro, com violetas em cor natural e dois pombinhos. Para cada dia do anno encontra-se uma gentil poesia, ao lado de uma pagina em branco, onde se podem escrever os nomes de pessoas queridas, nascidas nessa data. Em suma, **VIOLETAS POÉTICAS** é o "bijou" indispensavel a toda moça chic."

Assim diz o anúncio. Isto aconteceu há quarenta annos somente, quando Porto Arthur se rendia às tropas do Mikado.

Hoje tudo isso está tão distante!...

Qual a moça de familia "chic" que se lembraria agora de ter em sua pequena biblioteca ornamental, entre os livros de Freud e Pittigrilli, um volume de "Violetas Poéticas"?

Qual a pequena de hoje que, em vez de presentear o namorado com uma gravata de liquidação, se lembraria de oferecer-lhe, no "dia de annos", um soneto de Olavo Bilac ou poesia do já então poeta Olegario Mariano? Como mudaram os tempos! Tudo no anúncio tem para nós o sentido de uma brincadeira, de um reclame redigido pelo Barão de Itararé. Tudo, desde o pieguismo e da ortografia, até a linguagem e o prego do livro. Mas podemos garantir que "Violetas Poéticas" não era de autoria do cantor das cigarras, embora já então se ensaiasse em prosa e verso...

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 - RIO



JOCKEY CLUB MUNDANO

As corridas de domingo, como sempre, levaram ao prado da Gávea os elementos mais representativos da elite carioca. A "pelouse" enfeitou-se com a graça e a elegância de numerosas "turfwomen", tendo o nosso fotógrafo conseguido apanhar ali os sugestivos instantâneos que ilustram esta página.



DOIS EM UMA

A GUERRA EM MARCHA

Sobe a fumaça num nimbo,
Em espirais para o ar.
E o fumo dêste cachimbo
Faz muita gente espirrar.



NO MUNDO DAS LETRAS

Mas quanto papel escrito
E quanta palavra a esmo!
Mas será o Benedito
Que vai falar por si mesmo?

CARICATURAS DE
MICHEL
LEGENDAS DE
ZE' CARIOCA



Uma escritora cearense que tomou a bênção ao padre Cícero — Uma moça de dezesseis anos atrás de uma barricada — Os integralistas não gostaram de seus livros — Colecionar punhais e atirar bombas, dois passatempos de uma intelectual que não pertence à "Vitória Régia" — As traduções e os tradutores — Os problemas do povo e os problemas dos escritores

Escreveu CELIUS AULICUS
Fotografou Arnaldo Vieira

HAVERÁ escritoras no Brasil? — E' esta a pergunta que todos fazem quando, parando diante de uma livraria, contemplam as vitrines repletas de volumes vistosos com nomes de mulheres na capa, e retratos em grande pôse cercados de flôres, para maior efeito publicitário.

A pergunta baila na mente do freguês da livraria, até que êle, adquirido um volume, lê as primeiras páginas. Isto feito, chega à conclusão de que não há, de fato, literatas no Brasil.

Existe, entretanto, para encobrir essa triste realidade e alimentar uma ilusão faquieira, uma organização vastíssima, destinada tão somente à propaganda das falsas intelectuais reunidas em associações e clubes, verdadeiros sindicatos de "snobismo", "trusts" imensos de cabotinismo e vaidade.

Graças a essas organizações, agências de publicidade pessoal disfarçadas em grêmios literários, uma mocinha de família da alta sociedade ou qualquer solteirona desocupada, que não se contentem com obras de filantropia e dedicação aos "pobrezinhos de Cristo", podem, com a joia e a mensalidade, adquirir o diploma de intelectual e dêle usar e abusar a seu bel-prazer.

E' consolador encontrar no meio desse panorama árido e sêco uma mulher como Raquel de Queiroz, escritora de verdade, profissional da pena e da palavra, que sempre viveu à custa de sua própria inteligência, e a favor da inteligência sempre lutou e combateu.

São as suas palavras, a respeito do movimento literário e de outros problemas, que vamos oferecer aos nossos leitores, através de uma entrevista por ela concedida à REVISTA DA SEMANA, durante a qual muito falou de suas lutas e da luta dos outros, na linguagem simples e sincera que caracteriza os escritores do povo, tão diferente daquele palavreado todo enfeitado e recheado usado pelas aristocratas dos cenáculos e clubes literários.

ESCRITORA AO NORTE

Raquel de Queiroz, cearense na vera acepção da palavra, iniciou nova a sua carreira de romancista: aos dezesseis já escrevia para os jornais, trabalhando em caráter efetivo num diário revolucionário de Fortaleza.

Começa então a sua luta de militante das causas populares.

Um dia as forças da reação resolveram empastelar o jornal em que a jovem exercia a sua profissão. Redatores, pessoal da revisão, gráficos, todos se barricaram nas dependências da sede do diário, à espera de que o inimigo aparecesse. Tudo ficou porém na ameaça, e sem mortos ou

Raquel de Queiroz, a que não pertence à "Vitória Régia", conversa com uma amiga. Entre os assuntos difíceis relacionados com a ordem social e com os problemas da literatura brasileira, uma anedota é sempre repousante. Além disso o riso nem sempre representa falta de seriedade. diz Aporelli.

ROMANCISTA AO NORTE!

feridos a lamentar. A turma das barricadas recolheu-se a casa, com o prejuízo apenas de algumas horas de descanso.

Mas a expectativa da luta havia dado à jovem Raquel de Queiroz o amor pelas barricadas. O jornal, por outro lado, a aproximara do povo, levando-a à presença das dôres e das misérias, companheiras

De fato, aparecera uma romancista. Sem qualquer preconceito de escola, sem qualquer prejuízo de ideologia, sem qualquer sintoma de academicismo. Uma escritora como o Ceará queria, uma escritora de que o Nordeste necessitava.

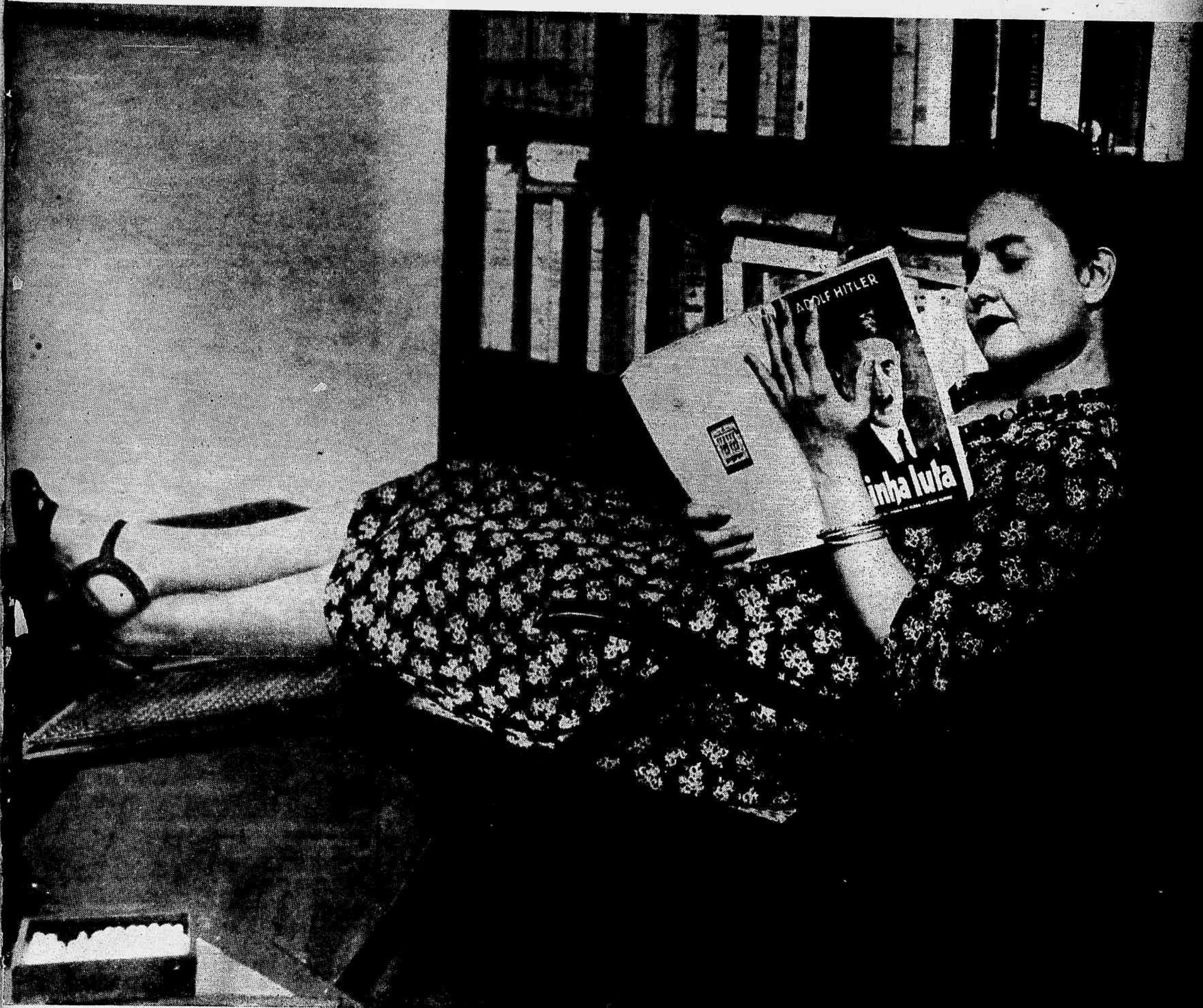
Mas o seu verdadeiro valor veio a ser revelado algum tempo depois, com o apa-

transparece todo o drama da sêca e da pobreza secular do caboclo nordestino, que cumpre o seu destino cruel rasgando a terra ingrata durante tôda a vida, sob a inclemência do céu causticante, varrido todo o ano pela ferocidade dos alísios.

Veio depois, firmar com maior solidez

UMA COLEÇÃO DE PUNHAIS DESFALCADA

Na entrevista concedida pela escritora Raquel de Queiroz, ela pouco nos contou de sua vida, desviando sempre o rumo da conversa para os problemas atuais da



Vamos estudar Hitler através de suas próprias palavras. Todos os complexos do "super-homem" da cervejaria de Munich, todos os recalques trancados no inconsciente do conquistador, para uma inteligência lúcida de revolucionário, podem ser dissecados através de "Mein Kampf". A escritora lê as memórias de Adolf Hitler sobre sua "chaise-louge" predileta. E faz o confronto da teoria com a realidade.

inseparáveis da turba anônima das ruas.

Pouco depois, quando lançava o seu primeiro romance, a jovem literata retratava todo esse sofrimento e essa angústia revoltada das multidões sem nome, que gemem ao péso de um destino esmagador, arrastando a custo sua existência martirizante.

E, apesar de muito moça, Raquel fez então com que a inteligência nacional se voltasse para o Ceará, ao grito de alerta: "Romancista ao Norte".

recimento de "O Quinze", o livro que nos revela o Ceará nú, sem "verdes mares bravios", sem Iracema, sem lirismo: a velha terra devastada, onde as raízes duras dos gravatás bravios lutam contra tôdas as leis da natureza para manter a vida vegetal na vastidão do deserto. Foi com este romance notável que a jovem cearense mostrou ao Brasil inteiro a vida de sua terra, a miséria das populações rurais do Nordeste, fotografada nua e sem máscara à luz clara do realismo. Nele

o nome de Raquel de Queiroz, o romance "Caminho de Pedras", que lhe valeu, na ocasião em que foi editado, o prêmio de três meses de prisão, cumpridos no quartel do Corpo de Bombeiros de Fortaleza, com a sala do cinema da corporação por "ménage".

Uma vez libertada, a escritora lançou outro livro de péso: "As Três Marias", o estudo da vida de três amigas de escola lançadas no mundo exterior.

literatura brasileira e os problemas sociais em geral, que, para ela, não podem em absoluto deixar de interessar a qualquer intelectual, por isso que a êles, justamente, deve caber o principal trabalho na solução de tôdas as questões que se relacionem com o bem-estar e a evolução do povo.

Essa preocupação pela satisfação das aspirações das massas é uma das características da índole e da inclinação da escritora, e tem lhe valido inúmeras perse-

guições, ora por uma, ora por outra corrente da direita.

Primeiro vieram êles, os velhos integralistas, a quem a romancista deve o brilhante trabalho de provocação e intriga que redundaram na prisão de que já falamos.

Transformada que foi a Ação Integralista Brasileira, de partido político em sociedade litero-recreativa, quando da implantação do Estado Novo, voltaram os fascistas, disfarçados em patriotas, a gritar contra a obra de Raquel de Queiroz.

E até hoje gritariam, e seriam mesmo capazes de queimar os seus livros em autos de fé, se a batalha de Stalingrado não houvesse mudado completamente a significação da palavra tabú "comunista".

Foi com o auxílio desse vocábulo sinistro que os nossos antigos camisas-verdes conseguiram colocar a escritora no "index" político, a que obedeceram tôdas as editoras do Brasil, durante muito tempo prêsas ao medo de perderem a confiança dos todo-poderosos senhores de Roma, Berlim e Madrid, que só admitiam como poesia Menotti del Picchia, e como romance e história Gustavo Barroso. O resto era obra ímpia, heresia, invenção do diabo. A cultura era um crime, a arte um sacrilégio.

Raquel de Queiroz, escritora profissional, teve que trabalhar nesse clima inquisitorial durante muitos anos, escrevendo o que podia escrever, aproveitando sempre o espaço das colunas a ela reser-

vadas nos jornais para propagar as suas idéias, de acôrdo naturalmente com as exigências censórias e o humor de Torquemada.

Não podia falar muito. As suas palavras tinham que ser medidas pelas réguas dos censores, as suas idéias deviam obedecer à forma dos departamentos especializados na estandardização dos elogios.

Assim viveu e trabalhou longo tempo.

E agora, já com as mãos libertas das grilhetas, Raquel de Queiroz, respirando livremente, dentro de uma atmosfera menos carregada, volta a escrever tudo o que sente. Continua entretanto a viver como qualquer senhora, num apartamento de Ipanema, sem galeria de arte e saraus literários.

Foi em sua residência que ela nos recebeu, prontificando-se a falar um pouco, agora que já pode dar um tom mais alto aos seus cochichos de revolta.

Começou por dizer que a sua história era simples, e que vinha do Norte.

Trazia do Ceará uma coleção de punhais e recordações do padre Cícero, a quem muitas vezes pedira a bênção.

Sua profissão sempre fôra escrever, embora seja este um ofício ingrato. Tem ainda um grave defeito que poucos perdoam, pensa. E quanto mais pensa mais sofre. Sofreu perseguições da polícia de muitos lugares. A cada artigo seu correspondia uma busca policial em sua residência. E a sua coleção de punhais ia sendo, assim, desfalcada aos poucos pelos gendarmes nordestinos.

Hoje, muitas de suas armas brancas enfeitam as cinturas dos detectives de Fortaleza.

Cansada de esforços inúteis para reaver os seus punhais, a escritora começou a colecionar bombas. Conseguiu organizar um arsenal. E mal surgiu a oportunidade lançou os petardos contra os inimigos. Os seus últimos artigos são verdadeiras cap-sulas de nitroglicerina, que explodem no campo oposto causando pânico e terror. Tanto mais violento é o efeito das granadas, quanto maior foi a compressão dos recalques.

JORNALISTAS & ESCRITORES

A nossa palestra com a escritora começou com uma troca de palavras em torno dos problemas ligados aos profissionais da pena, suas reivindicações e seus anseios.

A uma pergunta nossa, responde a romancista:

— Todos estão lutando por um mundo melhor. Os jornalistas estavam entre os que queriam melhoria de vida. Foi-lhes dado um salário mínimo, com o qual queriam satisfazer todos os profissionais da Imprensa. Mas os escritores, os que colaboram, os que trabalham de fora para os diários e as revistas, estes ficaram esquecidos. A situação do intelectual permanece a mesma.

— Mas os livros, no Brasil, não podem por si só garantir a subsistência dos autores?

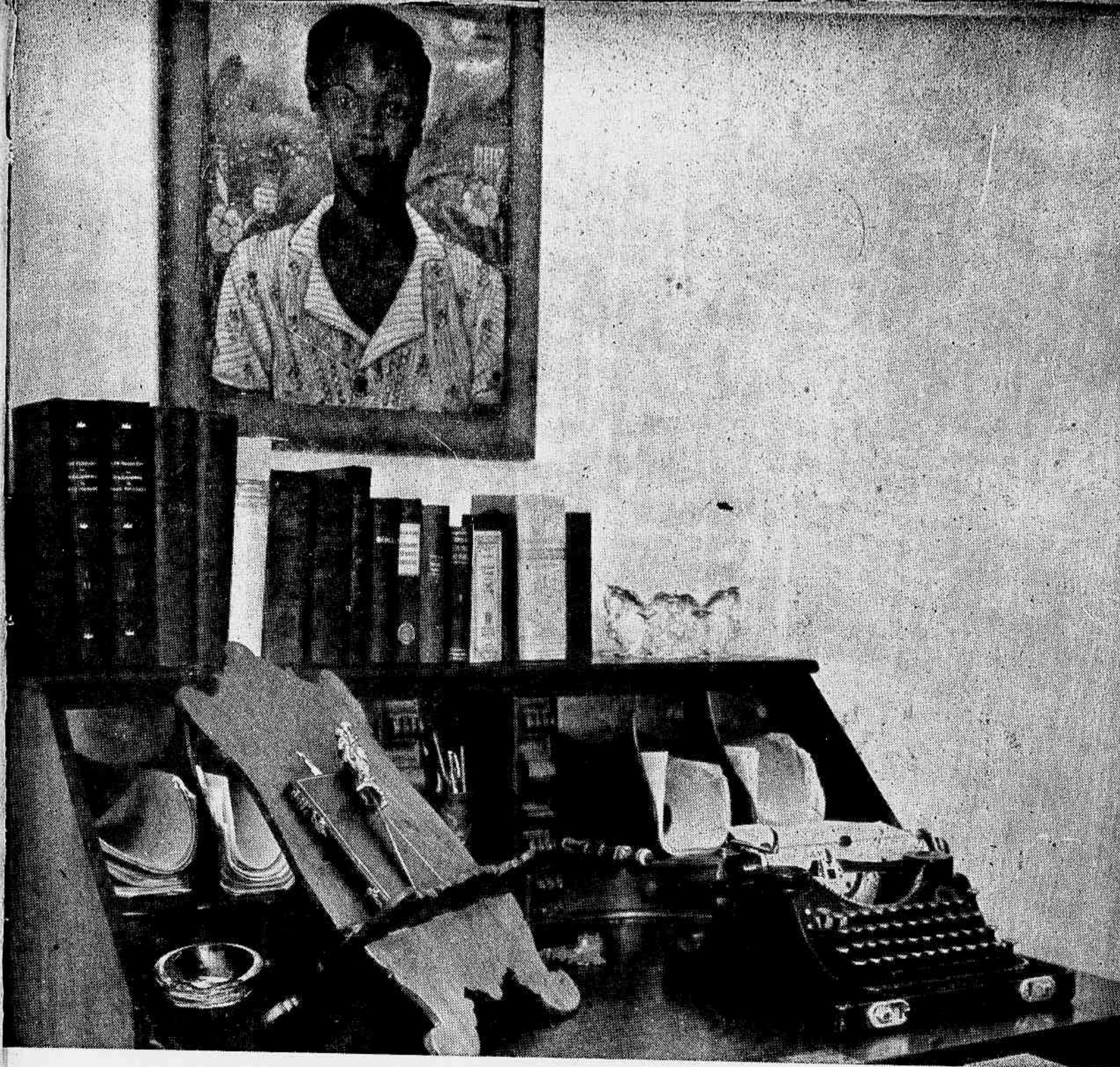
— Seria irrisório que alguém tentasse viver de romances em nosso país. O preço pago ao autor por uma edição chega a ser ridículo. Os escritores brasileiros têm mesmo que se sujeitar à condição de colaboradores de jornais, embora também esta seja uma profissão pouco rendosa. Os jornais para os quais enviamos nossos artigos pagam pouco, mas pagam. Acontece que esses mesmos artigos são reproduzidos em uma dezena de jornais do interior, dos quais nos chegam alguns exemplares enviados pela redação, e que nunca são acompanhados por um cheque ou vale postal.

No Brasil é sempre assim. Todos se julgam com direito de publicar o que os outros escreveram, vender os jornais e guardar os lucros para si, sem se lembrar que a fôlha encontrou público por causa dos artigos. E se o escritor reclama, os donos dos jornais exclamam surpresos: "Que grandes mercenários! Exijam dinheiro por um artigo!" E nenhum deles se peja em pedir a colaboração gratuita ao seu amigo escritor. Julgam que o intelectual vive de idéias e se alimenta de dialética. Essa é a triste realidade.

— Não acha então que um serviço bem organizado de "copyright" resolveria a questão?

A autora de "O Quinze" coleciona punhais. Ei-la aqui mostrando ao reporter um dos melhores exemplares de sua coleção: uma grande "lambadeira", que tem a seu crédito nada menos de 16 vidas, inclusive a do seu próprio dono, um valentão do Ceará. Cada vítima é assinalada por um pequeno sulco feito no dorso da lâmina. E quantos sulcos!





A mesa de trabalho da romancista. Esta secretária pertenceu ao avô de Raquel de Queiroz e é uma peça magnífica de jacarandá. Sobre ela está sempre de prontidão a máquina de escrever. Ao lado, sobre a tragédia de Hamlet, repousa um punhal da coleção, cópia de um trabalho de Benvenuto Cellini.

— Talvez resolvesse. Essa é uma das soluções a serem estudadas. O fato é que necessitamos encontrar uma saída para essa situação. O caso foi tratado no Congresso Brasileiro de Escritores, mas não se encontrou para o mesmo uma solução imediata.

E continua:

— Assim continuam os escritores a lutar pela melhoria de sua própria vida, enquanto têm que lançar também a sua inteligência na campanha pela melhoria da vida dos outros. O nosso caso particular faz parte de um programa de reivindicações que devem ser satisfeitas imediatamente, mas julgo que, ampliado esse plano, poderíamos nós, os escritores, enquadrá-lo na vasta plataforma de satisfação das necessidades do povo. Mesmo porque não podemos ser uma classe divorciada da massa.

A TRADUTORA RAQUEL DE QUEIROZ

Em dado momento perguntamos à romancista:

— A senhora então não vive exclusivamente da pena?

— Da pena não vivo de maneira alguma. Vivo antes da máquina de escrever. Mas não vivo — como ninguém vive no Brasil — de escrever romances. O intelectual brasileiro, que não ocupe um cargo efetivo em qualquer redação, se não se dispuser a ocupar uma sinecura pública, pára sempre diante de um dilema: teatro ou tradução.

O teatro pode ser considerado em verdade uma profissão, por isso que os direitos autorais pagos aos sócios da S. B. A. T. são sagrados. Os romancistas, os contadores, os críticos são esquecidos, e suas

obras podem ser reproduzidas em todos os recantos do país, em parte ou na íntegra, sem ônus para os jornais que as aproveitaram. Eis por que, precisando como toda gente de ganhar dinheiro, lancei-me às traduções. Não porque esse seja um trabalho fácil, ou porque seja essa uma profissão rendosa, mas simplesmente porque as traduções são pagas, ao passo que, muitas vezes, os outros trabalhos não o são. As editoras para as quais trabalho pagam os trabalhos pontualmente, a um preço razoável. Essa sorte, porém, não têm todos os tradutores. Muitas vezes as casas editoras novas, ou mesmo antigas, recebem os originais de uma obra traduzida à custa de muito trabalho, publicam-na, vendem-na por um bom dinheiro, e mandam ao pobre tradutor dois exemplares com uma dedicatória amável.

Neste ponto da conversa, aproveitando o assunto, não pudemos deixar de indagar de Raquel sua opinião a respeito da onda de traduções que invadiram ultimamente o nosso mercado livreiro.

Ela nos responde:

— Isso se deve simplesmente ao espírito comercial dos editores. Assim pensam eles: "A Rússia está em fogo? Vamos lançar livros sobre a Rússia, sejam bons ou maus, traduzidos de qualquer maneira". E lançam à praça livros bons e maus, traduzidos de "qualquer maneira". E o melhor modo de ganhar dinheiro, para um patrão, é pagar pouco ao empregado. Acontece, entretanto, que os tradutores de nome não se sujeitam às magras remunerações que os editores lhes querem dar em troca de seu trabalho. Os açambarcadores do mercado da inteligência aproveitaram-se então de rapazinhos semi-analfabetos, recém-saídos dos ginásios, que não

sabem traduzir e não sabem escrever. São esses os que perfazem a maioria de nossos tradutores. E os livros se vendem graças às bonitas tricômiãs das capas. Mas há outro problema ainda mais grave, que afeta profundamente a classe dos tradutores: trata-se do caso dos "negros", nome que damos aos trabalhadores incógnitos, utilizados pelos tradutores de renome para fazer-lhes todo o serviço. Uma vez traduzido o livro pelo "negro", o famoso "tradutor" assina o trabalho, leva-o ao editor, recebe o dinheiro e dá uns níqueis ao homem que empresou. Estas são as duas razões porque as traduções que aparecem nas nossas livrarias são, em sua maioria, ilegíveis. Os tradutores novos não sabem traduzir. E os velhos não traduzem.

"NOSSO DIA CHEGARÁ"

— E não haverá esperanças de uma breve mudança para melhor, nessa triste situação?

— Agora, mais que nunca, a esperança se apodereu de nós. Os recalques contidos durante muitos anos pela barreira censorial escaparam-se de repente, numa explosão nervosa de ânimos e atitudes revoltadas. Todos gritaram de uma só vez, num vozerio infernal. As bocas das rotativas, libertas da mordida, começaram a berrar "manchetes" estrondosas. Ninguém se contém, todos querem bradar cada vez

(Continua na pág. 41).

A escritora Raquel de Queiroz, fotografada num momento de descanso, em seu apartamento. Muitos se surpreenderão com a sua figura. Ela nada revela do espírito revolucionário da autora dos artigos inflamados, que tantos gritinhos nervosos provocaram entre os antigos integralistas. Ela é escritora, mas também mulher!



No perpassar de séculos, gerações construtoras pontuaram o Brasil de provas do seu esforço.

Desbravando sertões, povoando interior, defendendo litoral de invasores rapinantes ou não, desde primeiros povoadores e governadores, o Brasil antigo, por sucessivas gerações, levantou monumentos de arquitetura vária e de utilidade diversa, monumentos aqueles de ordem civil, militar e religiosa.

Coadjuvado pela incuria humana, o tempo encarregou-se de ir destruindo o que muito custara a edificar, Brasil a fóra.

Pela solidez dos materiais de construção nem todos os monumentos de recuadas épocas foram ao chão, resistindo ainda aos silentes assaltos da matéria densa, a abraçar-os para melhor aluá-los.

Ai estão para confirmação os templos jesuítas das Missões do Brasil meridional, templos cujos restos atestam a grandeza, a imponência de edificio inteiro. Excitem a admiração que as próprias obras arquitetônicas inacabadas despertam. Tais as Capelas Imperfeitas do mosteiro da Batalha em memória de Aljubarrota, pela de D. João contra D. João.

Com menor fama que a do monumento lusitano, quanto no Rio de Janeiro ficou memória da segunda igreja dos Jesuítas no topo do morro do Castelo até o arrazar deste. Serviu o templo de prova do preço das obras arquitetônicas inacabadas.

A obra jesuítica se recomendava por sua parte começada. De tal vulto era que chegou a dar teto a observatório astronômico, consentindo habitação, a de alguns que se votavam à inspeção do céu, de admirável mecânica.

Baixando à terra, seja assinalado o sucedido às nossas comissões de fronteiras, comissões meritorias no romper florestas, vadear rios, afrontar obstáculos com perigo de vida.

Reverentes, em remotos sítios, aquelas comissões têm descoberto fortificações e armas de guerra do passado. Uma e outras, no inesperado de seus encontros, atestam a pedra, cal e bronze a preocupação do Brasil preterito de preservar e defender a intangibilidade do solo brasileiro.

Cuidando das cousas terrenas, com as divinas preocuparam-se nossos maiores, enchendo patria de Casas de Deus, igrejas, capelas, ermidas, para honrar o Todo Poderoso em pompa ou humildade.

Nas donatárias, nas capitânias, nas províncias, mostrou-se o sinal da Fé, renovada no seio das populações.

Capitania, provincia, Goiaz o confirma pelos seus fastos e seus anais. Consideraram-os o marechal Cunha Mattos e o padre Silva e Souza, associados no estudo da mesma terra da qual Vila Boa foi centro primitivo.

De Goiaz antiga fornecem preciosas notícias tanto o militar português como o padre mineiro do Serro Frio e a ambos pouco escapou de antigos tempos goianos.

Guiem-nos Cunha Mattos e Silva e Souza. A's vezes a preocupação de copia bibliográfica aloga os assuntos na contradição. Não raro a confusão é gerada pelo desejo do quanto mais melhor. Nem sempre.

A história do Brasil colonial mostra-nos Goiaz governada a principio pelo capitão general de São Paulo. Só alcançou governador privativo na fidalga pessoa de D. Marcos de Noronha, 6.º conde dos Arcos, na distribuição de graças da aclamação de D. José I. Vice-rei do Brasil na Bahia, o conde dos Arcos, em posição semi-real, honraria a sua estirpe.

Dirigindo-se a Goiaz, D. Marcos encontrou, em Minas, quem acabava de reger a capitania goiana e vinha de rumo ao Rio de Janeiro. Era Gomes Freire de Andrade, por ordem régia indo a reger todas as capitânias do Sul.

Na lembrança de Gomes Freire, que belo e curioso estudo seria o do exame da ação dos governadores do Brasil colonial, uns louvados, outros censurados, uns de boa, outras de má raça, para estima ou repulsa de povos. A indicada análise teria de ocupar muita vida do seu elaborador. Goiaz, na obra, alcançaria capítulo, segundo Cunha Mattos capítulo honroso, pela comparação da terra goiana com outras terras nossas.

Esse pequeno exemplo. Tendo corrido muito Goiaz, Cunha Mattos declarou não haver nele um embriagado, em terra de muita aguardente, não se conhecendo em Goiaz "bebados de profissão, mesmo os notados de indulgentes na bebida não se podendo comparar com os borrachos que a cada passo se encontravam em outras provincias do Imperio". Isto em 1824.

Cunha Mattos e Silva e Souza, apresentaram o povo goiano com nobres traços

FACHADA DA IGREJA DE N. S. DA ABAZIA, NA CIDADE DE GOIAZ.

—ESCRAGNOLLE DORIA—

RELIQUIAS HISTÓRICAS

de caráter, feliz a época no qual ele sóbra, desgraçada aquela em que some quase.

Tratando de Goiaz, Cunha Mattos arrolou-lhe os edificios mais notaveis, já publicos, já particulares, já sagrados. Nestes os mortos encontravam chão, a gente pobre dos campos, sempre tanta, indo a tumulos em cemiterios de roça cuja simplicidade a natureza enfeita com flôres silvestres.

Na antiga Vila Boa, depois provinciana capital de Goiaz, Cunha Mattos pôs em lista sete igrejas substitutas de capelas da idade de ouro goiana, a das minas auríferas.

Os descobridores ou exploradores delas, de passagem ou de permanencia, edificaram templos ao perlustrarem, excavarrem, lavrarem, batearem, falcarem e garimparem.

De erario regio ou mealheiro privado foram tirados oitavas, cruzados, grãos de ouro, para ajuda do erguer de templos de maior ou menor pórtio; simples capelas ou fabricas de vista, avultando por tamanho e ornamentação.

Descobridores de Goiaz, para futura matriz, deram solo em Vila Boa à capela de Santa Anna. Vieram outros e no mesmo local, sob o mesmo orago, levantaram matriz, as igrejas filiais a qualquer matriz formando-lhe familia. A expressiva palavra filiam diz muito na Igreja tida por Mãe de fideis.

O culto divino, aos que não lhe podem dar realce, pede decencia. Tinham esta todas as igrejas da capital goiana, mesmo as mais pobres.

Principal ornato nos templos de outrora era a prata, empregada nos lavrados objetos do culto, tanto nas grandes lampadarios para a luzinha do *lausperene*, como navetas de guarda ao incenso.

Reservava-se o ouro para adorno de paredes, colunas e altares.

Cunha Mattos, na igreja da Boa Morte, deu noticia de pinturas a fresco, "de alguma elegancia". Pena não ser dito o que representavam ou de que artista provinham, perito na pintura a fresco tão suscetivel, apesar disto de emprego em templos coloniais, nestes o azulejo em brilhos.

Nem a palacios faltaram pinturas a fresco, como as que, em arremedo galante de Watteau, Adriano Taunay foi encarregar no paço dos governadores em Vila Boa de Mato Grosso.

Na lista das igrejas da goiana Vila Boa, incluiu Cunha Mattos a dedicada a Nossa Senhora da Abadia. Citando-a, à laconica, disse-a ter o seu campanario um relógio, "feito pelo prodigioso e preguiçoso artifice José da Maia".

Prodigioso e preguiçoso este, como casar adjetivos tão diferentes na qualificação? A mingua de explicações, lembremos que em nossas antigas provincias a relojoaria foi arte praticada.

Para o Museu Historico do Arquivo Nacional, museu de complemento à repartição e nela existente até 1922, quando em cargo dirigente adquirimos um relógio fabricado em Minas. A peça trazia data

de fabrico e menção do fabricante: Manoel da Infelicidade. Que inexplicado nome! Talvez significasse atribulada vida.

Na terra goiana, tida por de Bartolomeu Bueno, levantou-se a igreja de N. S. da Abadia. Deram-lhe vida e cuidados de artes, quando fundada pelo padre Salvador dos Santos Baptista. Obteve este coadjuvação popular em forma de esmolas, no dar cada um o que podia.

Como a igreja de São Francisco de Paula, a igreja de N. S. da Abadia, em Goiaz do Rio Vermelho, apresenta bastante que vêr.

Até bem pouco o patrimonio historico e artistico do Brasil era cousa desdenhada quando não mercadejada, não sem constante protesto oficial nosso, em razão de cargo e de convicção.

Entregue ao descaso e à venalidade nosso patrimonio artistico e historico esteve ao alcance de arrazadores ou de quem o pusesse em despatriotica almoeda.

Arrebanhando objetos de toda ordem e de marca ao nosso passado, compradores por sua vez de toda ordem e nacionalidade, percorriam Brasil, de norte a sul adquirindo por preço vil o que por bom preço vendiam a terras alheias.

Afinal, afinal, afinal um serviço publico veio pôr paradeiro ao que por demais subsistira em desprestigio de cultura. Confiou-se o Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional a pessoa apta para comprehender a natureza, os fins, as responsabilidades do cargo a ela entregue.

Está escrito o nome do Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, não ainda dispondo da extensão de autoridade nem dos recursos indispensaveis ao desempenho de missão relevante.

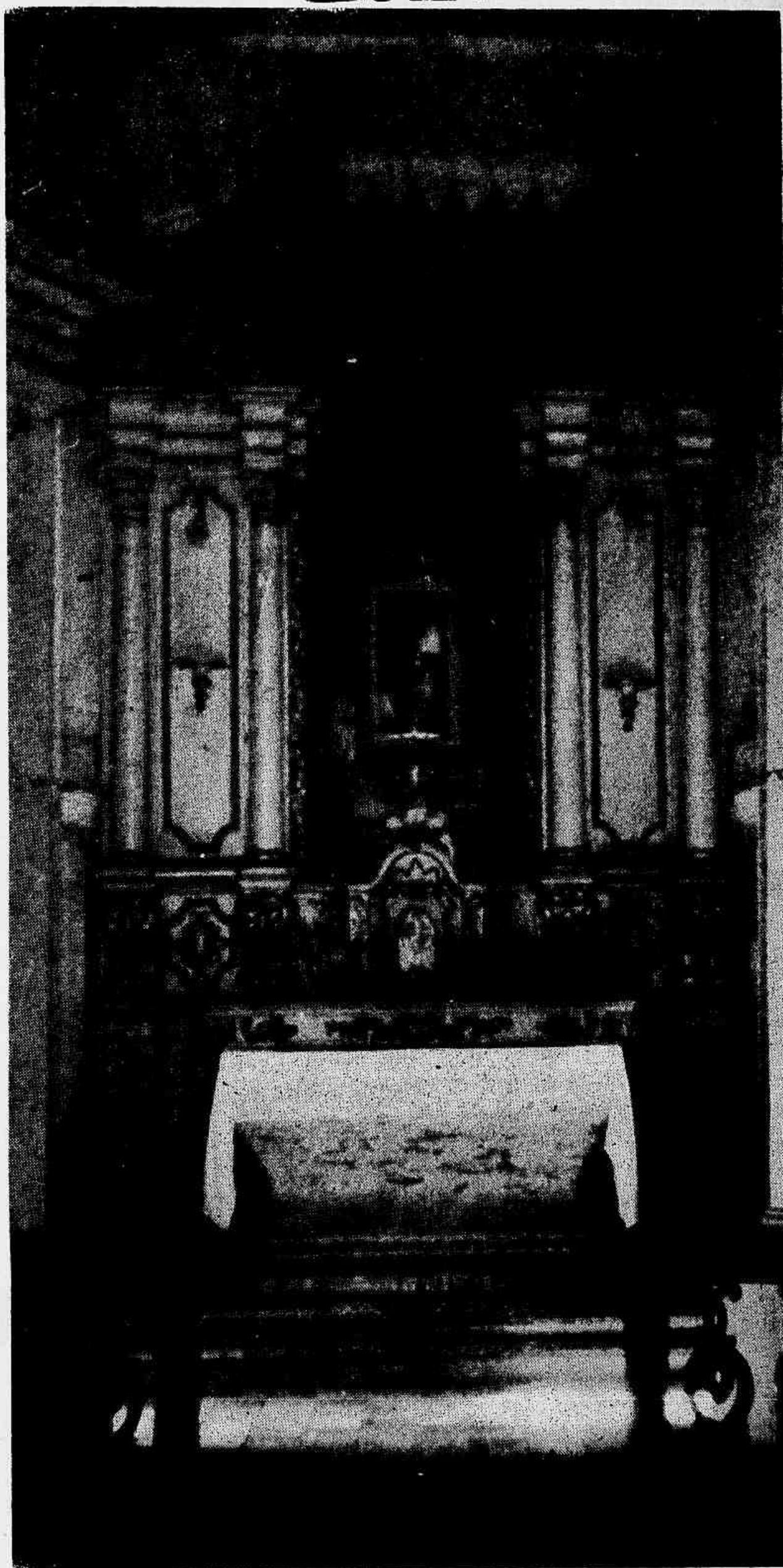
A começar pelo Rio de Janeiro, o Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional, por diversos modos, tem resguardado ou conservado assáz, no vetar destruição de passado ou no conservar-lhe imagens.

Em Goiaz aquele Serviço já tem mostrado, a eficiencia de seus elevados prestimos, cuidando por exemplo da reconstrução da matriz de Pirenopolis, templo na sua vetustez tido pela construção mais antiga de Goiaz, edificado em 1734.

Vai a bi-secular a igreja de N. S. da Abadia venerada na ex-capital goiana e bem digna das vistas e do zelo do Serviço do Patrimonio Nacional na sua feição defensora de historia e arte.

A igreja da Abadia tem sido apreciada por entendidos em arte, turistas ou não, e o que alimenta a curiosidade no turismo é o passado, o desejo de vêr o que foi e não o que é a todos corriqueiramente presente.

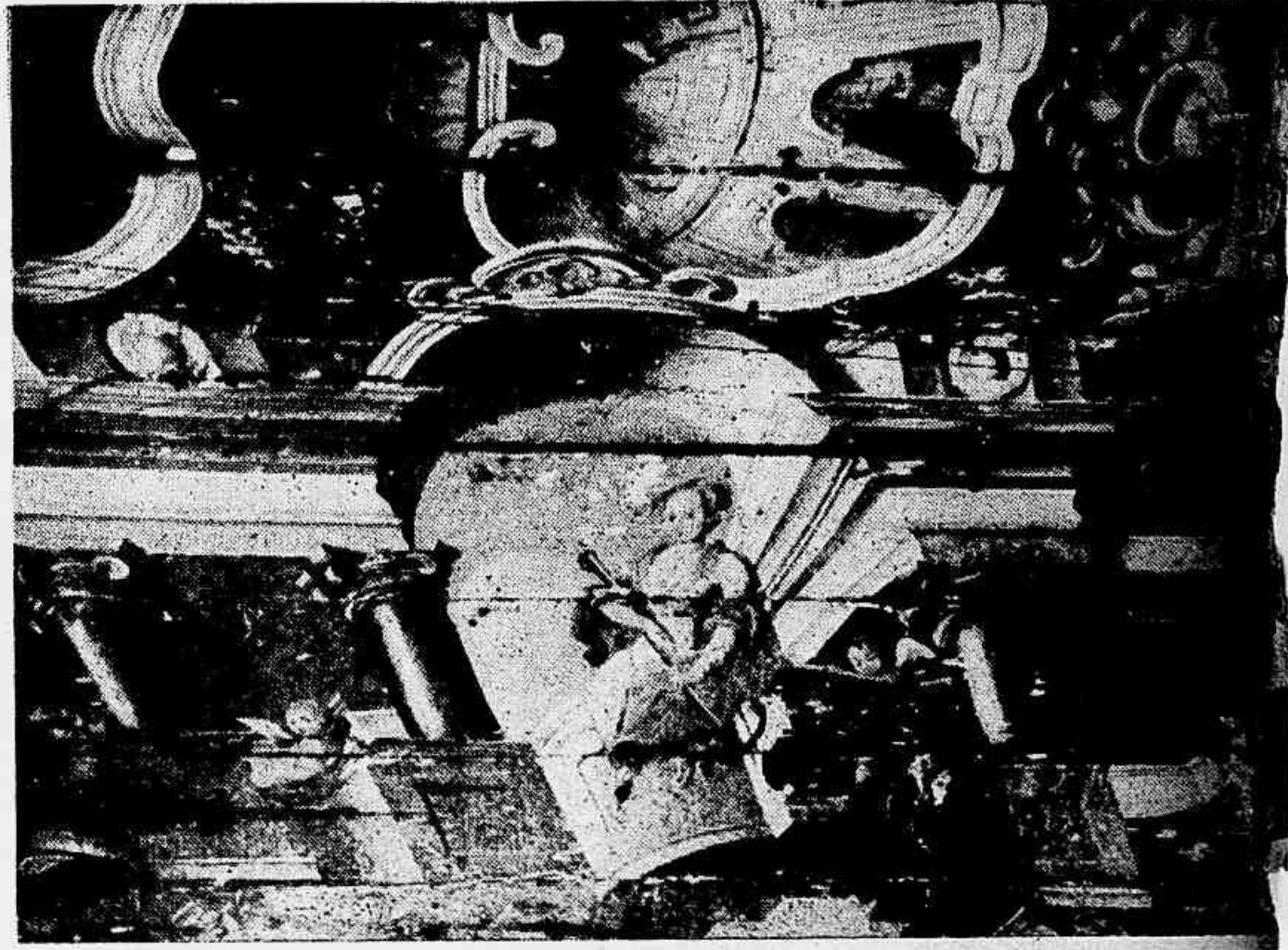
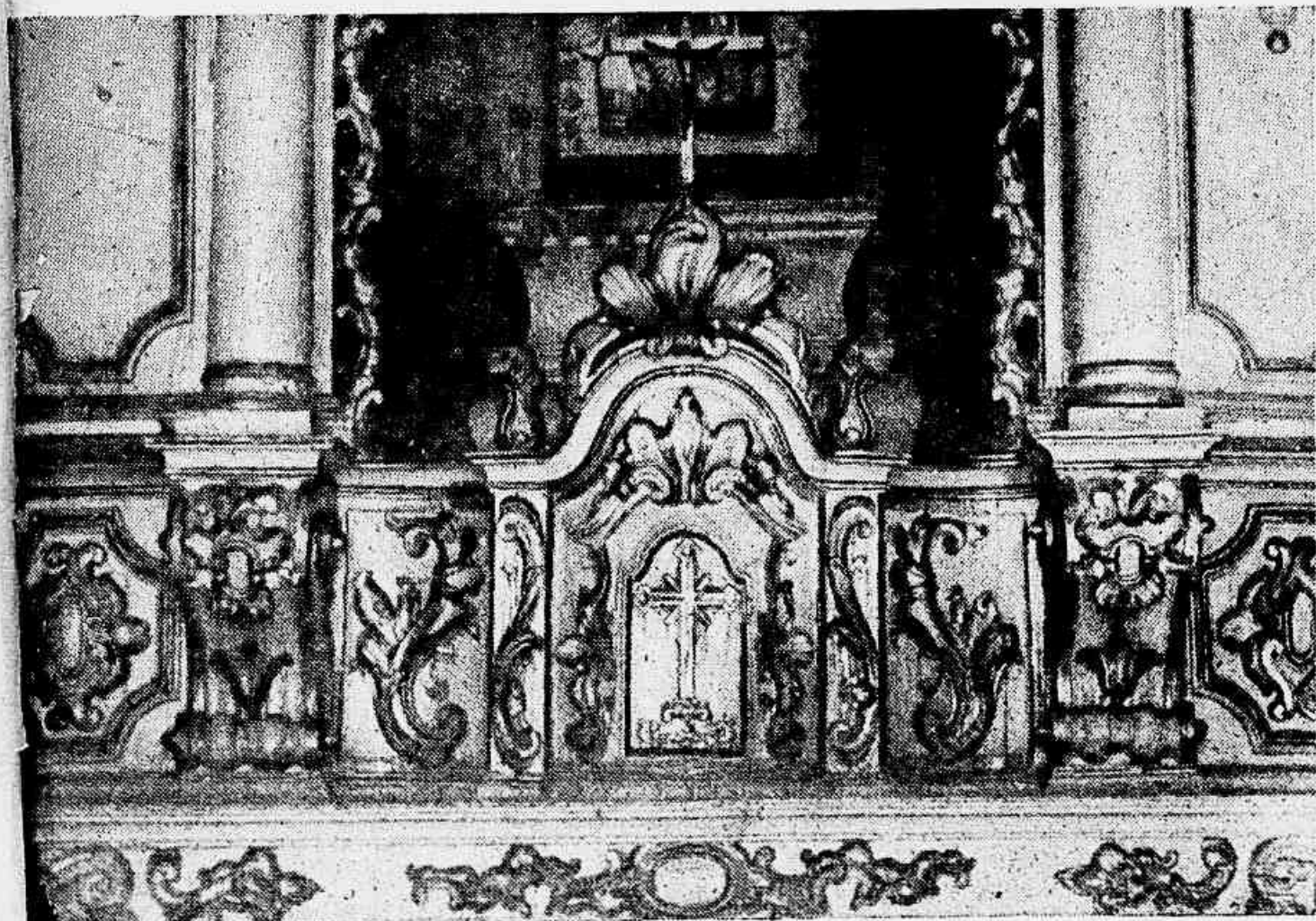
Ao Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional incumbe preservar o ainda patenteavel dos nossos tempos idos, dos quais conhecedor de arte, o padre Antonio Wasilk, disse, referindo-se à antiga capital goiana, que ela devia ser para Goiaz o que Ouro Preto é para Minas". Que o voto vá a cumprir-se.



ALTAR MOR DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA.

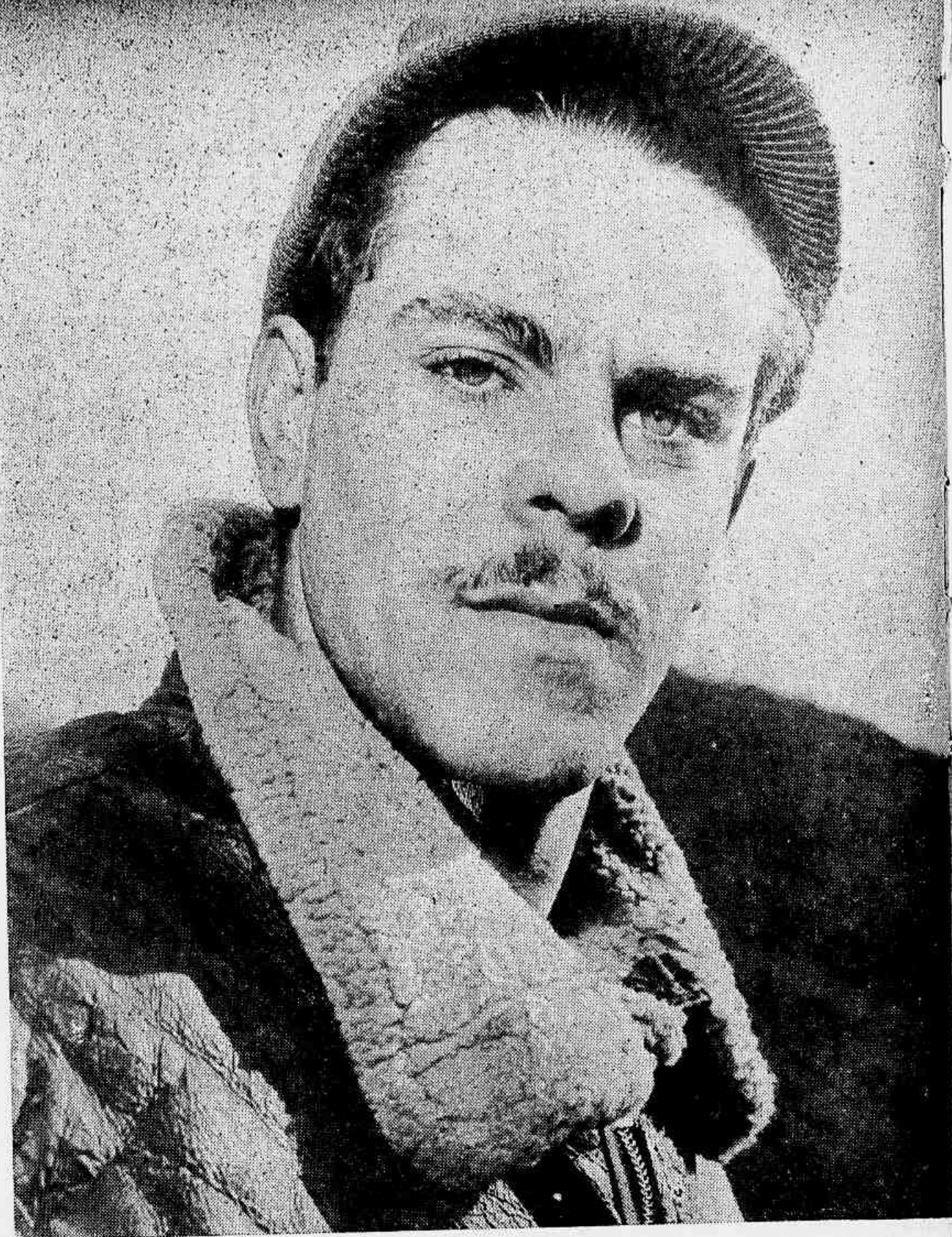
PARTE CENTRAL DO ALTAR-MOR DA IGREJA DE N. S. DA ABADIA, COM FRISOS DOIRADOS, OBRA DE 1792.

PARTE CENTRAL DO TETO DA IGREJA DA ABADIA, NOTANDO-SE NA REPRODUÇÃO A ABERTURA DAS TABOAS DO MESMO TETO.





Jair Soares dos Santos, do Estado do Espírito Santo, membro de uma esquadrilha de observações de artilharia da Força Aérea Brasileira em operação na Itália, na qual funciona como mecânico de bordo.



Outro mecânico da esquadrilha de observações de artilharia da Força Aérea Brasileira: Fausto Vilanova, de Porto Alegre. A unidade da F. A. B. a que ele pertence tem se destacado no céu da Itália.

Soldado norte-americano socorrendo uma criança filipina. Os primeiros benefícios da libertação de Manilla se fizeram sentir logo após a entrada dos soldados americanos na cidade. Para esta menina a vitória valeu os socorros médicos de que necessitava.



A GUERRA

(Fotos S. I. H.)

A ofensiva dos exércitos aliados na frente ocidental, que se havia apenas delineado no princípio do mês, generalizou-se por todo o **front** e cresceu em intensidade, levando as vanguardas anglo-norte americanas ao coração da Alemanha e ameaçando Berlim, agora pelo lado oposto ao setor visado pelo avanço soviético.

No dia 27 já haviam os exércitos de oeste cruzado o Reno numa larga extensão, fixando uma frente ampla nas margens orientais do grande rio, transplantando assim, definitivamente, a guerra para o interior do território germânico.

Francfort Sobre o Reno foi ocupada por formações blindadas americanas, e a infantaria consolidou na velha cidade as posições tomadas aos nazistas.

Em dois dias de combate, avançaram os soldados das Nações Unidas mais cinquenta e cinco quilômetros na direção da capital alemã, com grandes perdas para os nazistas, em homens e material.

No **front** oriental a situação não é menos negra para os derrotados exércitos de Hitler.

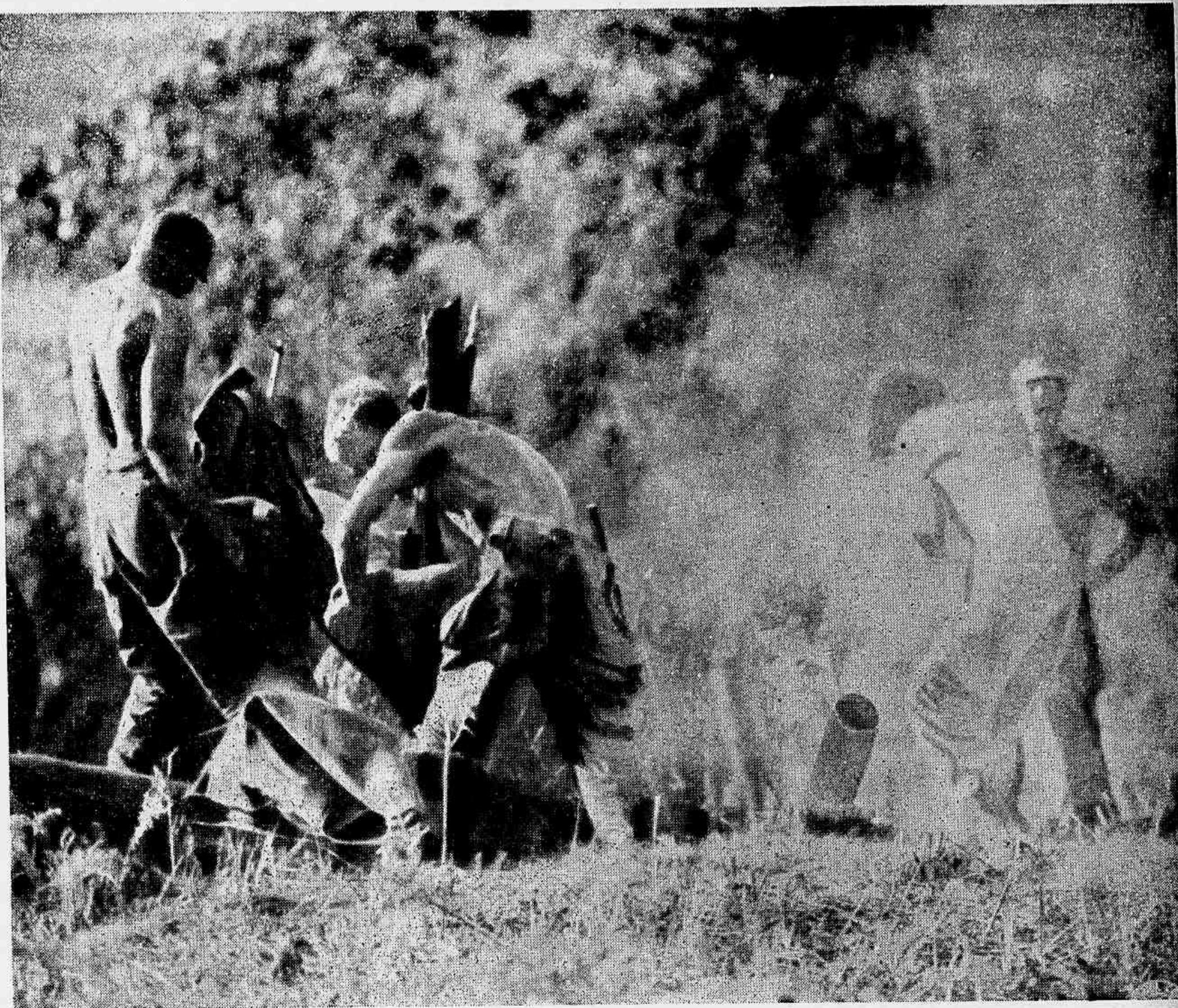
Nada menos de três exércitos russos investem para Berlim, em marcha acelerada, levando à frente uma imensa massa de unidades couraçadas, arrazando tôdas as fortificações defensivas postas no seu caminho.

Por outro lado, um milhão de soldados do Exército Vermelho se lança sobre a Áustria, e Viena está hoje diretamente ameaçada pela grande ofensiva soviética.

Stettin e Dantzig, baluartes germânicos que resistiram à investida russa, estão praticamente sitiadas, e a sua queda é esperada a qualquer momento.

E assim se estreita rapidamente o cinturão de ferro lançado em torno do que resta do Império Alemão, o sonho megalomano de Hitler, que lançou à luta tantos milhões de homens.

Com os avanços aliados na frente italiana, com a ofensiva americana no Pacífico, com os sucessos da Birmânia, nada mais restará do delírio de dominação fascista.



EM MARCHA

José Gomes de Figueiredo, mecânico, do Ceará, membro da esquadrilha de observação de artilharia da F. A. B. em operação no front da Itália.



Morteiro da infantaria americana, sob a inclemência dos raios do sol tropical, em ação na Birmânia. Graças à bravura e à persistência das tropas aliadas naquele setor, os japoneses estão sendo varridos de toda a região.

Antonio Pioli, outro mecânico da esquadrilha de observações de artilharia da Força Aérea Brasileira, que se tem distinguido nas batalhas em que se empenham os brasileiros na Itália.

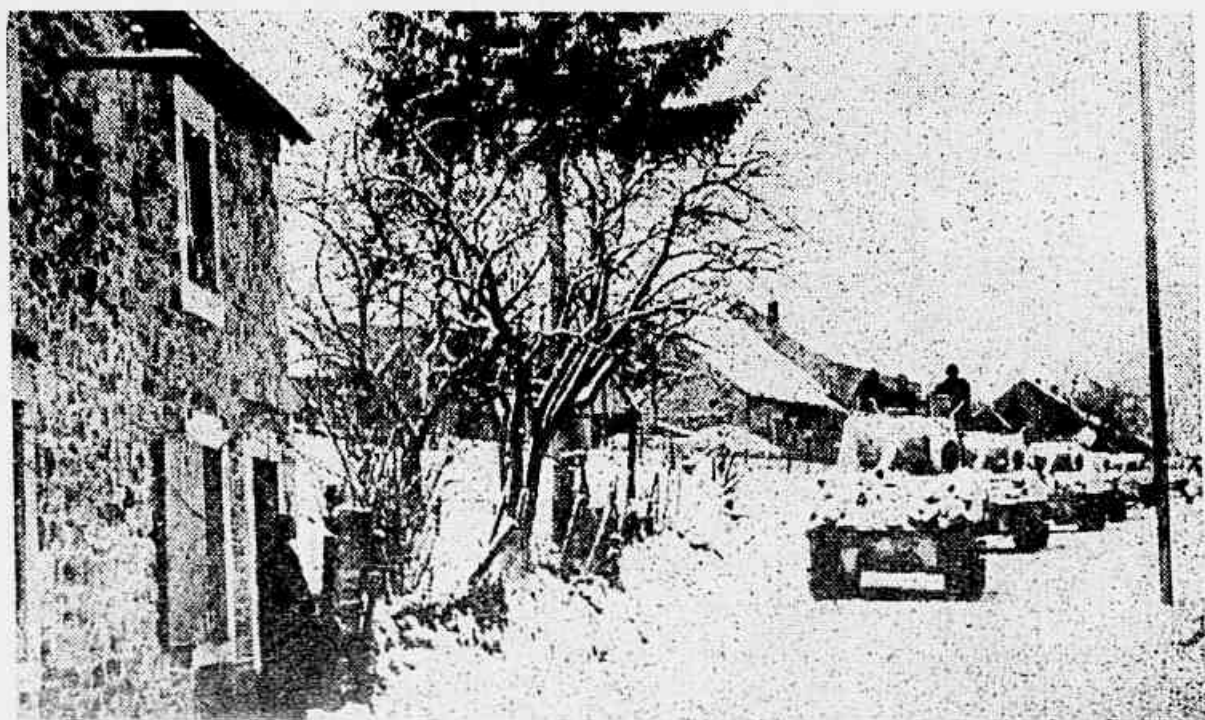




TRISTE FIM DE UMA AVENTURA — Eis aqui um aspecto característico deste fim de guerra. Dois jovens prisioneiros nazistas. Eles deixaram-se influenciar pelos discursos inflamados de Herr Goebels, e tomaram os fuzis para buscar em outras terras a glória dos heróis. Hoje, abatidos, desanimados, levantam aos céus os braços magros, pedindo clemência.

VOLTA AO TRABALHO — Esses civis alemães estão trabalhando para o Corpo de Engenharia do Exército Norte-Americano em ação no território do Reich. Eles parecem estar satisfeitos com a sua nova situação de trabalhadores livres.

CAMOUFLAGE — Unidades de um corpo de tanks de uma divisão blindada norte-americana em ação no front da Alemanha, avançam protegidos por uma pintura branca que os confunde com a neve, que cobre agora toda a extensão da frente de luta.



Muitas das nossas leitoras nos têm pedido que lhes oriente sobre tratamento de cabelos e penteados. Sobre o primeiro assunto podemos dizer o seguinte: arranhe, antes de mais nada, uma boa escova e dê pela manhã e à noite umas boas "escovadelas". Isso não só livrará seus cabelos da poeira acumulada durante o dia, como também fortificará e dará brilho aos cabelos. Consiça um bom **shampoo** e, pelo menos de oito em oito dias, lave a cabeça fazendo massagens sobre o couro cabeludo. Dê preferência a um **shampoo** oleoso, no caso de ser o seu cabelo seco e quebradiço. Para se obter um ótimo resultado, aplique antes o **shampoo**, e depois enrole a cabeça numa toalha molhada em água quente. Com o calor o óleo se encarregará de fazer a limpeza dos cabelos, deixando-os também bastante macios. Quanto ao penteado, naturalmente você deverá procurar um que assente à sua fisionomia. Usa-se muito, atualmente, o cabelo curto, mas é claro que ele vai melhor para as fisionomias jovens e só deverá ser usado com um bom permanente. Tam-

Gipsy Rose Lee (R.K.O.)

NOS BASTIDORES FEMININOS

bém o cabelo longo e solto está em grande moda, lançado aliás pelas americanas, que com os serviços de guerra não encontravam tempo para penteados complicados. O cabelo longo e solto deverá ser muito bem cuidado, para evitar a impressão desagradável de desleixo. E se você, leitora, tiver um rostinho oval, use ainda o cabelo para o alto, com **boucles** caindo sobre a testa.

Kitty



O HOMEM QUE QUERIA

Conto de ZENAIDE ANDREA

172... 174... 176!

Então chegara. Apertei o botão da campainha e esperei.

Era uma casa antiquada, um tanto pretenciosa nas suas janelas em arco Tudor, que se escondia entre velhas árvores. Na frente havia um jardim meio abandonado, para o ar umas poucas cravinas e uns tinhorões banais. No muro ao lado, sufocada pela erva, uma carranca escurria um fio d'água para um pequeno lago de cimento já muito desbeigado nas bordas rústicas.

A porta abriu-se afinal, e a cabeça de um criado apareceu.

— O sr. Meireles está? — perguntei.

O homem não respondeu mas, apanhando um molho de chaves, veio abrir o portão.

— Faça o favor...

E passando novamente o cadeado:

— Pode seguir-me...

Entrei para uma saleta abafada que, a julgar pelas estantes e pela secretária, devia ser o escritório do dono da casa. Uma grande negligência, porém, dominava o ambiente, e cá e lá, à proporção que os meus olhos começaram a se familiarizar com a semi-penumbra, fui descobrindo gravatas, sapatos e até camisas atirados pelo chão, sob as cadeiras e atrás da porta.

O criado desapareceu e eu fiquei esperando. Olhei os livros. Também entre eles a desordem era evidente — obras de Amado Nervo ao lado de tomos de matemática e de física; poesia de Castro Alves, romances de Aluísio Azevedo e contos de Maupassant ombro a ombro com relatórios do Ministério da Agricultura e compêndios de farmácia...

O que mais me chocou, entretanto, foi o número exagerado de trabalhos sobre psiquiatria e venenos. Uns então traziam as lombadas títulos verdadeiramente estranhos, como, por exemplo, estes: "Eu fui louco!", "O paraíso da demência", "Abaixo o raciocínio!", "A felicidade e a razão", etc. Sobre a secretária amontoava-se um ror de manuscritos, mas tudo numa letra tão ruim que apenas a custo consegui decifrar uma palavra ou outra.

Não sei quanto tempo fiquei a bisbilhotar aquele curioso escritório. Só sei que a certa altura ouvi passos pelo corredor e tratei de ensaiar uma atitude discreta, afundando-me numa poltrona. Fiz bem, porque um senhor alto, de meia idade e muito bem penteado surgiu-me, súbito, ante os olhos, vestindo elegante **robe de**

chambre negra. Apesar do seu ar de neurastênico, ele me pareceu bastante simpático. Lembra-vagamente a figura do presidente Wilson. Sorrindo-me, perguntou o que desejava.

— Venho pelo seu anúncio. O senhor procura um professor de normânico, não é?

— E a senhora está em condições?

— Não! disse-lhe com energia. Não sei uma palavra desse idioma...

O homem franziu a testa, surpreso.

Expliquei-lhe então que no edifício onde morava vivia um senhor que falava essa língua, mas como era paralisado não podia sair de casa e pedira-me para ajudá-lo.

— O senhor talvez poderá ir até ao apartamento dele e tomar lá as lições que deseja, acrescentei.

Durante algum tempo ele não me disse nada, o olhar perdido nos seus pensamentos. Depois, aproximando-se das estantes, delas arrancou um livro. E voltando-se para mim:

— Eu não quero propriamente aprender o normânico, minha senhora. Desejo apenas que alguém me traduza o conteúdo deste trabalho.

E mostrando-me o volume:

— Leve-o e faça-me o obséquio de ver se o tal paralisado seu conhecido é capaz de traduzi-lo.

Momentos depois eu dava contas da minha missão. O professor de normânico olhou demoradamente para o livro e, após folheá-lo, exclamou:

— Isto já foi traduzido para várias línguas, inclusive, creio eu, para o português. E' encontrado em qualquer "sebo" da rua S. José. Trata-se da "Arte de enlouquecer", um trabalho de importância quase que exclusivamente folclórica, que ao tempo do seu aparecimento na Europa logrou algum sucesso. E' uma coletânea de contos, de receitas e de conselhos populares sem outro valor que o de material documental.

E, muito prolixo, explicou-me durante longos minutos que a primeira tradução se devia aos irmãos Grimm, como consequência dos seus famosos estudos filológicos e folclóricos, e que por alguns anos certos trechos desse livro tinham servido como fonte de citações para os estudiosos da época.

Ponderei que o tal sr. Meireles ignorava certamente tudo quanto acabava de me contar e que, como tal, ele poderia aceitar a incumbência de traduzir o volume em questão.

— Sempre são uns centos de cruzelos, sr. Henderson, arrematei. E ademais o homem não quer saber se isto está traduzido ou não. O que ele quer é que o senhor o traduza.

O paralisado fez um gesto negativo. E devolvendo-me a obra:



ENLOUQUECER

Ilustrações de JOSE' ANTONIO

— Não! Não seria honesto...

Em vista disso, não me restou outra alternativa que a de devolver o volume ao sr. Meireles, o que fiz no mesmo dia. Lembro-me que o homem ficou um tanto chocado com a resposta do professor, e por muito tempo pensei que a sua decepção nada mais fôsse que o desfêcho de um pequeno drama nos arrastais da bibliofilia — a nova desagradável de que um livro por ele reputado raridade podia ser encontrado em qualquer uma das portinhas dos "sebos" da rua S. José. E não pensei mais no assunto.

Anos depois, porém, fui trabalhar na firma Guedes & Soares e, certo dia, o gerente me pediu para fazer uma visita ao Sanatório S. Felipe, afim de tentar um ajuste com a direção do mesmo, a propósito de uma partida de drogas. A missão não era fácil, pois a referida mercadoria fôra adquirida pelo Sanatório, mas este, a seguir, por questões de nonada, a impugnara e, como tal, não só o pagamento ficara em suspenso, como o bom nome da firma seriamente ameaçado. Sim, porque imediatamente a concorrência começou a assoalhar pelos hospitais e pelos consultórios que as nossas drogas não valiam nada. E' verdade que, ao fim, tudo se esclareceu e se resolveu a contento dos meus chefes, mas para isso tive que gastar muita retórica com o velho dr. Cardoso que, como tesoureiro do Sanatório, defendia os dinheiros do mesmo com uma fidelidade digna de elogios. Oh! o dr. Cardoso!... Que velho usurário, santo Deus!... Durante um mês a fio frequentei-lhe o gabinete, argumentando, gesticulando, lembrando soluções capazes de cobrir os prejuízos materiais e morais dos srs. Guedes & Soares...

Uma tarde, quando mais animadas ecoavam as minhas ponderações à volta de sua secretária, ouvi um barulho tremendo no corredor ao lado. Eram gritos, ruídos surdos de corpos rolando pelo chão, imprecações.

Tanto eu como o dr. Cardoso corremos a ver o que era. À primeira vista tudo não passava de uma cena corriqueira de manicômio — um louco em crise de fúria atravava-se contra os enfermeiros e lutava desesperadamente para livrar-se da camisa de força.

Habitado àquilo, o médico recomendou um banho quente e voltou tranquilamente para o seu lugar.

De pé, mas já impotente, o infeliz perseguia berrando e ameaçando. Foi então que reconheci o desgraçado — era o sr. Meireles, o homem que queria um professor de normênico para traduzir a "Arte de enlouquecer".

Ao vê-lo naquele estado, com os braços manietados e levado de arrastão pelos enfermeiros para o banho quente, senti uma grande pena. E imediatamente voltei à memória aquela manhã em que estivera na sua casa.

— Coitado! disse eu ao dr. Cardoso.

— Conhece-o? perguntou-me ele, limpando distraído o seu pince-nez.

— Como não? E' o sr. Meireles...

E contei-lhe a história do anúncio e do livro que ele queria traduzir.

O velho teve um sorriso triste e disse-me que também o conhecia.

— Fui até muito amigo do pai dele, acrescentou. Bom homem!... bom homem...

E encostando-se na poltrona:

— Já lá vão vinte anos que ele morreu. Era viúvo e possuía alguns bens. Ainda me lembro bem dele fazendo à noite o seu passeio a pé pela praia do Flamengo — sempre de branco, o ar grave, batendo com força a ponteira da bengala na calçada. Muito sanguíneo e quase sem peso, era conhecido como o melhor candidato à apoplexia da cidade. De fato, um dia, após o jantar, depois do seu copo de Borgonha e do seu peito de perdiz, rolou para sempre da cadeira ao chão.

O dr. Cardoso passou a mão pelos cabelos brancos e prosseguiu:

— O filho herdou dele a mesma retidão de caráter e o mesmo apêgo à solidão. Foi morar com os seus livros lá na casa onde a senhora o conheceu. Pouca saía e raras eram as que o visitavam.

Em geral os frequentadores daquele solar eram sempre os mesmos — antigos colegas da Faculdade de Direito e um ou outro amigo do pai. Eu figurava entre estes últimos...

E depois de ficar algum tempo absorto, a olhar o passado:

— O Meireles sempre foi um esquisitão, um caso clínico. Tinha a volúpia do estudo e costumava enterrar-se em leituras e em pesquisas sem fim. Era homem para passar às vezes cinquenta horas encerrado no seu gabinete de trabalho, alimentando-se apenas de torradas e de biscoitos. Rico, não precisando ganhar a vida, gastava o tempo entre pilhas de livros e rascunhando cadernos atrás de cadernos. Inúteis foram sempre os ensaios para arrancá-lo daquela reclusão voluntária. E ultimamente, quando se falava nisso, chegava até a se irritar, a se tornar descortez. Ele que era tão polido, tão gentil com todos...

— Quer dizer que foram as leituras que o levaram à loucura? perguntei.

— Não, respondeu-me com energia o velho, largando o pince-nez sobre o cristal da secretária. Antes de mais nada, ele não é um louco na verdadeira extensão do vocábulo. Um louco é um sêr que perdeu a razão, e o nosso Meireles tem-na em perfeita forma.

E tomando um ar doutoral:

— Se a senhora quiser, os livros, ou melhor, os estudos excessivos precipitaram apenas a sua enfermidade nervosa, a sua monomania, excitando-a até o delírio.

Eu estava curiosa. Pois se o homem não era louco, por que estava então ali na casa de saúde, a fazer jús à camisa de força e ao banho sedativo?

Sem prestar atenção à minha surpresa o dr. Cardoso continuou:

— O Meireles até os quarenta anos não se deteve jamais ante os problemas biológicos. A vida e a morte não passavam para ele de meros acidentes obrigatórios. Um dia, entretanto, apareceu-lhe em casa um parente com uma tuberculose em fase final, e ele não teve outro remédio senão assistir à marcha detalhada de todos aqueles últimos e dolorosos minutos do terrível mal. A agonia lenta, aflitiva, horrida em que durante dias se manteve o seu parente, despertou-lhe um tal pânico da morte que, paradoxalmente, quase o levou ao suicídio, em certo momento. Extremamente covarde ante a dor física, ele sentiu mais do que qualquer outro a tragédia que a cada um de nós está reservada no transe derradeiro da vida. Se ele fôsse um homem inculto, por certo que a terapêutica seria relativamente fácil. Era só dar-se início a um tratamento de auto-sugestão, fazendo-o ver que nem tôdas as agonias são tão aflitivas e lentas quanto as que usualmente marcam o final de uma tuberculose; convencendo-o que ao agônico nada mais é dado sentir, pois que a inconsciência começa com a derrocada final da vida... O Meireles, porém, é culto de mais para se deixar levar por hipóteses e por acomodações consoladoras. A auto-sugestão é uma mesinha para fracos de espírito, para ignorantes. E, como tal, o primeiro ensaio que se tentou com ele nesse sentido, fracassou por completo. E nem podia deixar de ser de outra maneira...

E apanhando por alguns instantes o seu pince-nez, para examinar melhor um papel que lhe trouxera um contínuo, prosseguiu:

— Escapar à agonia da morte tornou-se para ele uma idéia fixa. Na sua opinião a ciência tinha o dever de corrigir a aflição daqueles minutos finais da vida: "O homem deve cessar de existir com a mesma brevidade e a mesma simplicidade com que um interruptor corta a corrente elétrica de uma lâmpada, afirmava ele. A agonia de um ser tal como a vemos diariamente, arrastando-se durante horas e horas, é deprimente para a humanidade. Não se concebe que uma criatura morra em pleno século XX com a mesma primitividade com que expirava o habitante das cavernas. Isto é uma vergonha!" E, como um fanático, pôs-se a advogar a

idéia de uma campanha contra o que ele dizia ser "uma mancha biológica".

O velho falava um tanto emocionado, cravando em mim os seus pequenos olhos de miopo.

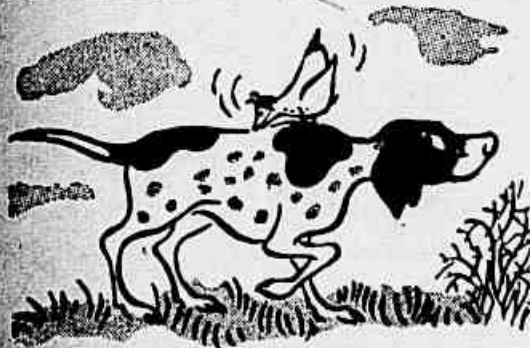
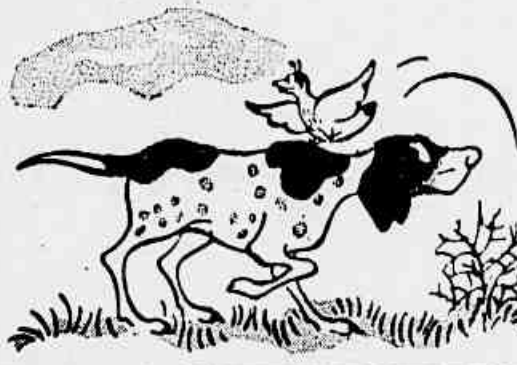
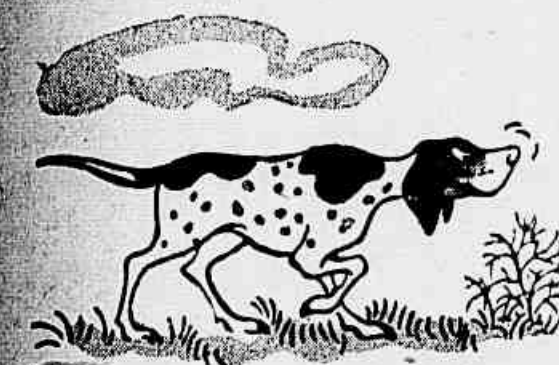
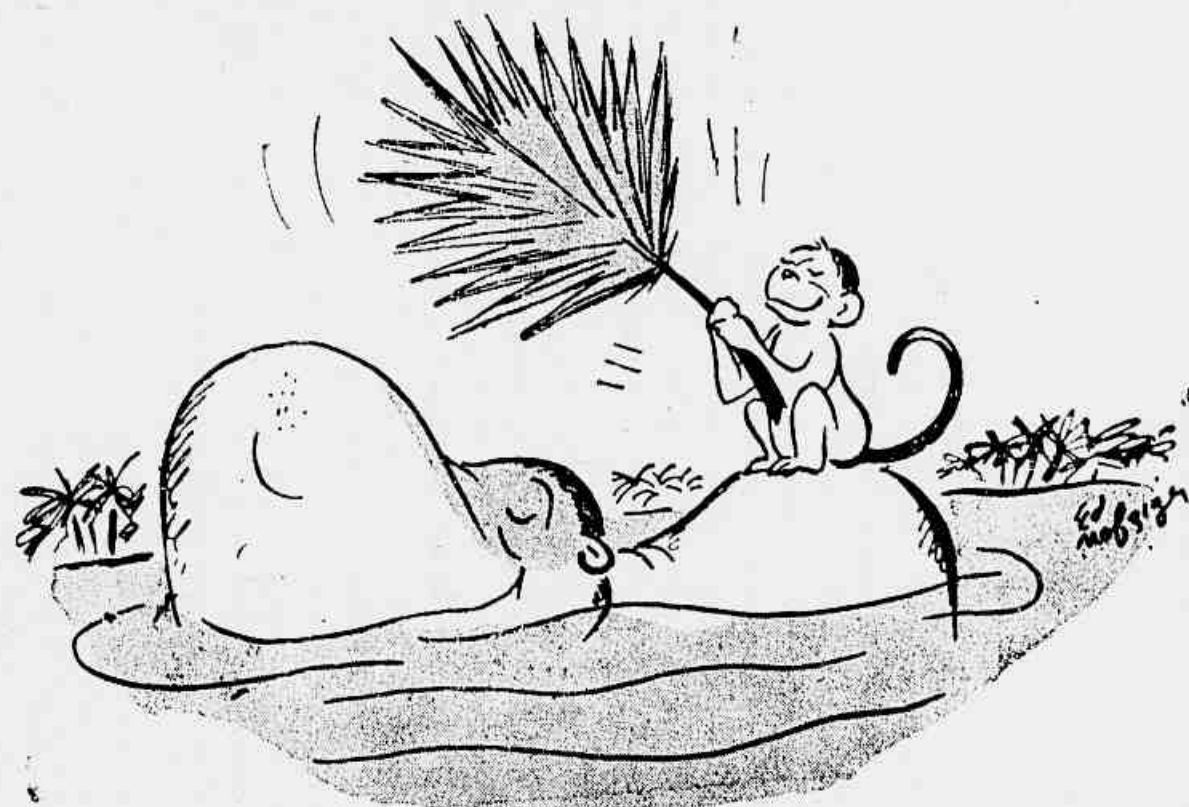
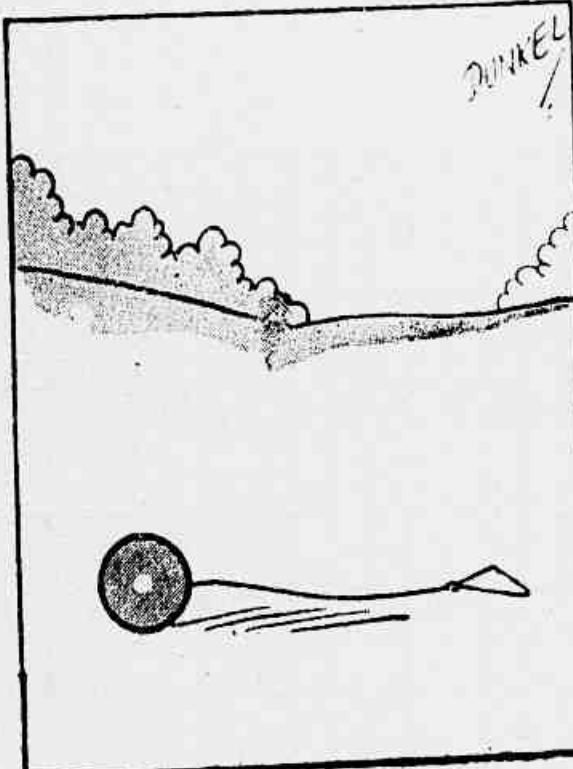
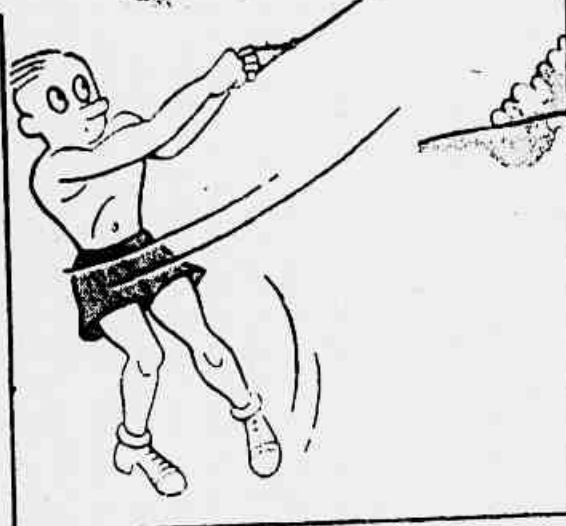
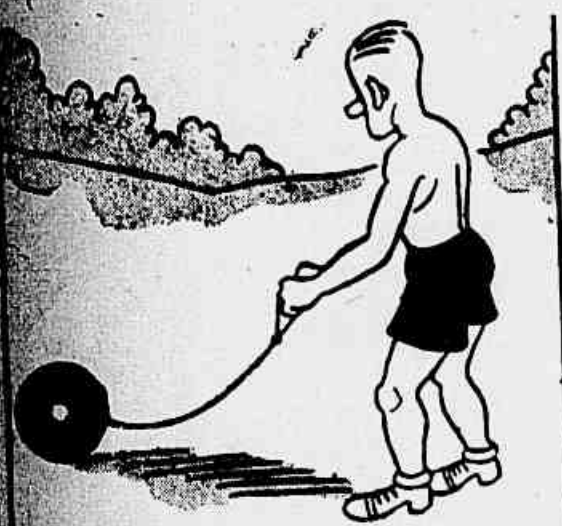
— Não sei o que ele arranjou com essas planas, continuou. Sei apenas que durante anos manteve-se encerrado no seu gabinete, escravizado por inteiro aos seus estudos de biologia. Creio, porém, que os frutos das suas pesquisas foram nulos, pois certa vez em que lá estive o encontrei terrivelmente decepcionado com a ciência. "Tudo não passa, disse-me ele, quase indignado, de um aglomerado pernóstico e vazio de lugares comuns enfeitados, rotulando pequenas e grandes chantagens para efeito de se arranjar clientes e poltronas nas Academias. Vivemos com a atenção presa aos microscópios, às teorias e às experiências, mas não conseguimos sair do zero de sempre. De Hipócrates e Galeno aos nossos modernos especialistas a duzentos cruzeiros a consulta, meu caro Cardoso, o caminho percorrido foi quase nenhum!". Lembro-me que quis responder-lhe, mas às minhas primeiras palavras ele se pôs furioso. "Não me fale na eutanásia, Cardoso! gritou. Ela não passa de um expediente cômodo, de uma etiqueta mentirosa encobrindo com um vocábulo sonoro a impotência da ciência". E, cheio de gestos,

procurou me convencer que a eutanásia nada mais era do que um recurso simplista, fruto da piedade, uma arma primitiva ao alcance do cérebro de qualquer selvagem, enquanto que o que ele procurava era corrigir o drama da agonia final, despindo-a da sua característica bárbara. "Não é possível, Cardoso, afirmou ele, que os cientistas continuem a se enfeitar sem constrangimento com honrarias e diplomas, quando o homem da atualidade — eles próprios inclusive — ainda morre como um troglodita ou um pária abandonado nas sarjetas — as extremidades a esfriarem lentamente, a respiração aos arrancos, a garganta a sufocar em roncos sinistros... Não! Não admito essa vergonha para tantos séculos de cultura. Sou dos que acham que oitenta ou cem anos de vida feliz não compensam essa "mise en scène" humilhante e brutal do transe extremo!". E enterrando as mãos nos bolsos e fitando-me com um olhar cheio de desespero: "Como posso eu viver tranquilo e sentir orgulho da minha condição humana, quando sei que me espera esse desfêcho miserável — os amigos a me olharem piedosamente e eu a estrebuchar sobre os lençóis durante horas ou talvez dias? Como posso achar bela a vida quando sei que terei que dar às minhas relações, mais cedo ou mais

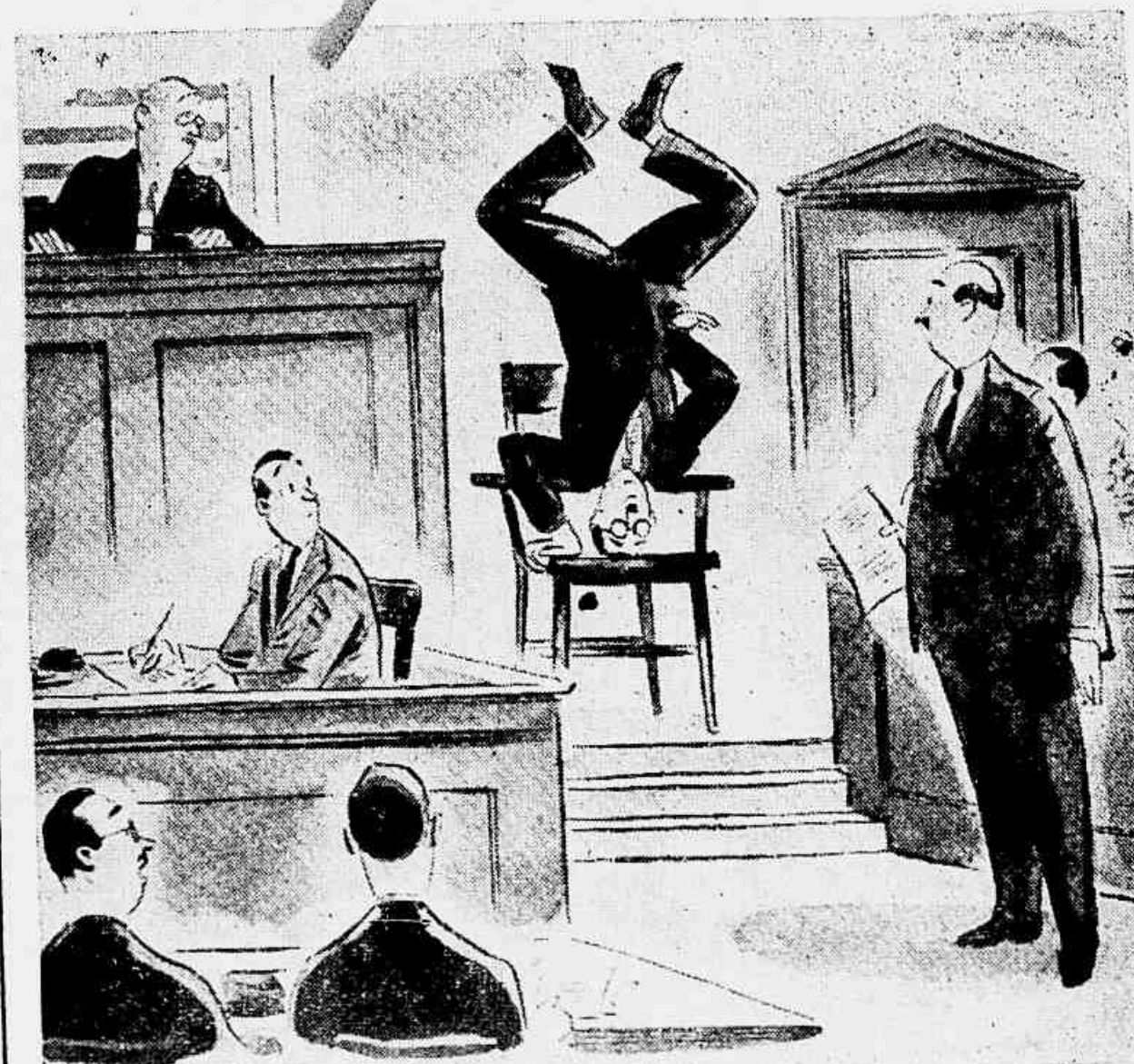
Continua na pág. 37.

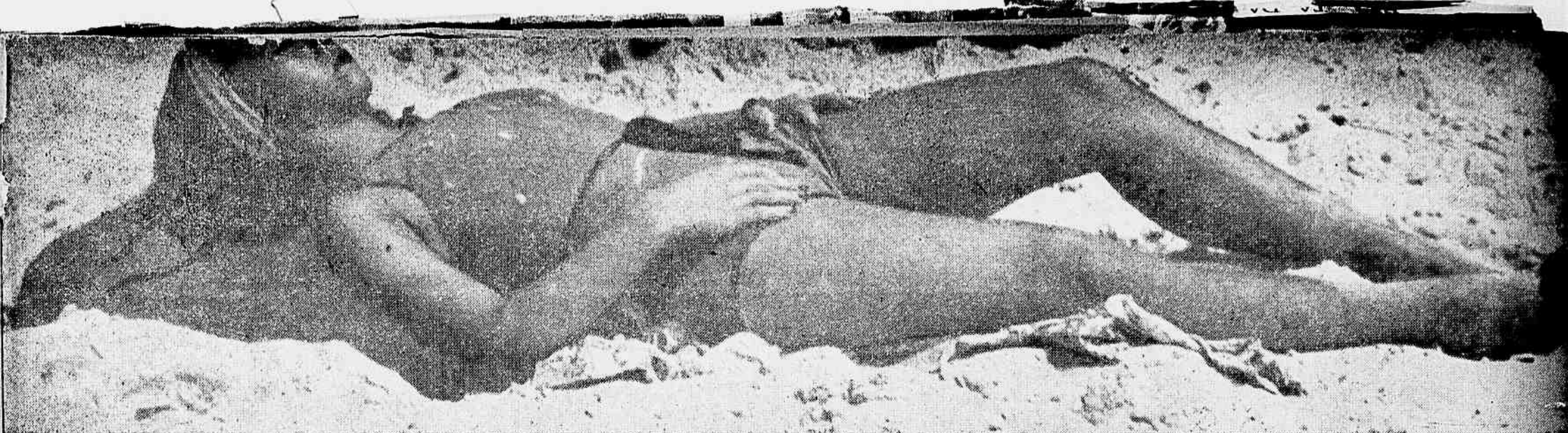


DE BOM HUMOR



"Como pode a promotoria provar que o meu constituinte é maluco?"





Derme despreocupada a ninfã. O sol vem beijar-lhe o corpo moreno, numa carícia abrasadora. Em torno dela, porém, povoa-se a praia. Mas nada perturba o seu sono manso. Com o que sonhará?

BOM DIA, COPACABANA!

O sol botou a cabeça para fora aos poucos, muito devagar. Quando os seus primeiros raios vieram beijar a praia de Copacabana, já encontraram ali, estendido na areia, o primeiro banhista de domingo. Era um rapaz magro, um moço de Minas, que tomava banhos de mar a conselho médico.

Depois apareceu uma bailarina, que mora em frente, no último andar de um arranha-céu. Brincou na areia, armou um imenso pára-sol de gomos vermelhos e verdes, correu pela praia e começou a desenvolver passos coreográficos. O rapaz de Minas firmou-se sobre os cotovelos, perdendo-se na contemplação da deusa que dançava.

Aquela hora a praia, mal refeita da noite de verão, conservava uma umidade fria e penetrante, que dava arrepios pela espinha. Foi por isso que um homem gordo forrou o chão com um jornal velho, para se sentar em cima. Abriu depois um matutino do dia e começou a se informar sobre o que ia pelo mundo. Vinha de camisa folgada, tirou os sapatos e instalou-se confortavelmente sobre a areia gélida.

Mas o sol subia e iam chegando novos personagens. Veiu a moça de Viena d'Austria, que se encontrava de passagem num hotel "chic". Todos os olhares se voltaram para vê-la passar. Chegaram dois rapazes queimados, com os olhos semi-cerrados de sono. Vinham da noite de farra, cortar a ressaca com água salgada.

A areia foi-se povoando aos poucos. Uma colônia de cogumelos coloridos ia cobrindo a praia em toda a extensão da curva harmoniosa.

Um sino próximo badalou e os bars se abriram.

De todos os prédios da avenida Atlântica saíam "maillots" coloridos, numa sucessão de tons emocionais e formas alucinantes. A manhã domingueira, cheia de sol e alegria, era um convite a um banho de luz. E pela linha branca da praia se estenderam os corpos morenos das sereias.

Foi então que começaram a aparecer as fisionomias suburbanas. Elas vinham de longe, traziam ainda nas olheiras fundas e nos olhares vivos a marca do cansaço de uma semana de trabalho duro, uma lembrança triste que o sol de Copacabana apagaria.

Mas um dia de praia compensa de todas as amarguras da semana os homens e as mulheres que vêm de longe gozar, durante algumas horas, o sol e a água do bairro aristocrático.

E ali eles se deixam estar, dormindo ao sol ou abrigados sob a barraca pública da Prefeitura, admirando a paisagem magnífica que se estende ao longo da orla marinha.

Além, na curva de Ipanema, velando sempre pelo litoral, ergue-se a massa cinzenta do Forte, uma pedra secura que avança para o

**A PRAIA MARAVILHOSA NUM DOMINGO
ESTIVAL — SEREIAS TROPICAIS GOZAM
O SOL DE ESTIO — OS QUE VÊM DE
LONGE — LUTA LIVRE, BOX E ACROBACIAS — OS ÚLTIMOS RAIOS DO SOL DE
VERÃO TORRAM AS COSTAS DOS "INOCENTES DO LEBLON" — DO ALTO DA
TORRE DO PÔSTO DE SALVAMENTO**

Enquanto os atletas e as sereias mergulham e emergem, brincando nas ondas perigosas do Pôsto 3, Laerte e Machado, encarregados de zelar pela sua segurança, contemplam o mar do alto da torre, para que não passe despercebido aos seus olhares qualquer indício de afogamento.



mar, um monumento de heroísmo e bravura plantado à beira do Atlântico.

A praia tem sua história. Foi ali, sob o calor de sua areia clara, que dezoito moços regaram com seu sangue generoso e jovem a semente de um ideal.

Outros fatos também deixaram marcados em Copacabana a sua passagem por um traço característico. Assim sucedeu com o célebre naufrágio de um cargueiro europeu, cujo capitão, numa noite de estrelas e de whiskey, meteu a embarcação pela curva do Pôsto 2, julgando entrar na Barra. Hoje ainda lá está, como uma lembrança desse "pileque" histórico, a ponta de escotilha, que aparece à flor d'água mal a maré baixa. Em torno do barco afundado nadam as ninfas morenas, sem se preocuparem com a significação daquele pedaço de ferro que aponta para o céu tropical, e que marca o fim da vida de uma embarcação.

O mar é traiçoeiro, o mar é grande, o mar é inimigo. O mar tem uma longa história e uma crônica sinistra. O mar foi a estrada de Colombo, o mar foi o túmulo do almirante batavo. O mar é o berço de heróis e de assassinos. O mar foi um ninho de piratas e foi o ninho de Nelson. No entanto, para os que se encontram em Copacabana nas manhãs de sol, o oceano é apenas um motivo de divertimento, como a piscina do clube de seu bairro ou o cinema da esquina.

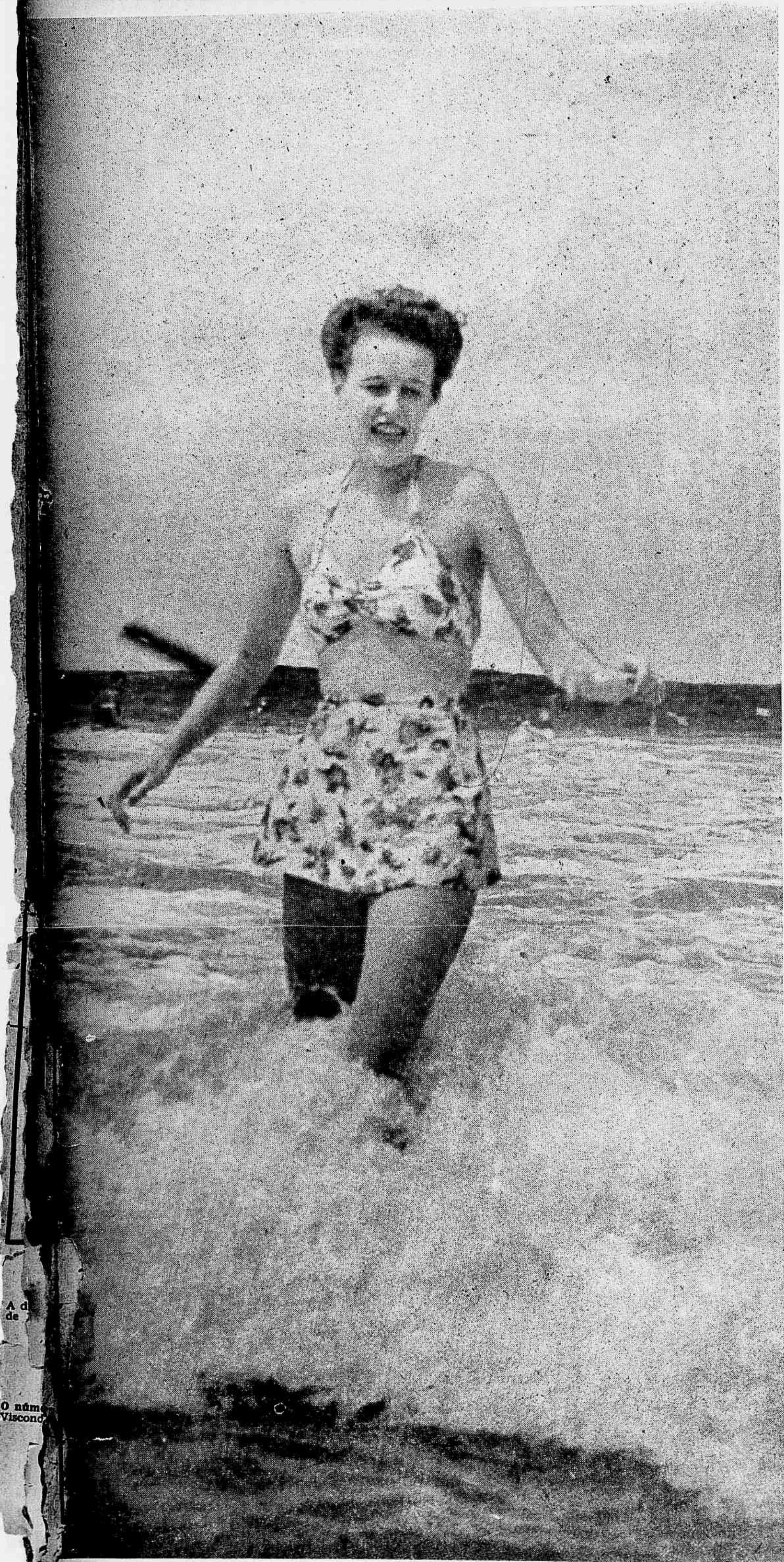
Se numa aula de hoje a professora perguntasse a um garoto qual a função do mar em relação à humanidade e qual a utilidade do oceano, o menino por certo responderia que "o mar é um ótimo lugar para a prática da nataçao".

Mas não nos revoltamos contra essa visão unilateral do mar que têm os moços de hoje. Pois a nós mesmos não se afigura para o mar outra melhor função que servir de local de passeio às sereias de Copacabana. Ali vivem elas, recebendo nas faces a espuma gelada, recebendo no corpo os raios ardentes do sol de estio.

E vendo-as — a própria beleza estática do oceano, a paisagem magnífica da praia — tudo nos parece nulo e morto em comparação com as suas formas divinas. Ninguém pode ser sereno diante de suas curvas, a ninguém é dado passar por elas sem um olhar de admiração.

E elas, cômicas de seu poder de sedução, ganham as ondas, abraçam-se ao mar como se ao mar pertencessem e fôsse o oceano o seu amante.

Os homens passam agitados diante da beleza trigueira das morenas tropicais. Uma ou outra loura quebra a harmonia étnica do conjunto, com uma nota de maior sedução, num contraste delicioso e provocador. E entre louras e morenas o coração dos homens balança; os olhares vão de uma a outra. Mas



tôdas os recebem com uma expressão de enfado e superioridade, e buscam o mar, o grande felizardo.

MEIO-DIA

É meio dia. Copacabana vive os seus momentos culminantes de domingo estival. As ondas estão mansas, o mar parece cansado. Sob as barracas coloridas abrigam-se os banhistas. A areia queima como fogo. Sobre o asfalto da avenida Atlântica correm as bicicletas levando mulheres lindas e estrangeiros barrigudos. Nas "terrasses" dos bars uma multidão eclética encharca-se de chopp, na doce esperança de se livrar do calor. E o sol banha a paisagem tropical, pondo sombras bordadas sobre o mosaico da pavimentação. Nenhuma brisa perturba o sossêgo das folhas.

Mas passa uma mulher. Uma morena maravilhosa, de "maillot" vermelho, levando ao ombro uma "beach-umbrella". A paisagem adormecida pareceu agitar-se. Há um movimento geral entre os banhistas. Os que estavam deitados se levantam, os que dormiam acordam. Todos os olhares estão presos na sereia deslumbrante.

Ela, superior e distante, arma a sua barraca, acolhe-se à sombra do tóldo, abre um livro. Pouco depois fecha o volume, estende-se na areia e cerra os olhos.

Mas levanta-se de um salto e olha em frente. O mar está despovoado. Ninguém se atira às águas mansas. Aproveitando esse momento, como se a presença dos outros contaminasse a água salgada, a sereia se lança às ondas.

Como se obedecessem a um sinal, vão-lhe na esteira centenas de banhistas.

E ela, percebendo a multidão em torno, volta à praia, desarma a barraca, segura a bolsa e sobe a amurada de pedra, afastando-se altiva e bela.

Corre sobre a areia um vento de decepção.

O sol está a pino. A praia dorme de novo, num torpor momentâneo. Nem um banhista no mar. Nem uma peteca se levanta ao ar. Não há no momento um só ruído de motor que corte esse minuto de silêncio.

De repente o apito do guarda civil, chamando a atenção de alguém: "E' proibido!"

CIRCO

A praia volta de repente à sua vida agitada. Para o lado da amurada meia centena de garotos se debate numa "pelada" feroz. A bola de couro vai e volta, os "goals" se sucedem numa espantosa velocidade. Não existe placard, mas se o houvesse talvez a própria infinidade dos números seria impotente para a contagem dos tentos.

Um pouco além, a areia se divide em milhares de campos de peteca. Grupos de duas e quatro pessoas disputam partidas sérias ou batem displicentemente petequinhas de borracha.

Os que são dotados de músculo aproveitam a praia para demonstrações circenses. Há um ring em cada metro quadrado. Tarzans de cinquenta e seis quilos, hércoles com os ossos em cima da pele, se degladiam em "rounds" de box e assaltos de luta livre, alguns para desenvolver de fato a sua capacidade agressiva, outros apenas para fazer um "farol" gratuito.

A poucos passos a pantomima toma outro aspecto: números de acrobacia. Homens velhos, senhores respeitáveis, que durante a semana se entregam a negócios sérios, no domingo mais não fazem que representar de "clown" para as pequenas praianas. Homens

Loura como os trigais, branca como a neve, bela como uma flor, emergiu das espumas como Venus. O fotógrafo bateu a chapa justamente quando a frialdade provocava uma careta da sereia.



Rumo ao mar. Não irá muito longe, talvez não chegue mesmo a molhar os pés na água salgada. No entanto só pelo prazer do banho de sol vale a pena um pulo até o Pôsto 2.

de posição e responsabilidade, que andam na praia de mão no chão e pernas para o ar. Que diria a sua secretária, circunspecta e de óculos, se o encontrasse na segunda-feira "plantando bananeira" sobre o bureau?

Mas assim é Copacabana. Ali, livre de gravatas e colarinhos duros, metidos em tangas primitivas de poucos centímetros quadrados, todos os complexos se acabam, tôdas as convenções se anulam, todos os preconceitos se destroem. Existe apenas a nudez forte da verdade, coberta pelo "maillot" curtíssimo da fantasia.

Ninguém ali pode querer ser o que não é, todos dão vasa às suas vocações naturais. E quanta gente existe por aí com vocação acentuada para o circo!

DO ALTO DA TÔRRE

Enquanto Copacabana se diverte — deitando-se na areia de papo para o ar, jogando arcos de borracha e bolas de couro, dando "parada" nos joelhos alheios, lendo romances

à sombra das barracas — do alto das tôrres dos postos de salvamento os "banhistas" vejam pela segurança pessoal de cada um.

E quando algum nadador se vê em perigo, lá se vão eles, destemerosos e bravos, lutando a braços com a fúria das ondas, salvar a vida dos incautos.

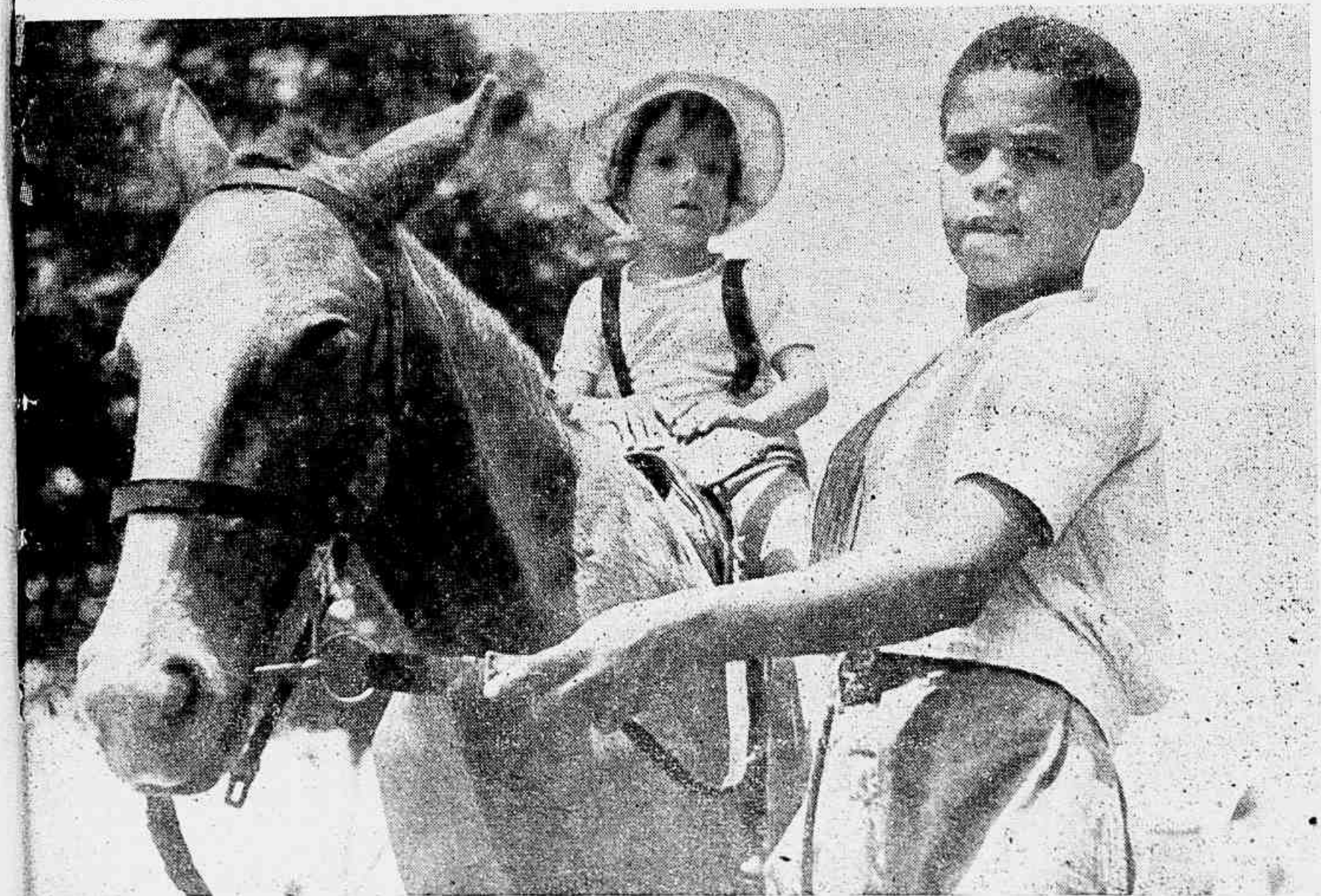
Quantas vezes, na ânsia de aparecer à namorada como um grande nadador, se atira às ondas um rapazinho granfino e nada além do limite permitido, num "farol" perigoso e prejudicial?

E quando ele não consegue voltar, é o pobre "banhista" que arrisca a própria vida, preciosa para muitos, para trazer de volta à praia, são e salvo, o grande "nageur".

E não é raro que o nadador de novo se arrisque em aventuras idênticas.

Afora esses "campeões", há ainda os afogados crônicos, que não sabendo sequer desenvolver duas braçadas se atiram às águas fundas com uma teimosia pertinaz, dando um trabalho exaustivo aos homens dos postos, que não se cansam de reconduzí-los à praia.

A garotada de Copacabana gosta da praça do Lido. E' ali que eles encontram cavalos para alugar, e podem brincar de "mccinho" montados em bichos de verdade. Papai é quem paga, de maneira que para eles uma volta no lombo do cavallinho não é mais que um momento agradável.





Há na praia, ao meio dia, uma colônia de cogumelos multicoloridos. Sob as barracas grupos de sereias conversam sobre modas, filmes cinematográficos e acontecimentos mundanos. A presença do mar foi esquecida. A areia é apenas um pretexto para uma reunião social.

Entre as profissões arriscadas merece pois lugar de destaque a de banhista que, além de ingrata e perigosa, é ainda um trabalho remunerado parcimoniosamente e para o qual não se nota o reconhecimento público que verdadeiramente merece.

Mas deixemos na torre do Posto 3 os "salva-vidas" Laerte e Machado, e passemos a dar outro giro pela praia.

DOIS ENXADRISTAS DE SORTE

Numa barraca isolada das outras, dois rapazes jogam xadrez. Esqueceram o banho de

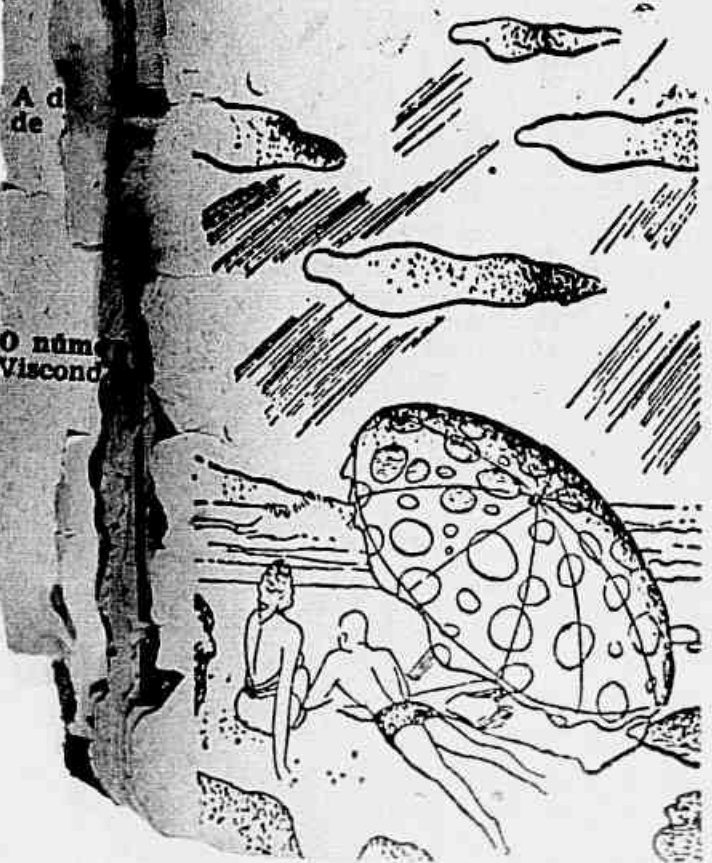
mar, esqueceram as mulheres; o mundo para eles resume-se agora nas trinta e duas peças do jogo.

Os peões negros avançam, formando uma guarda blindada para o rei solitário que se move com dificuldade, sem a ajuda das tôrres. Do outro lado do mundo, três quadrinhos adiante, o rei branco avança, também protegido pela cortina de peões.

O jogo está quase no fim. Todas as atenções se prendem às pequenas peças de madeira que os jogadores vão movimentando sobre o tabuleiro quadriculado.

Quem passa pára, a espiaram duas morenas do outro lado do xadrez. O rapaz das pedras para trás e sorriu. Pensou que as duas beldades as suas qualidades. Tinha dois peões de vanto a presença das sereias o perturbando que o parceiro fez inexistir a dama, ameaçando um mau fim.

As garotas aplaudiram e o mar. O rapaz das pedras não no seu encaixe.





Depois de um mergulho nas águas frias do Atlântico, o fumo de um cigarro é um consolo.

ra, a esperar o epílogo. Vendo outro planeta "sapear" as pedras pretas olhou. Pensa que iria mostrar suas qualidades de enxame de peões de vantagem. Mas as pedras o perturbou de tal maneira que fez inexplicavelmente uma jogada em dois lances. E os dois jogadores se levantaram e correram para as pedras pretas mergulhou



Vamos apostar uma corrida? — As bicicletas partem em passo de tartaruga pela avenida alora. Há muitos tombos e muitas peripécias em cada cem metros de percurso. Mas o esporte é a preocupação máxima da gente de dezessete anos, e a glória de chegar primeiro compensa a dureza do asfalto.

PIF-PAF

O sol já vai desenhando a sombra dos edifícios de apartamentos sobre a alvura da areia.

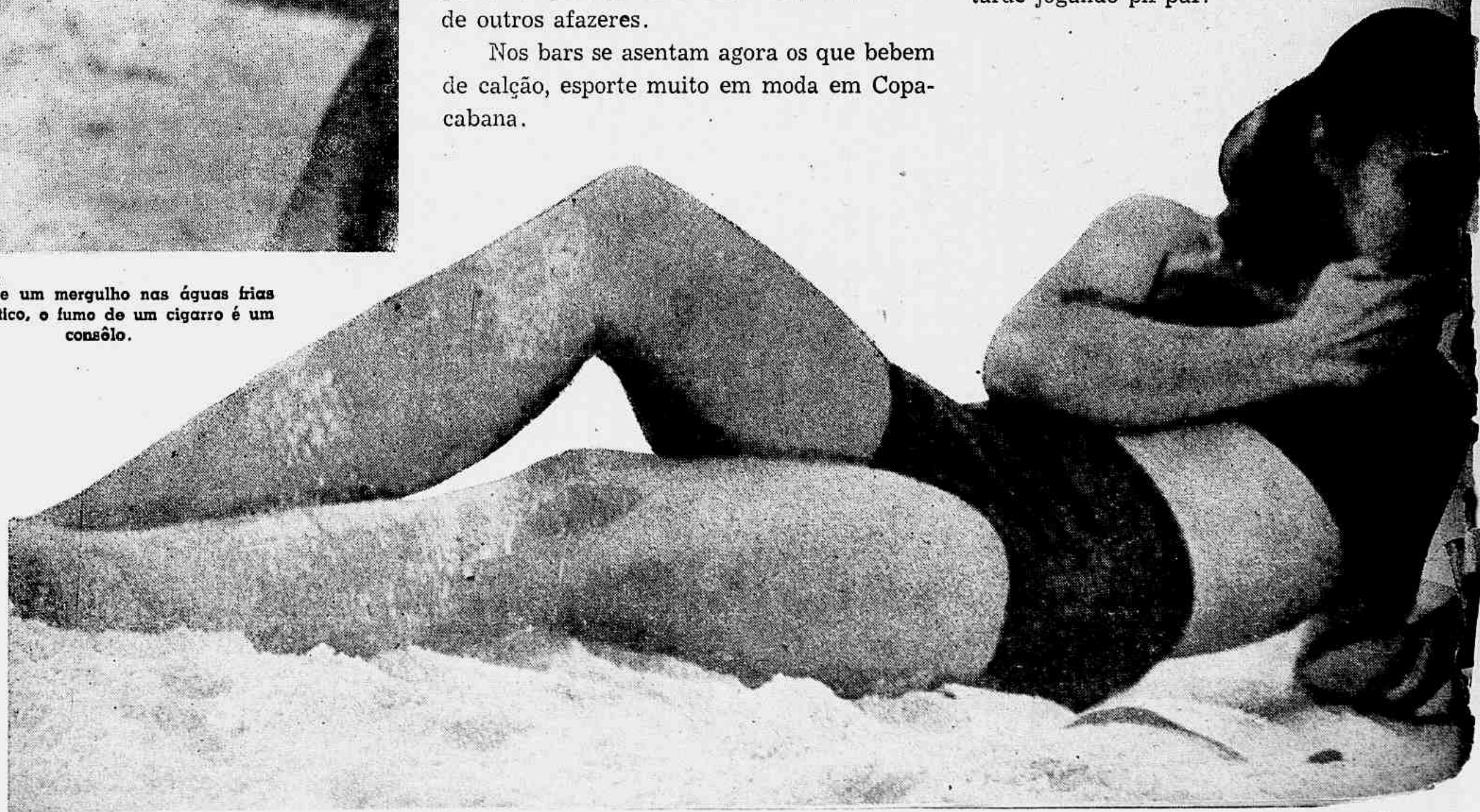
A praia se despovoava aos poucos. Os que moram longe enfiavam apressadamente as roupas, com medo de perderem a hora do almoço. Aqui e ali alguns grupos de retardatários preparavam-se para passar a tarde na praia, à falta de outros afazeres.

Nos bars se asentam agora os que bebem de calção, esporte muito em moda em Copacabana.

Na praça do Lido a garotada granfina brinca de "mocinho", montada em cavalos alugados.

As "bás" bonitinhas conduzem os carros de bebês pelas alamedas.

Copacabana se tranca agora em seus apartamentos de luxo, almoça caviar e "mayonaisse" e, mesmo de "maillot", passa o resto da tarde jogando pif-paf.





Enquanto uns jogam peteca, outros preferem exhibir-se em violentos encontros de luta livre. Aí estão dois amadores de catch. "Fuerza, tarzans"!

Na praia ficaram ainda alguns entusiastas do mar, deitados na areia ou mergulhando seguidamente nas ondas claras.

Ficar morena é muito bom, mas uma insolação não é agradável. Além disso uma barraca bonita constitui sempre uma nota de elegância. Aqui está uma loura à procura de um lugar à sombra.

Passa ao longe um navio, rumo de outras terras, buscando novos meridianos. O sol vai-se escondendo. São seis horas



De todos os recantos do Rio vem gente para Copacabana aos domingos. E, como não se pode viajar de "maillot" nos bondes, o pessoal de longe se vê obrigado a despir-se e vestir-se na praia.

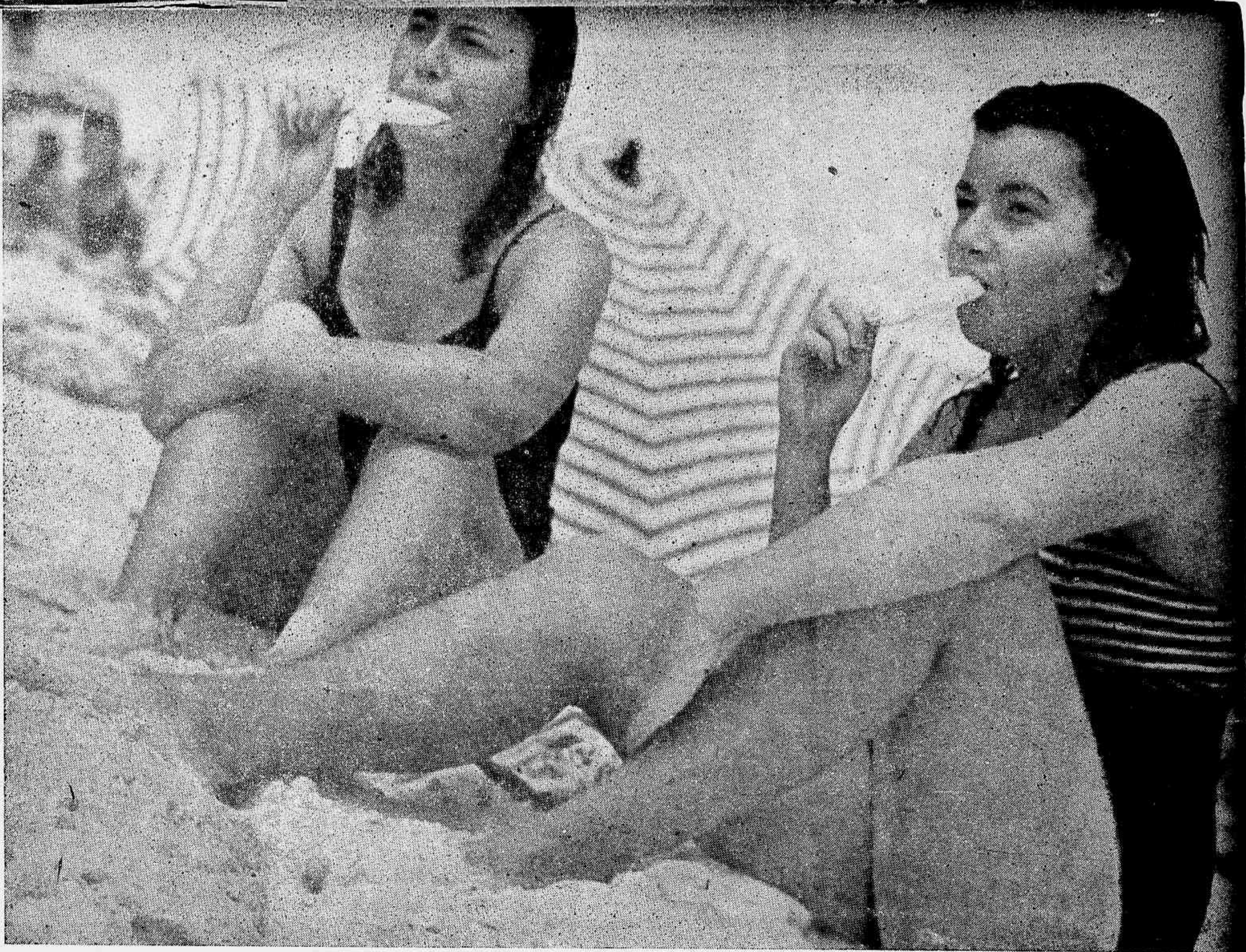
da tarde. Os últimos banhistas ganham a amurada. Na praia vazia ficou apenas um sapato de criança, esquecido sobre a areia.

O vendedor de bijoux ou "ling-ling" é uma das figuras mais tradicionais da praia de Copacabana. Paga-se dois tostões, gira-se uma roleta e come-se a guloseima de acordo com a sorte.



A d
de

O núm
Viscond



Quando se tem medo do mar um sorvete é um ótimo refrigerante. Picolé para duas e tentação para todos. Aí está uma foto que bem poderia figurar em cartazes de propaganda turística. Quem é que, ao vendo, não desejaria conhecer Copacabana?

ADEUS, COPACABANA

Vimos de longe, viemos te ver, Copacabana. Viemos gozar o teu sol, viemos banhar-nos nas tuas águas, viemos adorar tuas mulheres.

Embebedámo-nos na contemplação de tua beleza, quedámos comovidos diante da beleza de tuas sereias. Nem a Côte d'Azur é mais linda do que tu, nem Dorothy Lamour é mais bela que as tuas morenas.

Passámos contigo um dia de sol, deitámo-nos na tua areia ardente, que reflete a beleza de tuas mulheres e guarda no seio o calor do sangue de teus heróis.

Agora, Copacabana, vamo-nos embora. A tua igreja canta pela voz dos sinos a prece da Ave Maria. As luzes se acendem, enfeitando a curva côncava da praia. Ainda não é propriamente noite e já não é mais dia.

E' a hora solene em que os casinos se abrem e todas as virtudes se negam. As trevas vão descer sobre o mar.

Adeus, Copacabana. As tuas noites não foram feitas para nós. Amanhã será outro dia de trabalho e temos que nos acordar cedo. Não podemos perder o trem.

Adeus, Copacabana...

Lá se vão duas sereias pela orla do mar. A espuma das ondas serenas vem beijar-lhes os pés, mas elas continuam imperturbáveis o seu passeio matinal pela praia extensa. Cuidado, "sabonetões"! Não se vão dissolver na água!





CLAUDETTE COLBERT

*O mais distinto
cast do cinema*



JENNIFER JONES



JOSEPH COTTEN

"Desde Que Partiste"

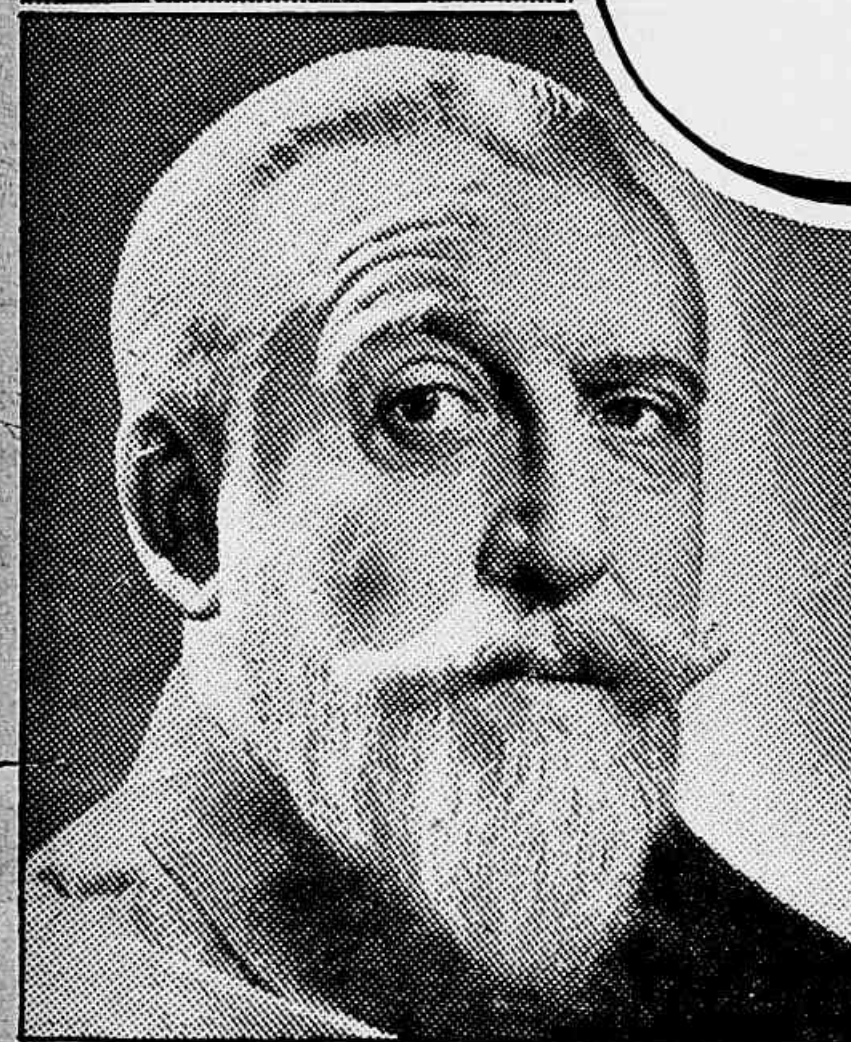
Sua primeira produção
depois de... E o Vento
Levou e Rebecca

Dirigida por John Cromwell

Distribuída por UNITED ARTISTS



SHIRLEY TEMPLE



MONTY WOOLLEY



LIONEL BARRYMORE



ROBERT WALKER

ERA como que uma nuvem carregada, qualquer coisa de imaterial e, ao mesmo tempo, de palpável o cercava. De dentro dêle sentia sair, em jatos, chispando pelos olhos, revelando-se na contração enérgica da boca, na palidez do rosto. Nunca pensara que o ódio seria assim. Um temperamento de natureza violenta; nunca tivera, entretanto, a oportunidade de experimentar uma emoção daquela natureza. Seria talvez devido ao seu nervosismo. As suas cóleras eram rápidas e tempestuosas. Já muitas vezes tivera ocasião de arrepender-se de um ato irrefletido, mas nunca, nunca sentira aquela coisa insidiosa e lenta que penetrava lentamente e o dominava. Os seus músculos se retezavam e êle como que andava no ar ou, pelo menos, não tinha contrôle sobre os movimentos e sentia-se forte, incrivelmente forte. Mas a sua força era, de certo modo, uma qualidade. Sobretudo se contrastada com o poder do outro. O outro, o objeto de seu ódio concentrado... Era um espírito que tinha outras armas. A violência dêle não era a mesma. Muito pelo contrário. Preferia os métodos mais lentos, mais cruéis, mais eficazes. Era aparentemente inofensivo, mas usava a ironia, a sutileza que magoa mais do que o sôco. E era provocante. Não seria possível reproduzir a atitude, a criação do ódio. Era uma composição minuciosa de sutilezas, de nuances, de toques ligeiros, de efeito cumulativo. Contava como vantagem sobre êle com a sua calma. Enquanto Karl era violento, êle mantinha a calma e sabia virar, torcer e retorcer a situação até levar o outro para o estado quase apoplético, de raiva, sem perder a compostura e parecendo a todos estar com a razão. Forçava com um olhar uma grosseria que sabia ia ser descontada a seu favor. Era um monstro.

Karl era uma força bruta, como a força da natureza, de cólera rápida e tremenda. Ele era diferente. Era uma mente raciocinante, de uma frieza inominável. Cada qual tinha o tipo físico que assentava a seu temperamento. Karl era alto, um gigante violento e de bom coração. Ele, baixo e pequeno, com dois olhos brilhantes e vivos e uma boca de lábios finos que sabia todos os matizes da crueldade silenciosa. Nunca fazia nada: agia por omissão ou, quando muito, por insinuação.

Mas crescia a tensão. Não era possível aguentarem mais tempo. Quando ela os conheceu, a corda que simboliza a situação retezara ao máximo sua capacidade, e ela veio inconscientemente precipitar a tragédia, partir a corda.

O outro invejava Karl desde pequeno. Os maiores amigos... Maiores amigos. Todos diziam. Karl era um pouco grosseiro, entretanto amava o outro como irmão. O irmão que não tinha.



Havia uma sugestão de tragédia no ambiente...

Como se enganavam...

Ela caiu entre êles e carregou-os para a tragédia. Não era a mulher leviana que se interpõe entre os homens em geral. Era uma moça ponderada e calada. Sua função não foi ativa, como provocadora, mas passiva, como último elo de uma cadeia, como última palavra, a palavra que torna as situações irremediáveis. Ficaram noivos Karl e ela. Ela

sorria do amor impetuoso do rapaz. Mas amava-o. Ele precisava de uma mulher como ela, de uma noiva quase mãe, de um recanto calmo na sua existência tôda feita de grandes momentos, vivida com uma intensidade injustificada.

Ele fazia as coisas mais loucas, e ela sorria achando adorável o ímpeto de virilidade descontrolada que êle representava.

O desenlace veio antes do que era de esperar. Chegou de repente...

Chovia quando êle entrou. Tinha os cabelos vermelhos molhados, os olhos azuis brilhantes e aterrorizados. Ela não compreendeu a princípio.

— Karl!

— Sucedeu, Marina, sucedeu!

— Meus Deus, Karl, por favor...

— Sucedeu, Marina!

A voz dêle era rouca, a respiração ofegante.

— Você...

— Matei-o.

— Oh, Karl!

— Ele me olhou, Marina, sabe? Ele me olhou assim, nos olhos, e disse aquelas coisas que só êle sabia dizer. Frio, provocando. Depois falou de você... Disse coisas horríveis de você, Marina, mas você sabe como êle dizia as coisas sem dizê-las... Ele sempre quis arruinar-me... Tudo que conquistei na minha vida êle invejou, e sempre conseguiu pôr um travo de ódio em tudo aquilo que eu ganhava com amor... Ódio, Ódio... Não sei como fazer você compreender... Aquilo foi subindo dentro de mim, como um fogo, uma força, e eu senti, de repente, que as minhas mãos iam caminhando para o pescoço dêle. Senti uma carne arrepiada debaixo das minhas mãos... E apertei. Oh, como senti uma força tremenda nas minhas mãos naquele momento!

Depois acabou; não se debateu mais, eu larguei-o e êle caiu. Mas você sabe que, mesmo verificando com horror o que tinha feito, eu senti um alívio imenso, uma paz como se eu tivesse estrangulado o próprio ódio que trazia, que viera crescendo no meu coração!

Uma paz imensa... Uma sensação de calma...

De repente êle levantou os olhos para ela, assustado. Você compreende, não é? Você compreende?

Ela encarou-o. Sentia a cabeça dêle latejando de encontro às suas pernas. Ele estava de joelhos aos seus pés, mais por prostração do que por humildade. Uma onda de horror a invadiu ao pensar na violência assustada da tragédia. Entretanto ela sentia aquele corpo quente palpitante de encontro a ela, e compreendia...

Ele levantou-se lentamente e repetiu a pergunta.

— Compreendê?

Ela respondeu, num sussurro:

— Compreendo.

Karl não disse mais nada. Beijou-a de leve na boca e afastou-se lentamente.

— Onde vai? perguntou, apreensiva.

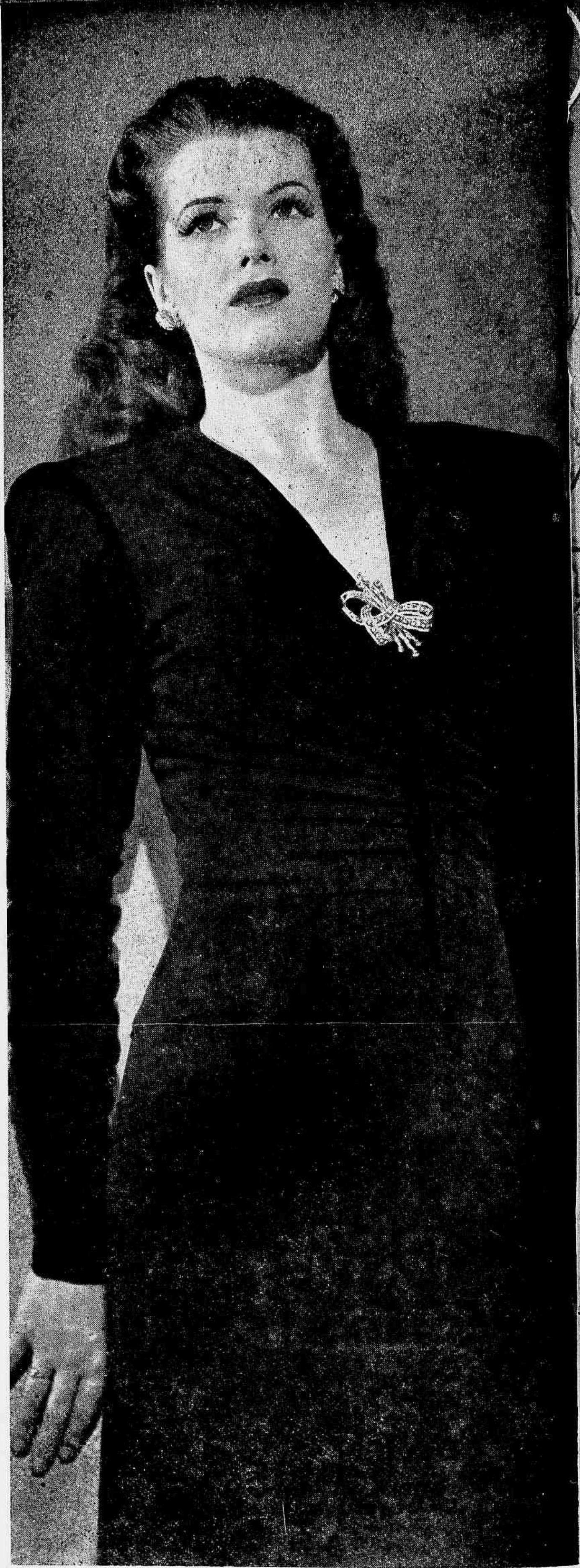
— Entregar-me à polícia... Adeus.

— Eu espero. Vá, que eu espero — disse ela.

Ele desapareceu. As chamas da lareira eram a única iluminação do quarto. Ela pôs-se a soluçar.

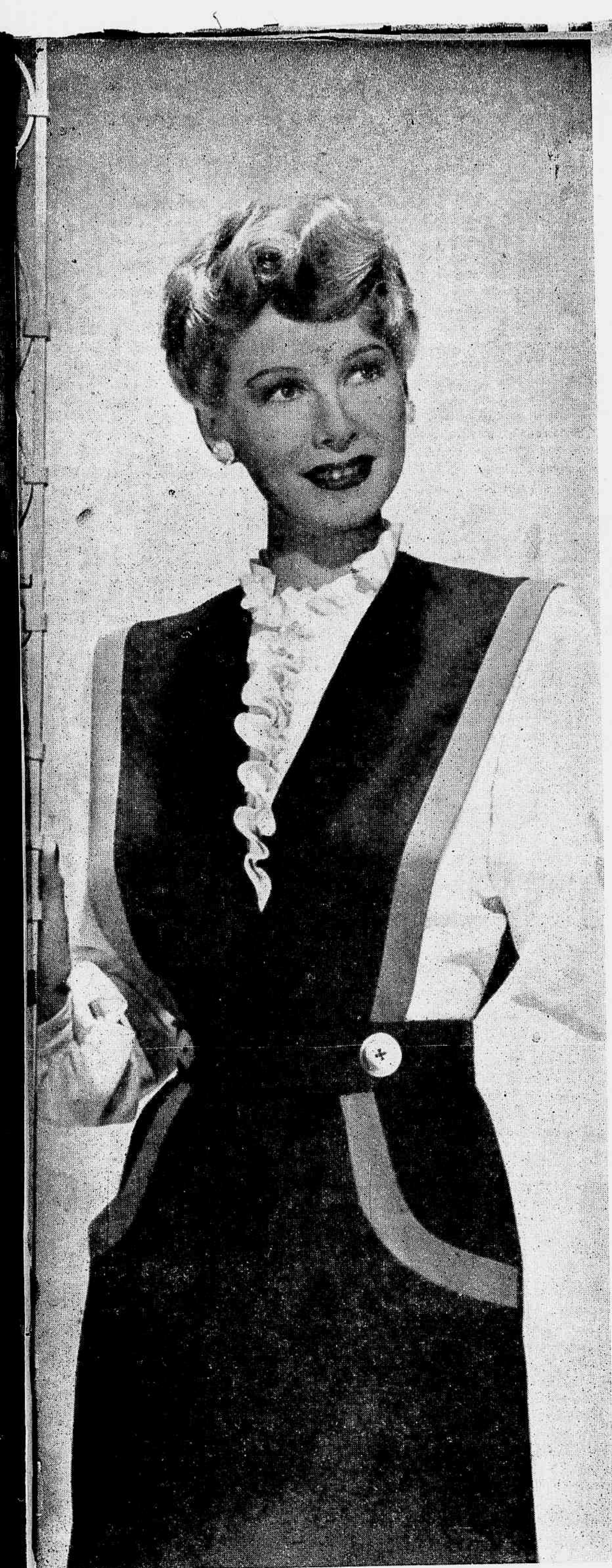
O DESENLACE

Conto de RAYMONDE VINCENT

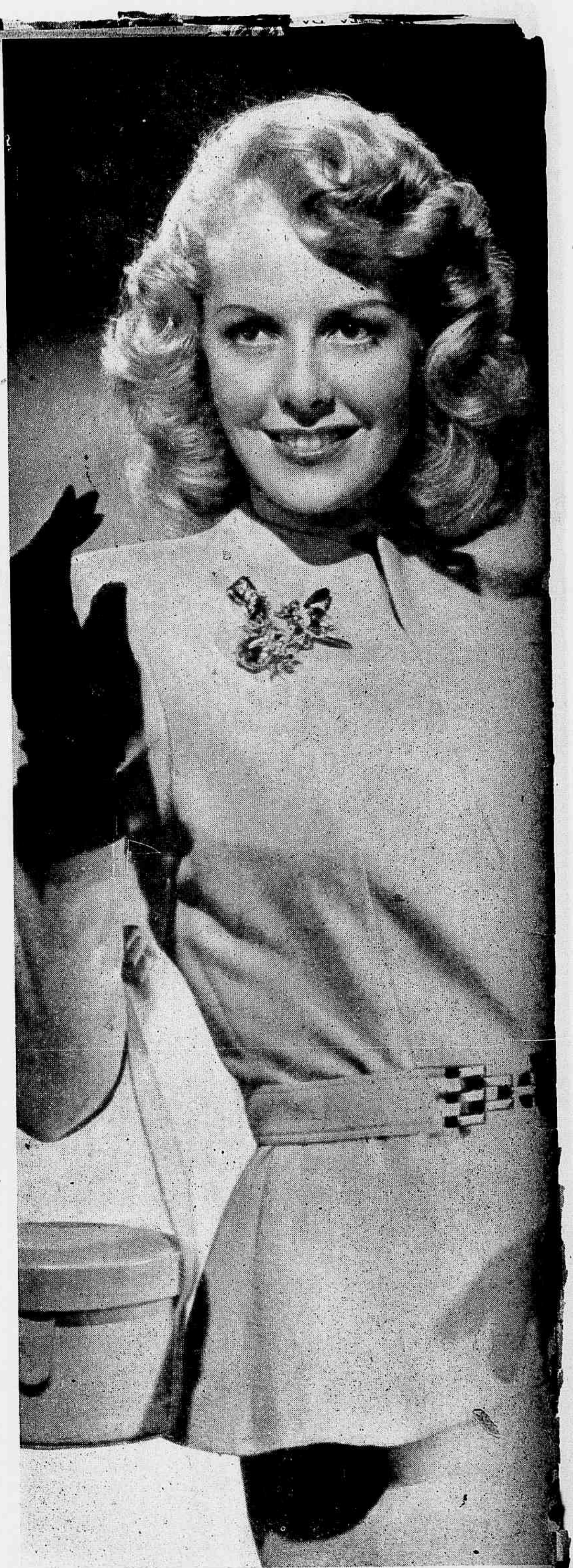


MEIA ESTACÃO

Da esquerda para a direita: — Um tailleur bastante original nos é apresentado pela exótica Ramsay Ames, da RKO, uma morena e tanto. O casaco não tem gola e é pespontado. Um modelo bastante **chic** é esse que nos oferece Janis Paige, da Warner. E' confeccionado em jersey preto. O corpo é longo, franzido na frente e nas mangas. Saia



com um ligeiro franzido na frente. Um belíssimo **clips** arremata o decote em forma de "V". Para meia estação eis um encantador modelo apresentado por Irene Manning, da Warner. O vestido é feito em lã azul marinho, com viez azul que acompanha também os bolsos. A saia é franzida na frente. Dois grandes botões fecham o cinto. A



blusa é em **lingerie branca**, com babadinho franzido na gola. Encantador modelo duas-peças, em lã mostarda. A jaqueta tem interessante corte, sendo mais comprida atrás. Uma fivela dourada, bastante original, e um lindo **clips** são os únicos adornos desse modelo. Observem a originalidade da bolsa usada por Miss Janis Carter, da Columbia.

SOB A NEVE ESPESSA...

Numa noite de inverno, o velho fazendeiro encontrou um homem estranho...

Não foi propriamente um ruído o que ouviu. Ou teria sido? É difícil dizer, quando se acorda, no meio da noite, sem saber a razão. De repente, como se uma mão, de súbito, houvesse sacudido o seu ombro, ele sentou-se bruscamente na cama e ficou escutando. Entretanto, no meio da tempestade, seria quase impossível distinguir algum ruído. A neve caía em flocos grandes e macios e o vento uivava. Ouvia, então, pela primeira vez, o som estranho. Um baque surdo, depois um gemido. Levantou-se imediatamente e correu para a sala. Com uma exclamação abafada debruçou-se sobre o homem que jazia no chão, no meio da sala. De onde teria vindo? Uma mancha de sangue atravessara o sobretudo do homem e aumentava pouco a pouco.

— Verificou se a ferida era muito grave?

— Bem, doutor, eu nada entendo de medicina, mas pareceu-me que o homem estava passando muito mal, porque estava muito pálido e sangrava muito.

— Onde está ferido?

— Tem uma ferida no peito. Não sei se há outra, porque não o despi.

Já estavam bem próximos da casa. De repente Jack segurou no braço do médico.

— Olhe, doutor! Pareceu-me ver um homem, que saiu correndo lá de casa.

O médico, porém, que era míope, nada observara.

— Não vi nada.

— Apressemo-nos.

Os dois começaram a andar mais depressa.

A lanterna de nada servia. A chama, oscilante ao vento, não iluminava o caminho. Mas, perseverante, ele continuou. Seus pés se afundavam na neve. Tinha que fazer um grande esforço para continuar. Mas era preciso. A rapidez dos acontecimentos não lhe dera tempo para refletir. E, enquanto seu corpo lutava contra a intempérie, ele pensava, refletia, sendo porém, afinal, forçado a reconhecer que o mistério era impenetrável. Poucos teriam agido como ele, com aquela prontidão, mas Jack estava habituado a enfrentar as eventualidades com a mesma calma com que desempenhava as suas funções de fazendeiro abastado. Um homem doente precisa, é claro, de um médico. E ele ia, na neve, à busca de auxílio. Sozinho na fazenda, tivera que deixar o homem ferido, onde o encontrara.

Havia uma taboleta à porta, meio escondida pela camada de neve. "Dr. Ben Tranton"... Jack bateu:

— Quem está aí?

Uma voz cheia de sono partiu do primeiro andar da casa.

— Dr. Tranton está?

— Não. Foi chamado com urgência para ver um paciente.

— Podia me informar onde encontro outro médico? É um caso que não pode esperar!

— Ali na esquina mora o dr. Bradley.

— Muito obrigado. Boa noite.

— Boa noite.

Dr. Bradley não o fez esperar muito tempo. Num instante vestiu-se, apanhou uma maleta com o imprescindível para um curativo urgente e partiram, atravessando o campo coberto de neve, rumo à fazenda de Jack.

— Foi assim, doutor, explicou o fazendeiro no caminho. Eu ouvi um ruído estranho. Acordei imediatamente, porque tenho o sono muito leve, e fiquei um pouco apreensivo porque estava sozinho no sítio, tendo dado folga a todos os empregados que dormem comigo em casa. Mas, de repente, o som se repetiu. Foi um baque surdo e a seguir um gemido. Correndo à sala encontrei um homem ferido. A porta estava aberta, evidentemente arrombada...

— ...E eu achei conveniente, nessas circunstâncias, comunicar ao senhor o caso.

Dr. Bradley terminou a história e o detective assentiu com a cabeça.

— Teve toda a razão. É um caso muito estranho.

— O senhor compreende que, mesmo persuadido como estou de que se trata de uma alucinação do velho, não podia deixar de contar-lhe os fatos, mormente em vista da inesperada e inexplicável atitude dele.

— Sim. Tem toda a razão.

— Quando lá chegámos e não vimos nada, mas absolutamente nada, eu comecei a desconfiar. Ele me falara no tal homem ferido: não havia ninguém. Falara numa porta arrombada e a porta estava intacta, somente aberta. Ele podia tê-la deixado aberta ao sair. Nenhum vestígio de sangue pelo chão onde, segundo ele, deixara o homem... Nada, absolutamente nada.

— Aprecio muito a sua colaboração, doutor Bradley. Hoje mesmo irei à fazenda ver se consigo descobrir alguma coisa.

— Pode me pôr ao corrente, depois, do que se passou? O senhor compreende que eu estou interessado...

— Pois não. Terei muito prazer. Passarei na sua casa, mais tarde.

— Quem deseja falar com ele?

— É preciso dar o nome?

O inspetor Brian sabia bem que o seu dever não comportava aquela atitude, mas não era sempre que se tinha oportunidade de brincar com uma moça bonita num caso que nada parecia ter de interessante...

— Como posso anunciá-lo se não me quer dar o nome?

A moça estava visivelmente impaciente e ele resolveu que seria mais prudente fazer-lhe a vontade.

— Diga que é o inspetor Brian Ames. Ela levantou as sobrancelhas:

— Um detective?

— Assusto-a?

— Com tão pouco?

— Quer ter a bondade de chamá-lo, então?

— Entre.

Ela acompanhou-a, imaginando quem seria ela e qual a função que desempe-

Novela de HARRISON AMES



nharia na fazenda. Não ficou muito tempo no escuro pois, logo ao ser apresentado a Jack, o velho disse-lhe:

— Pelo que vejo, já se apresentou à minha sobrinha...

Este mistério, pelo menos, estava esclarecido.

Quando Jack perguntou a razão da visita, Brian ficou um tanto embaraçado. Não podia deixar de suspeitar que o velho tinha algum segredo mas, ao mesmo tempo, que bases tinha para afirmar isso?

— Trata-se do seguinte: um médico, o dr. Bradley, me procurou...

Jack interrompeu-o.

— Não é preciso dizer mais nada. Já sei o que quer saber... Pois bem: o dr. Bradley deve-lhe ter comunicado a opinião que tinha a respeito da minha visita. Eu acho que ele tem razão. Já estou velho e nunca na minha vida tinha tido uma alucinação, mas creio que desta vez foi isso o que aconteceu. Talvez influência da solidão a que não estou habituado. Todos os meus empregados tinham saído para uma festa e eu ficara sozinho...

— Sua sobrinha...

— Não estava aqui ainda. Ela só chegou hoje.

— Ah...

Nada mais resta a dizer. Desde que o velho admitia a possibilidade... A solução era tentadora e, entretanto, de certo modo o decepcionava... Brian despediu-se a contragosto.

A moça acompanhou-o até a porta.

— Não se preocupe com título. Ele anda

multo cansado... deve ter sido mesmo uma alucinação...

Brian não respondeu. Apertou-lhe a mão e partiu. Ia pensativo...

Somente com o degêlo o caso tomou outro rumo. Durante todo o inverno Brian não tornou a tratar do caso, se bem que se avistasse com a sobrinha de Jack com frequência. Ora numa loja, na cidade, ora numa casa de diversões... Nunca voltara à fazenda e não tornara a ver Jack.

— Ele não anda bem, comentou a jovem. Não tem saído de casa. Eu estou

tomando conta da casa para ele. Aliás foi para isso que vim...

O tempo passava e nada de extraordinário ocorria. Até que...

Foi um dos trabalhadores da fazenda que veio fazer a comunicação.

— Ontem, quando começou o degêlo, eu ia para o trabalho com um compa-

A mulher de Paris e Londres

Paris (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extraídos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada, oferece o máximo de

sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá! Peça a fórmula dragéias "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.



500 Bouquets diferentes

foram criados para a escolha
final do suave e delicado
perfume do Sabonete Gessy!

Do gerânio ao sândalo e à "mouse de chène"... do "lavender" à violeta e ao âmbar... 20 finas essências se combinam para formar o perfume do sabonete Gessy. Escolhido entre 500 "bouquets"

especialmente criados pelos pesquisadores da Gessy, o "bouquet" final do sabonete Gessy deixa, após o banho, uma sensação deliciosa de bem-estar, de higiene, de conforto. Experimente Gessy, o sabonete suavemente perfumado, de massa consistente e pureza absoluta.



Só gargarejar?

O uso do gargarejo à noite após escovar os dentes, constitui uma medida de indiscutível valor profilático. Quem adota, sistematicamente, tal cuidado, pre-mune-se, sem dúvida, de muitas infecções que se assestam nas cavidades buco-faríngea. Muitas vezes, entretanto, o gargarejo não atinge senão o fundo da cavidade bucal e os pilares, deixando as partes inferiores da garganta exposta às infecções. Essa a razão de se aconselhar nas épocas de mudanças de temperatura, às pessoas sujeitas a dores e inflamações da garganta e das amígdalas, o uso das gostosas pastilhas de Panflavina, que destroem, com segurança, os germes infecciosos, sem causar o mínimo efeito nocivo à pessoa que as usa. Pode-se empregá-las tanto em crianças, como nas pessoas de idade sem o menor receio, mesmo durante semanas e meses.

Para desinfetar, pois, a garganta, nem sempre são suficientes os gargarejos, muitos dos quais são desagradáveis e irritantes.

Quem usar as pastilhas de Panflavina nunca mais as abandonará.

nhetro, quando descobrimos, aparecendo na superfície, uma mão. Ficamos estupefatos. Quem teria sido enterrado vivo? Talvez durante a tempestade alguém houvesse caído... Cavamos e descobrimos um corpo. Mas o homem não tinha morrido tragado pelo gelo. Ele tinha no peito um ferimento com sangue coagulado em volta...

Brian imediatamente tomou um telefone.

— Para onde vai falar, perguntou o homem.

— Vou tomar providências para...

— Um momento. Não ouviu a história toda...

Naquele instante Brian teve um pressentimento...

—...O cadáver do homem descoberto por nós desapareceu!

— Como?!

— Sim. Naturalmente assustados não nos lembramos de ficar vigiando o corpo. Corremos para casa e dissemos ao sr. Jack o que acontecera. Ele se recusou a acreditar-nos. Então nos lembramos da história do homem na casa que ele tinha acreditado ser uma alucinação. Ele ficou um pouco perturbado, pois não sabia que nós estávamos a par do caso. Esqueceu-se, é claro, que numa cidade pequena sabe-se de tudo, e que o dr. Bradley não se faz de rogado para contar e que sucedeu... Mas, como eu ia dizendo, quando fiz ver a ele que, se de fato víramos um cadáver semelhante ao homem descrito por ele, era provável que não fosse alucinação, afinal de contas. Ele ficou muito vermelho e disse que nós estávamos tendo

alucinações também. Discutimos um pouco e afinal ele prometeu vir conosco para ver o cadáver... Mas...

— Sim...?

— Mas o cadáver já não estava lá...

— Mas têm a certeza de que o procuraram no lugar certo? No meio de uma planície coberta de neve é fácil perder a direção...

— Mas havia ainda a cova em que ele estivera enterrado.

— Jack insistiu na sua afirmação de que se tratava de uma alucinação da sua parte.

— Sim... Foi por isso mesmo que nós resolvemos vir falar consigo. Andam acontecendo umas coisas muito estranhas na fazenda e é preciso saber o que está se passando...

— Vou tomar providências. Onde posso encontrar você a qualquer hora?

— Na fazenda ou então na cidade...

— Está bem. Avisá-lo-ei mais tarde do que suceder.

Naquele tarde Brian recebeu dois telegramas de Nova York. Ambos continham informação preciosa mas, apesar disso, o mistério se complicava ainda mais, se bem que, agora de posse de uns dados sobre a moça, ele pudesse prever o rumo que tomariam as coisas.

A surpresa não poderia ser maior, entretanto. Quando se aprontava para sair, rumo à fazenda, recebeu uma visita da moça.

— Está terminada minha missão aqui e vim revelar-lhe uma coisa...

Ele a interrompeu:

— Sei que pertence ao serviço secreto da marinha...

— Como descobriu?

Passai um telegrama para Nova York e recebi uma resposta dizendo que não a importunasse, pois a senhorita tinha uma missão a cumprir aqui...

— E' verdade...

— E acredito que sua missão se prende aos acontecimentos estranhos que se deram na fazenda...

— De certo modo, sim.

— Poderia explicar?

— Creio que seria mais indicado agir primeiro. Já que sabe que pode confiar em mim, vamos à fazenda. Jack corre perigo de vida com aqueles homens lá.

— Que homens?

— Dois alemães que o vigiam dia e noite.

Foi somente mais tarde, confortavelmente instalado numa poltrona na fazenda, com Jack a um lado e Brian do outro, que ela explicou.

— Sei que é do serviço secreto e sei também que Jack é um ex-prisioneiro...

— ...por crime de morte, completou ela. Sabia de tudo isso.

— Há mais de quinze anos fugiu da prisão e nunca foi encontrado.

Ela começou:

— Foi isso justamente que deu aos dois espíões, que agora estão presos, graças a Deus, a idéia de utilizá-lo. Descobrimos por acaso o segredo de Jack, eles planejaram tomar conta desta fazenda, que lhes servia perfeitamente para quartel-general. Mas ao mesmo tempo tinham que manter Jack aqui para não despertar suspeitas...

Foi quando aconteceu o primeiro acidente. Um dos seus cúmplices os atraçou, informando ao Departamento da Marinha que eles estavam na América. Eles o mataram, ao saber disso. Trouxeram-no moribundo para a fazenda. Contando com o sono de Jack, descarregavam o carro. Mas este levantou-se, descobriu o homem e foi chamar o médico. Quando eles notaram a ausência de Jack compreenderam tudo e esconderam o cadáver na neve... Jack passou por um alucinado. Partindo o médico, eles apareceram e convenceram Jack a ajudá-los. No caso contrário ele seria entregue às autoridades. Jack não resistiu. Aceitou as imposições deles e prometeu fazer passar tudo por uma



*Apresentar-se... deslumbrar...
e triunfar!*

*Ventura só reservada
à mulher que sabe usar...*

Uma requintada gama de tonalidades da última moda, realçadas por uma base exclusiva de "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

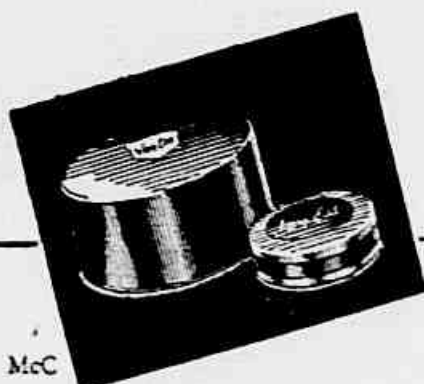
Baton para os lábios

Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!



McC

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutis.

alucinação. Foi então que eu entrei em cena. Não sou sobrinha de Jack, mas ele não teria coragem de negá-lo diante dos alemães. Apareci aqui, mostrei-me solidária com os alemães e obtive informações preciosas. Era essa minha missão. E Jack, sabedor de tudo, me judou. Terminada a missão, pude mandar prender os espíões.

— E o caso da segunda aparição do cadáver?

— Muito simples. Eles não haviam contado tão cedo com o degelo e a descoberta do cadáver. Jack, ao ser procurado pelos operários, manteve-se na hipótese da alucinação, porque sabia que minha missão não estava ainda completa... Os dois operários ficaram surpreendidos de ver

desaparecido o cadáver, mas eles não sabiam da existência dos alemães que, enquanto eles falavam com Jack, carregaram o cadáver para esconderijo mais seguro. Eis aí a história...

Brian sorriu:

— Quem haveria de dizer que numa cidadezinha tão pacata...

Ela também sorriu:

— As vezes são as aparentemente mais calmas que escondem as maquinações mais terríveis...

Na verdade, porém, ele não estava mais ouvindo suas palavras. Contemplava-a, embevecido. Respondeu um disparate qualquer e continuou a olhá-la...

O homem que queria enlouquecer

Continuação da pág. 21.

tarde, esse espetáculo infame? Isto me repugna, Cardoso! Isto cobre-me de vergonha, homem!...

O velho fez um pequeno silêncio e, a seguir, continuou:

— Desprezando a eutanásia e odiando o suicídio, que na sua opinião não passa de um expediente vulgar para uso de fracassados, o Meireles enveredou para o caminho da loucura, vendo na insanidade uma porta de saída para o seu pavor da morte, ou melhor, da agonia. "Assim como certos tímidos, explicou-me ele, só se animam a agir sob os efeitos do álcool, eu só encontro um caminho para prosseguir vivendo — a loucura. Sim, só despin-do-me da razão é que poderei ser feliz, Cardoso. Não te rias, mas ao estado a que cheguei, meu caro, nada mais será possível para mim conservando-me na posse das minhas faculdades mentais, juro-te!". Soube então que ele de longa data já vinha apelando para todos os meios visando enlouquecer. E tudo quanto se poderá fazer para isso ele fez...

Deu um suspiro e sentenciou:

— Mas à loucura não se vai voluntariamente, minha senhora...

O dr. Cardoso fez um gesto largo, como que decepcionado ante tanta impotência humana, e retomando a palavra:

— Isto compreendeu o Meireles, melhor do que ninguém. E então o seu desespero foi total. Com uma obstinação de fanático continuou, porém, cada vez mais avesso ao suicídio e à eutanásia, algemado à idéia fixa da loucura como único bálsamo para sua tortura.

E tamborilando no braço da cadeira:

— Certo que clinicamente ele é um

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras dragéias aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo
Remetemos pelo Recbols Postal
Cr\$ 20,00 o vidro
Produtos PANVITAL — Rua da Estréla, 6
RIO DE JANEIRO

louco, um monomaniaco. Mas pergunto-lhe eu: poderá dar-se o nome de louco a um homem que se revolta justamente por sentir dia a dia mais lúcida a sua razão, mais perfeito o seu raciocínio ante os estudos e as pesquisas que vem fazendo

para encontrar o céu aberto da loucura, por ele almejado?

E fitando-me:

— Viu-o esbravejar, lutar com os enfermeiros, ser arrastado para o banho quente, dentro da camisa de força, não?

Pois tudo isso é ensaio apenas, minha senhora. E' ele quem comanda e idealiza essa farça. E' mais uma experiência ditada pela sua obsessão... O infeliz tenta agora, aqui dentro, a última cartada — enlouquecer pela auto-sugestão...



Seu problema Nº1:

conservar a sua *Cutis Juvenil!*

ELA passou... Joias caríssimas! Está orgulhosa. Mas sofre... Sabe que, apesar das joias e toilettes, tem a pele cansada, cheia de espinhas ou sardas! Pense, pois, no precioso dom que possui: uma cutis fresca e juvenil! Conserve-a sempre assim com Leite de Colonia, que limpa,

alveja e amacia a pele. E se tem espinhas, cravos, sardas ou manchas, não procure esconder essas imperfeições. Corrija-as com Leite de Colonia, um preparado rigorosamente científico. Preserve a sua beleza usando, de manhã e à noite, Leite de Colonia, a juventude permanente da pele.

Leite de Colonia

J.W.T.





Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

VAGALUMES, versos de Borges da Cruz — Editora Aurora — Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. Borges da Cruz não se filia a qualquer escola ou corrente literária. Tampouco vem com a pretensão de inovar alguma coisa, dando-nos versos como nunca se viram. Não quer saber de tradições nem de revoluções. Não obedece a rigores clássicos, muito menos se propõe criar uma nova poesia. Filinto de Almeida costumava dizer, em resposta a certas curiosidades quanto à sua maneira ou às suas horas de trabalhar: "Eu não faço versos quando quero e sim quando eles querem". Com a mesma verdade o Sr. Borges da Cruz diria que os seus versos são como querem ser. Tudo neste livro indica sinceridade, espontaneidade. O poeta deixa que o seu estado de alma se esteriorize, se reflita nas cadências e nas rimas, sem a preocupação de o tornar mais requintado ou comunicativo. Confessa-se à poesia. E como, naturalmente, variam as suas emoções, a sua própria emotividade, com os sucessos ou os aspectos que cada dia lhe traz, assim estas paginas, sempre bem sentidas e bem trabalhadas, nos contam enlevos, júbilos, dúvidas, melancolias — sendo este último o motivo mais frequente da sua inspiração. Faz parte do livro uma série de quadras em redondilha menor, do tipo mais ou menos apropriadamente chamado "trova" e que os rossos poetas em geral não deixam de cultivar:

"Quem canta seu mal espanta..."
Não queiram acreditar;
Quem sofre não tem garganta
Capaz de poder cantar.

"Quem espera sempre alcança..."
Outra mentira patente;
Quantas vezes a esperança
Fica em desejo somente!

"Só se ama uma vez na vida..."
Ilusão, ingenuidade!
Para amar não há medida,
Nem limite nem idade!

Se sofres não te envergonhes
De chorar tua desdita;
A terra, sempre que chove,
Fica muito mais bonita.

Deixa o pranto livremente
Cair nas faces morenas;
O pranto é água corrente
Com que se lavam as penas.

A VIDA E O DESTINO, novelas de Cláudio de Souza, da Academia Brasileira — PEN CLUB DO BRASIL, editor — Rio de Janeiro, 1945.

A VIDA E O DESTINO

O Sr. Cláudio de Souza é considerado, sem o menor favor, um dos escritores que mais prezam e melhor servem a língua portuguesa, quer no Brasil quer em Portugal. A dignidade do estilo; a propriedade e legitimidade dos vocábulos; a pureza de toda frase e toda forma de expressão merecem-lhe um zelo apaixonado e de obra em obra mais devoto. Deste ponto de vista, como alguns outros, constitui o autor do presente livro um belo exemplo e uma nobre exceção. E nestes tempos de abandono, desprezo do idioma, em que tantos profissionais da pena — a maior parte deles hão de preferir a máquina — declaram escrever sem sintaxe, sem nenhuma parte da gramática, porque assim entendem e querem, o Sr. Cláudio de Souza devia receber uma espécie de prêmio Nobel concernente aos que exaltam e defendem as virtudes do vernáculo.

Novelas chama ele aos trabalhos reunidos neste volume. Por nossa parte diríamos que nem a todos assenta aquela classificação. Não passam alguns de impressões de momento, notas dum aspeto, registros duma emoção, mais ou menos correspondentes, nas letras, aquilo que os pintores designam por *pochades*. Não sustentaremos, porém, agora tal maneira de ver. O subtítulo da capa deste livro merece-nos todo o respeito. E com isto de filólogos e puristas, gente de nervos hipersensíveis e sangue esquentado, o melhor é não discutir. Depois, novelas ou não novelas, todas estas páginas nos cativam, pela imaginação de que procedem, a espontaneidade e a destreza com que se desenvolvem, os conceitos profundos ou vivazes de que se enriquecem, o equilíbrio que mantêm de princípio a fim de cada obra.

A novela que dá o título ao volume apresenta um destes indivíduos de exceção que, sem chegarem a constituir o tipo propriamente original, se distinguem ou querem distinguir de toda a gente. O protagonista da *A vida e o destino* fazia as coisas, tanto quanto possível, ao contrário do proceder das outras pessoas. Se, por exemplo, desatava a chover, em vez de abrir o guarda-chuva como o geral dos transeuntes, ele, se o levava aberto, fechava-o e apanhava em pleno lombo o aguaceiro. Por essas e outras, dele se dizia, desde menino, que nascera errado. E, com a idade, progressivamente aquilo se foi agravando. Voluntarioso, insubmisso, indomável e tendo incorrido no ódio do pai — que era realmente mau e bruto — um belo dia, numa briga do casal, e para defender a mãe, matou o autor dos seus dias. Foi julgado e absolvido. Não mudou, porém, de idéias nem de sentimentos. Dono duma terreola negou-se a pagar imposto de propriedade, pela razão de que o Estado nada fazia para proteger os seus haveres nem o seu trabalho. Daí lhe resultou ir o sítio à praça; ele, porém, recusou-se a reconhecer a legalidade de tal medida e recebeu a tiros a força armada que viera impor-lhe a obediência. Desta vez, está visto, foi condenado a uns tantos anos de prisão. E, depois de cumprida a pena, não quis voltar à liberdade. Como termina, então, a história? Não seremos nós que o digamos. O Sr. Cláudio de Souza, comediante e dramaturgo das mais inspirados, preparou aí um verdadeiro "golpe de teatro". Deixaremos aos seus leitores, que porventura sejam também nossos, toda a surpresa e toda a emoção.

Não compõem o volume exclusivamente páginas de "tragedia vulgar", como às suas peças chamou Paul Hervieu. Há também os contos de enredo, os eruditos, os pitorescos, os humorísticos. Todos, porém, se igualam no bem pensado e no bem escrito. Com *A vida e o destino* junta o Sr. Cláudio de Souza às suas sessenta e oito obras publicadas esta que é talvez a melhor.

Novos

O JAPÃO POR DENTRO, observações e comentários do tenente-coronel Lima Figueiredo—
Companhia Editora Nacional—São Paulo, 1944.



O Sr. Lima Figueiredo não hesitou em intitular este livro *O Japão por Dentro*, sabendo embora como tudo naquele país está organizado e funcionando de maneira a não poder o estrangeiro apreender, vislumbrar sequer os elementos, condições e particularidades que, no entender de dirigentes e autoridades, ele deva ignorar.

Um escritor inglês concluiu, ao cabo de longa estadia e toda sorte de francas ou astuciosas diligências, que nem ao cabo de vinte anos o hóspede virá a conhecer os segredos daquela casa que, de certo modo, nunca aos seus olhos se chega a abrir. Se tentou visitar estabelecimentos industriais, instituições de ensino, empresas agrárias, quartéis, estaleiros, templos, encontrou por toda parte alguma coisa, muito às vezes ou quase tudo a que foi vedado o acesso e até a aproximação. E o próprio idioma, não o pôde propriamente aprender, porque uma é a linguagem que se publica, se usa correntemente, outra a que só aos japoneses é facultada — e há ainda uma terceira para os governantes, os chefes militares, os altos personagens do país. No entanto, não é descabido, nem de qual-

quer modo impróprio, neste livro, o título *O Japão por Dentro*. Em verdade, com as suas faculdades de observação e dedução, a sua argúcia para surpreender os aspectos e ir além das exterioridades, muitas coisas o Sr. Lima Figueiredo registou no seu canhenho — ou, mais prudentemente, na sua memória — e bastantes trouxe consigo, de natureza a constituírem para nós outras tantas revelações. Do lado de dentro do Japão, viu tudo de certo o que um forasteiro excepcionalmente dotado para tal fim conseguirá ver. E cumpre notar ainda que a sua condição de adido militar a uma Embaixada o não poderia favorecer e antes certamente lhe causou embaraços à outra missão que, por si mesmo esta, assumira: dizer ao Brasil o que exatamente era o Japão.

O livro compreende, nas suas tresentas páginas, dezessete partes, subdivididas em numerosos capítulos. Começa pela apresentação d'Os modernos samurais, no seu preparo militar, sua frugalidade, suas possibilidades de resistência, sua ausência de nervos, suas superstições, seu grande desprezo pela vida própria — maior ainda pela dos outros; passa em revista — é um modo de falar — os exércitos de terra, a potencia naval, a aviação, que é "a grande força japonesa"; estuda os meios de propaganda, os métodos de conquista e colonização; e, tendo passado por outras matérias de interesse político, administrativo e ainda e sempre militar, termina com o panorama e as lições da "Guerra no Extremo-Oriente."



CIMENTO ARMADO, crônicas de Berilo Neves — Editora A Noite — Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. Berilo Neves é o cronista acabado e completo. Tudo nele está concluído e apurado. Podemos dizer que nada lhe falta. E, como nos dão essa impressão, igualmente os seus trabalhos nos fazem concluir que nada lhe sobra.

A vasta, bem organizada e bem consolidada cultura deste escritor, a serviço do espírito mais agil, da mais destreza capacidade apreensiva, permite-lhe tomar qualquer assunto: as primeiras linhas que ele leia no jornal; o rumor que chegue à sua mesa de trabalho; o retalho de panorama que aviste pela janela; qualquer questão, qualquer sucesso, qualquer coisa possível ou impossível de acontecer. Esse motivo de prosa descritiva, doutrinária, enternecida ou fantasista fica-lhe pertencendo inteiramente e para todos os efeitos. Conduzi-lo-á por onde quizer, até onde quizer, tirando dele os corolários, as conclusões, a espécie de ensinamento que quizer — em suma, fará dele o que quizer. A sua erudição teve como base primordial um severo, inuldivel curso de humanidades, sancionado pelos exames finais do tempo e das instituições em que, para a aprovação do aluno, de nada valia o seu prestígio como centro ou ponta do corpo de *football* do estabelecimento. E' provável que, nesta atual matéria de preparatórios, ele não obtivesse classificação muito acima de zero. E isto por uma razão muito simples: porque a sua natural inteligência, o seu temperamento e gosto essenciais o destinavam, não a ter uma alcinha e ganhar rios de dinheiro quer dando pontapés certos quer entrando em ignobeis "marmeladas", mas a ser um dos mais belos e brilhantes prosadores da sua época. Foi com os idiomas que aprendeu, sem desdém nem abandono, e antes com verdadeiro amor estudioso, do latim; com o que ficou sabendo de física, química, história natural; com os seguros conhecimentos que obteve de história e de geografia; com os solenes princípios de filosofia, todas as lições das escolas e as correntes de literatura, as claras noções de arte em geral — foi com tudo isso que o Sr. Berilo Neves se orientou e apetrechou antes de escrever a primeira crônica, que foi a sua primeira vitória. Não lhe dar lugar dos mais altos na literatura jornalística destes tempos; equipará-lo, com mais ou menos imaginação, mais ou menos chiste, a tantos profissionais ou amadores da pena que, no sentido da arte e da mera gramática, estão abaixo dos alunos de primeiras letras e pouco excedem os analfabetos; não lhe reconhecer a grande superioridade, hoje em dia, da cultura e da correção, excederia todo equívoco e todo erro, passaria a ser absurdo.

Cimento armado é o título da primeira crônica do presente livro e bem lhe pode servir como definição e síntese. Cimento armado, arranha-céu... O orgulho e a ambição, a arrogância e a temeridade, a aparência de minadora e a intimidade trepidante, frenética, cheia de lutas e de dúvidas, dos arranha-céus... Este livro ora contempla ora penetra o soberbo e agitado sistema de demolição e reconstrução que é a vida de hoje. Estas páginas vibram e rebrilham na sua feição de modernismo edificante. O Sr. Berilo Neves não é apenas um humorista nem faz simplesmente ironia. Esclarece no que possam ter de indeciso ou mal definido os acontecimentos singelos da rua, como explica os mais importantes fenômenos sociais. Sorrindo ou assumindo ares de devanear; dando largas à emotividade ou à fantasia; aludando um problema; denunciando um erro; indignando-se diante dum crime, sempre, em verdade, diz alguma coisa de pessoal, útil de conhecer e de meditar. Ensina sempre. Para isso, antes de dizer ao que vinha na imprensa e nas letras, aprendeu tanto. E por isso os seus livros, e ainda nos capítulos o trabalho de aparência mais ligeira, se contém alguma coisa que é verdadeiramente uma lição.

J. L.

CONVOCAÇÃO. — João Daudt de Oliveira. — Rio. — 1945.

Recebemos um exemplar do discurso proferido pelo sr. João Daudt de Oliveira, presidente da Associação Comercial do Rio, na Associação Comercial de São Paulo, em 2 de Março próximo passado.

O trabalho em causa aborda assuntos de real importância.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Tão bonita...

Isso é porque ela ainda possui os verdadeiros aliados do encanto: Cremes de Beleza Yardley e Pó-de-Arroz Bond Street. Certamente, todos os produtos de toucador Yardley virão de novo com a paz.



Yardley
de Londres

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE
 • PRISAO DE VENTRE
 Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas de secreção interna.
 METABOLISMO BASAL • TUBAGEM DUODENAL
 CLINICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
 Consultório: Edif. Góes - R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 - Cinelândia
 Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

MODAS AVULSAS

A esquerda: - Em shantung branco é este modelo enfeitado com pespontos em cores.

A direita: - Vestido para a noite, em mousseline negra, com nervuras e rendas.

UM DESODORANTE DE AÇÃO DUPLA**ARRID EVITA MANCHAS E ODOR NAS AXILAS**

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege *você* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja - sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 - Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID

O desodorante que mais se vende

PÓ DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

FINO, ADERENTE E INVISIVEL
 A VENDA EM TODA A PARTE

Loção DISCRETA CONTRA CASPA

Rua Flack, 153 - Rio
 T. 29-2840



UM PRESENTE
 DE CLASSE
 E DISTINÇÃO



PERFUMES



PERFUMES

BELLES FLEURES
 MUSGO CHINE

05

GRATIS

Pega **GRATIS** pelo Correio o livrinho de Aristóteles Itália: "O Segredo do Sucesso e da Saúde", para adquirir saúde, vencer em negócios e amizades, aprender sugestão, magnetismo, clarividência, força de vontade, hipnotismo, o Conhecimento dos Mundos Superiores, seu horoscopo, etc. Só para adultos não analfabetos. Envie Cr\$ 0,80 em selos se quiser recebê-lo sob registro, evitando assim extravios. Escreva ao Sr. Artur S. Torres — Caixa Postal 2425 (D. F.).

BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINACAO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS

Poco sair-me prospectos:
NOME _____
ENDERECO _____

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA!

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

Numeros atrasados desta
Revista em Pernambuco

PEDIR A

A. MADALENA

RUA 7 DE SETEMBRO, 128

RECIFE

Romancista ao Norte

(Continuação da pág. 13).

mais alto, não importa o sentido das frases, contanto que elas possam ser pronunciadas em voz alta. A multidão se atropela na ânsia de gritar, gritar seja o que for e aonde for, pois enquanto a garganta grita folgam-se as costas e o estômago. Mas por cima das cabeças levantadas, sobre o oceano de braços que se agitam em desespero, corre um frêmito de renovação, um vento de esperança. Após a longa provação, em que subexistimos não se sabe como, vivemos agora de esperança, e não fôra ela o desespero se apoderaria de nós.

Os escritores estão também, como o homem da rua e como o jornalista, tomados por essa esperança indefinida, que nos segreda aos ouvidos que em breve che-

garão dias melhores para os homens de toda a terra. Tombam os soldados nos campos de batalha, as fábricas trabalham para satisfazer as indústrias bélicas, a lavoura produz em escala reduzida. Sofre o camponês, sofre o trabalhador, sofre o homem de letras. Mas todos marcham decididamente para o futuro, pois lhes chega aos ouvidos cansados o hino da esperança. Ninguém sabe de onde vem esse murmúrio, mas todos ouvem as notas alegres e marciais e as palavras da canção, que vêm dizer ao povo que o seu dia chegará.

Terminávamos a nossa missão. Raquel falara — e falara bem. Despedimo-nos. Saíamos já do seu elegante apartamento em Ipanema, quando ela nos disse, num sorriso rasgado:

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

— Não esqueça de dizer... Hein? Não esqueça... Eu não pertencço às "Vitórias Régias", ouviu?

- ★ Água de Colônia
- ★ Brilhantina
- ★ Extrato
- ★ Loção
- ★ Óleo perfumado
- ★ Pó de Arroz
- ★ Sabonete

Perfume
Organdy
de **BAZIN**

Obra prima da perfumaria!

P. Ferraz

A VENDA EM TODO O BRASIL



A d
de

O núm
Viscon

Flagelo na Cidade das Hortensias

(Continuação da página 5)

deixando livre a passagem da caudal enorme, que não encontrou obstáculos para levar a cabo a sua terrífica rota.

As portas de aço das casas comerciais foram arrombadas pela força do torvelinho, e as mercadorias e móveis eram atirados à rua numa confusão demoníaca. Casas como a Sloper e a Americana tiveram um prejuízo total. A água varreu-lhes violentamente os salões de vendas, deixando-os completamente nus. Nada se pôde aproveitar da mercadoria em "stock".

Conversámos com os proprietários de um dos maiores bazares de Petrópolis, que estão agora na contingência de recomeçar novamente a vida comercial, por isso que a sua casa, por perda completa da mercadoria, se reduziu à posição de um estabelecimento recém-aberto.

Fomos aqui informados de que nenhum dos estabelecimentos comerciais da cidade estava protegido com seguro específico contra água. Muitos dos comerciantes tentaram entretanto fixar se as apólices de "seguros gerais" lhes garantem indenização dos prejuízos.

Os danos causados pela enchente no centro comercial foram alarmantes, chegando mesmo a justificar uma moratória para os estabelecimentos atingidos pelas águas. Espera-se que as autoridades venham a decretar essa medida de emergência.

A imprensa local especifica os prejuízos sofridos pelo comércio local em uma cifra superior a dez milhões de cruzeiros.

A MORTE PREFERIU OS SUBÚRBIOS

No centro da cidade, entretanto, não houve mortes a lamentar. Nos arrabaldes a morte ceifou porém muitas vidas de pessoas humildes, residentes em casas rústicas, que ao primeiro contacto da água desmoronaram-se como construções de areia.

Ouvimos da boca dos moradores da Fazenda Inglesa, Araras, Rio da Cidade histórias de pavor, dignas de figurar ao lado dos contos mais dramáticos de Maupassant.

Contaremos, entre todas, a de um garoto que, acordando alta noite, foi atraído por um barulho atrás de sua casa. Abrindo a janela, viu que uma barreira enorme se precipitava morro abaixo, em direção ao pobre "chalet" onde morava. Os mais velhos se encontravam fora. Só ele e a irmãzinha haviam dormido em casa. Levando consigo a pequena, o menino teve tempo de atingir um monte de vigas de madeira, pôsto num terreno fronteiro. Agarrou-se então a um poste da rede elétrica que por ali corre. A irmã se segurou em sua camisa, buscando também proteger-se contra uma grande massa d'água que se aproximava. O enxurré passou num estrondo e a garotinha conseguiu manter-se abraçada ao irmão. Mas veio outra enorme onda e ela, embora se agarrasse à camisa do menino, foi tragada pelas águas e desapareceu em meio da correnteza.

Este foi um dos casos dolorosos que ouvimos dos habitantes dos subúrbios petropolitanos. Mas análogas a ele dezenas de outras tragédias tiveram por palco os bairros pobres da infeliz cidade serrana, na noite trágica que viveu a *urbs* desprevenida.

Naquelas pobres ruas e caminhos esquecidos, afastados de todos os recursos de salvamento, a foice da morte trabalhou com afino.

Erica Stang, Maria de tal, de cinco anos de idade, Ari Moreira, Sebastião Moreira, Maria Alonso, Aristides dos Santos Ferreira, Bernardo Cristino Durval, Carmelita Lopes da Silva, Rosa Paula da Conceição, Emília Rocha, Maria Julia, Maria Lopes, Manoel Teixeira... nomes vulgares e desconhecidos, que nada representam para nós se os encontrarmos nas páginas dos jornais. No entanto cada um deles traz em si toda uma história dolorosa, uma tragédia curta e intensa. Foram eles as primeiras vítimas da catástrofe da Serra a ser retiradas das ruínas e dos leitos dos cursos d'água.

Os seus cadáveres fomos encontrá-los amontoados no exíguo necrotério da *urbs* aristocrática, à hora em que as grantinas do Rio, em veraneios elegantes, passeavam de "slacks" vistosos pela avenida Quinze, conduzindo os seus cães zinhos de luxo.

Nenhuma cena da guerra da China poderia superar o que vimos então. O necrotério da cidade, que não tem, como qualquer comunidade populosa, um serviço médico-legal, mede pouco mais de 12 metros quadrados, e ali fomos encontrar, amontoados a um canto como trastes velhos, nada menos de oito corpos mutilados em estado de putrefação.

Enquanto caem sobre Petrópolis as últimas gotas de chuva. "Jacaré", carregador da empresa funerária local, conduz para o necrotério os caixões mortuários. Foi ele um dos homens que mais trabalharam esses dias na cidade serrana.



Alguns dos raros operários da Prefeitura de Petrópolis que se entregam ao serviço de desobstrução das ruas da cidade. Este flagrante foi feito em uma das pontes da avenida Quinze, sobre o rio Piabanha.

Assistimos ao enterro de uma das vítimas, celebrado com o ritual batista. E em toda a nossa vida profissional de reporter nada se nos afigurou tão revoltante como o contraste daquela cena e a impassividade dos moradores dos palacetes de veraneio, que fomos encontrar pouco depois, no mais aristocrático restaurante da cidade, comendo à farta pão branco e carne fresca, enquanto os moradores de um bairro afastado, presos pela queda das barreiras, retalhavam um boi trazido pelas águas, para o seu almoço.

Ao enterramento a que nos referimos compareceram amigos da morta, que lhe foram levar os cânticos religiosos do ritual. Mas ninguém que representasse a comunidade petropolitana compareceu ao local. Isso talvez se devesse ao aspecto repugnante que o necrotério apresentava.

Nunca, em toda a crônica das calamidades públicas, se revelou, em tão elevado grau, a falta de solidariedade humana.

A catástrofe atingiu proporções gravíssimas, bastando para prová-lo revelar o número de mortos que ascende a mais de trinta, cifra da qual se excluem os desaparecidos que, até a hora em que enviamos esta correspondência, sobem a oito.

No entanto, apesar do pranto e do luto que cobre os subúrbios — não fôra o comércio fechado e as ruas obstruídas pela lama e pelos destroços — nada de anormal haveria na cidade. Os clubes aristocráticos funcionam, e os veranistas parecem desconhecer completamente a tragédia que atingiu a cidade.

Da pequena morgue do cemitério local à avenida Quinze, que distância! Ali um amontoador de mortos insensíveis, um homem que entra e sai constantemente, conduzindo caixões mortuários, prantos de mães desesperadas, lamentos de famílias atingidas pela desgraça. Aqui a nota alegre das toilettes "chics" e a graça das morenas snobs, todas cheias de cuidados para com os seus queridos "bassels".

Com a impetuosidade da torrente tudo o que se encontrava na rua foi varrido. Este carro, apesar de freiado, foi arrastado pela água num espaço de cem metros, aproximadamente, indo de encontro a um poste, em frente à Catedral.



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



Combatem suavemente a preguiça intestinal.

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
▲ VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luís Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Diga qual o seu problema!

PARA PASSEIO

- 1 — Vestido de seda azul marinho com pequenos babados de piqué branco na gola e nos bolsos. Interessante "movimento" na blusa e na saia.
- 2 — Vestido de seda, com decote redondo arrematado por um babadinho de organdi. Babadinhos também nos cortes da blusa. Botões brancos.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

DE RADIO

Bela solução

JÁ estava impresso o meu embrechado da semana passada sobre o "Prêmio Henrique Dodsworth", quando vim a saber que a comissão julgadora o havia concedido, por unanimidade, ao cronista Martins Castelo, autor de trabalho realmente digno de aplausos incentivando a radiofonia brasileira. Fiquei satisfeito porque, assim, o desagradável assunto, fonte de tantas quisílias e controvérsias, acabou bem. Martins Castelo não é um aventureiro, um frinchote de microfone mascarado de crítico, sofrendo cesarianas mentais para alinhar alguns períodos de elogios ou restrições aos carangas sambiquaras. Jornalista da velha guarda, comentarista político, reporter internacional, com três ou mais lustros de exercício da profissão, ainda há poucos anos provocou terrível celeuma na imprensa e em nossos meios educacionais, obtendo o primeiro posto num difícil concurso para técnico de educação — emprego que o Ministério do sr. Gustavo Capanema não lhe deu, apesar da esplêndida vitória do seu talento e de sua cultura. Dedicando-se, de uns anos a esta parte, aos problemas do "broadcasting" nacional, se outra coisa não fez nesse setor, ao menos produziu aquele estudo agora premiado pela Municipalidade, no qual o intuito nobremente construtivo e a prosa tersa do jornalista de alto quilate intelectual juntam-se a uma bela demonstração de erudição na matéria. Não vejo, pois, como negar o acerto da escolha efetuada pela comissão julgadora do "Prêmio Henrique Dodsworth", embora tenha eu opinado, anteriormente, pela outorga do mesmo ao Departamento de Imprensa. Ra-

dionica e não a um só cronista. Aliás, Martins Castelo apareceu nessa história do Prêmio, levando os 10 pacotões, como um legítimo "tertius", que devia conciliar a deselegantíssima contenda estabelecida entre duas correntes: a dos indiferentes e a dos candidatos de qualquer maneira ao cheque da Prefeitura. Mais do que nunca, estamos em uma época de solidariedade, de transigências individuais visando o bem-estar da coletividade. Por que, então, se insistiria em discutir ainda o caso sob o argumento de ter sido publicado o trabalho de Martins Castelo em um anuário e não em diário ou semanário, quando, de sã consciência e alma limpa, sabemos que o colega detentor do prêmio bem o mereceu por um esforço crítico-literário não ultrapassado em valor pelos escritos de nenhum outro dentre nós? Irriqueto por temperamento, irreverente por princípio, sou homem para xingar qualquer sujeito ao ensejo de um simples "dá cá aquela palha"; mas fujo como da peste da menor discussão por causa de dinheiro. Quando sou obrigado a reclamar de algum condutor de bonde o trôco errado que me prejudica, faço-o tão acanhadamente, tão ruborizado como uma donzela em noite de núpcias... Não compreendo, destarte, o estrilo contra a decisão dada ao "Prêmio Henrique Dodsworth", mormente sabendo que nenhum dos cronistas do rádio carioca necessita dos 10 mil cruzeiros para viver, nem o próprio Martins Castelo — funcionário público, advogado, radialista, jornalista em plena

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMITINA

Neurastenia? Insônia? Angústia?

BENAL

SEDATIVO do Sistema Nervoso
Fórmula do Professor Austregésilo.

atividade e membro de uma família que tem recursos suficientes — cujo direito à laurea monetária da Municipalidade, apesar das dúvidas levantadas em torno da publicação do seu trabalho em anuário, é reconhecido não como favor, e sim como homenagem merecidíssima pelo brilho da composição premiada.

DJALMA MACIEL

Os conselhos da BÔA MÃE



O REGULADOR SIAN é o melhor remédio, que eu conheço, para todas as doenças, próprias da mulher, como sejam as regras dolorosas, escassas ou excessivas

REGULADOR SIAN

É um produto do

Laboratório Sian



STANDARD
CRH 100

FEDERAL
CRH 160

INCA
CRH 260

"ANEL ZODIAICO",
OITAVA MARAVILHA
Com o Signo, Planeta
e a Pedra do Dia e Mês
do seu nascimento. Feito
de Prata fina com
Ouro 18 Kil. e também
todo de Ouro. UM
PRESENTE INESQUECÍVEL.
Mande o dia e
mês do seu nascimento,
bem como a medida
do dedo; e pague no
ato de recebê-lo na
Agência do seu Correio
pelo sistema de reembolso
postal. Também
remetemos joias de ouro
e brilhantes, tudo
pelo preço da fábrica.
Fábrica de Joias "AZ-TECA",
Rua Regente
Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.
Peçam catálogos

AMERICA
CRH 135

CAPITAL
CRH 260

BRASIL
CRH 280

CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí, a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

À venda em todas as farmácias e drogarias.

Neurobiol



A CASA SQUIBB

tem contribuído grandemente para o desenvolvimento dos métodos de preparo da

Penicilina

NOS últimos anos, nenhuma descoberta médica foi objeto de tanta atenção como a droga de ação maravilhosa, a Penicilina. Segundo um relatório do Congresso Médico Aliado, de Argel, "jamais houve um agente terapêutico que se comparasse com a Penicilina em eficácia contra uma grande variedade de enfermidades, inclusive pneumonia, infecções ósseas, sífilis e muitas outras doenças infecciosas".

Os Laboratórios Squibb têm estado empenhados no desenvolvimento e produção da Penicilina desde 1940, quando se receberam da Inglaterra as primeiras culturas. Como resultado de suas intensas pesquisas e prolongados estudos, têm-se conseguido notáveis aperfeiçoamentos e grande aumento de produção.

Os frascos que se usavam anteriormente para as culturas foram substituídos por tanques gigantesco, da altura de vários andares, e a produção é agora suficiente para atender às necessidades militares e permitir o aumento das quantidades disponíveis para uso civil.

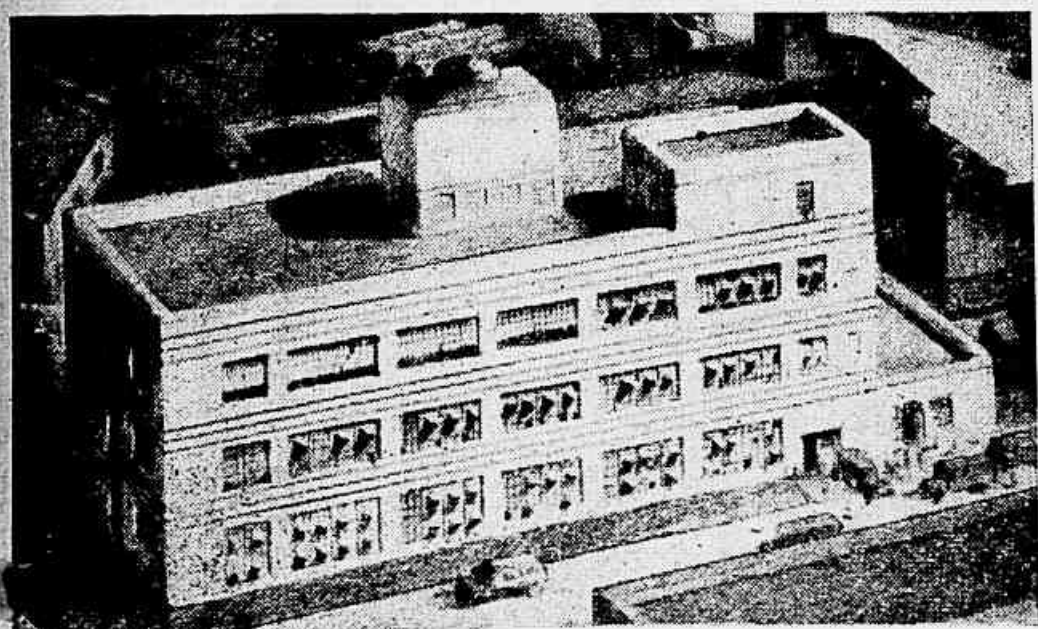
A Casa Squibb se orgulha de ter participado do desenvolvimento dos métodos de preparo deste novo agente terapêutico que provou ser um dos mais eficientes defensores do homem contra as bactérias suas inimigas.



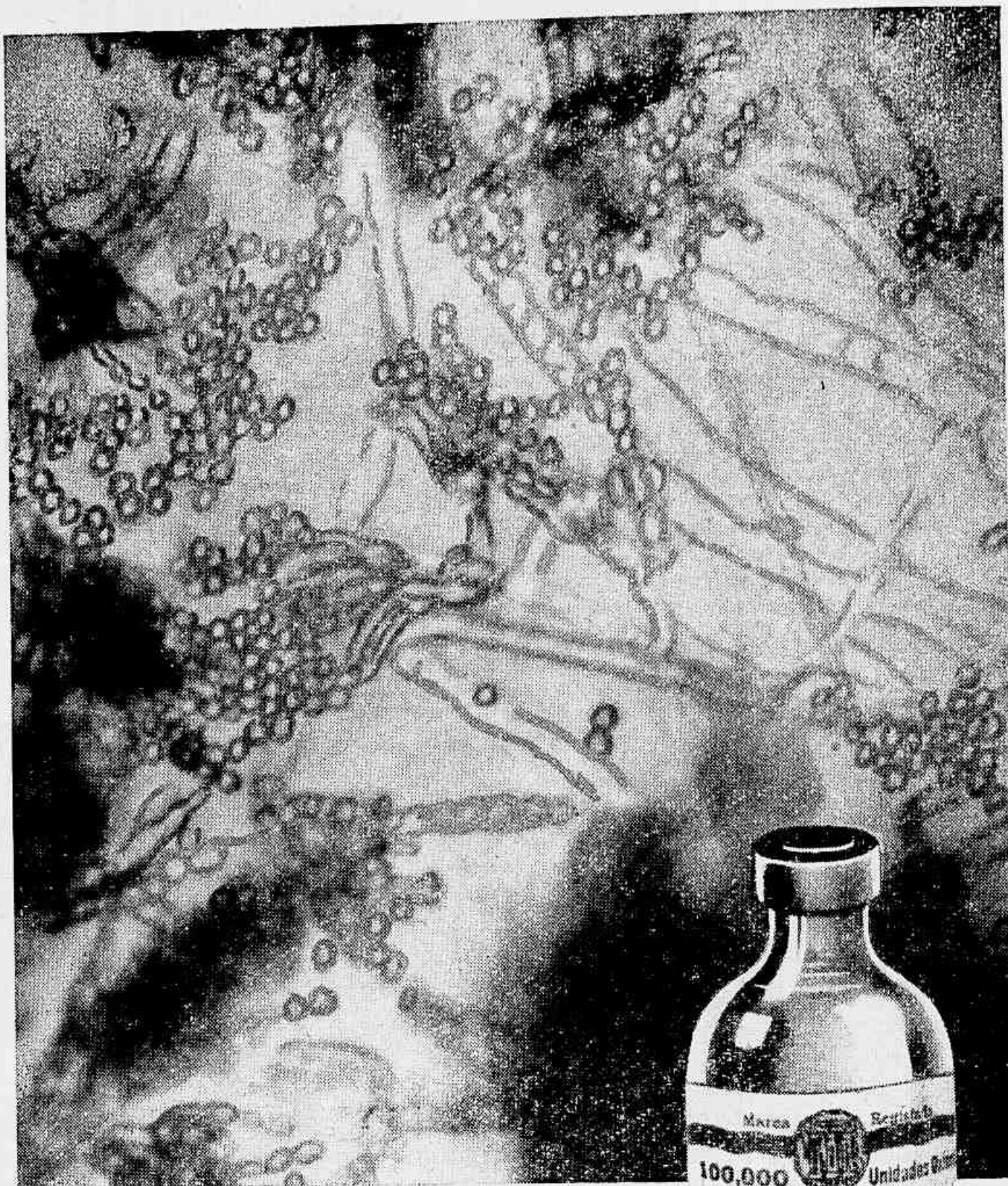
Procure o Selo da Casa Squibb

E. R. SQUIBB & SONS, NEW YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

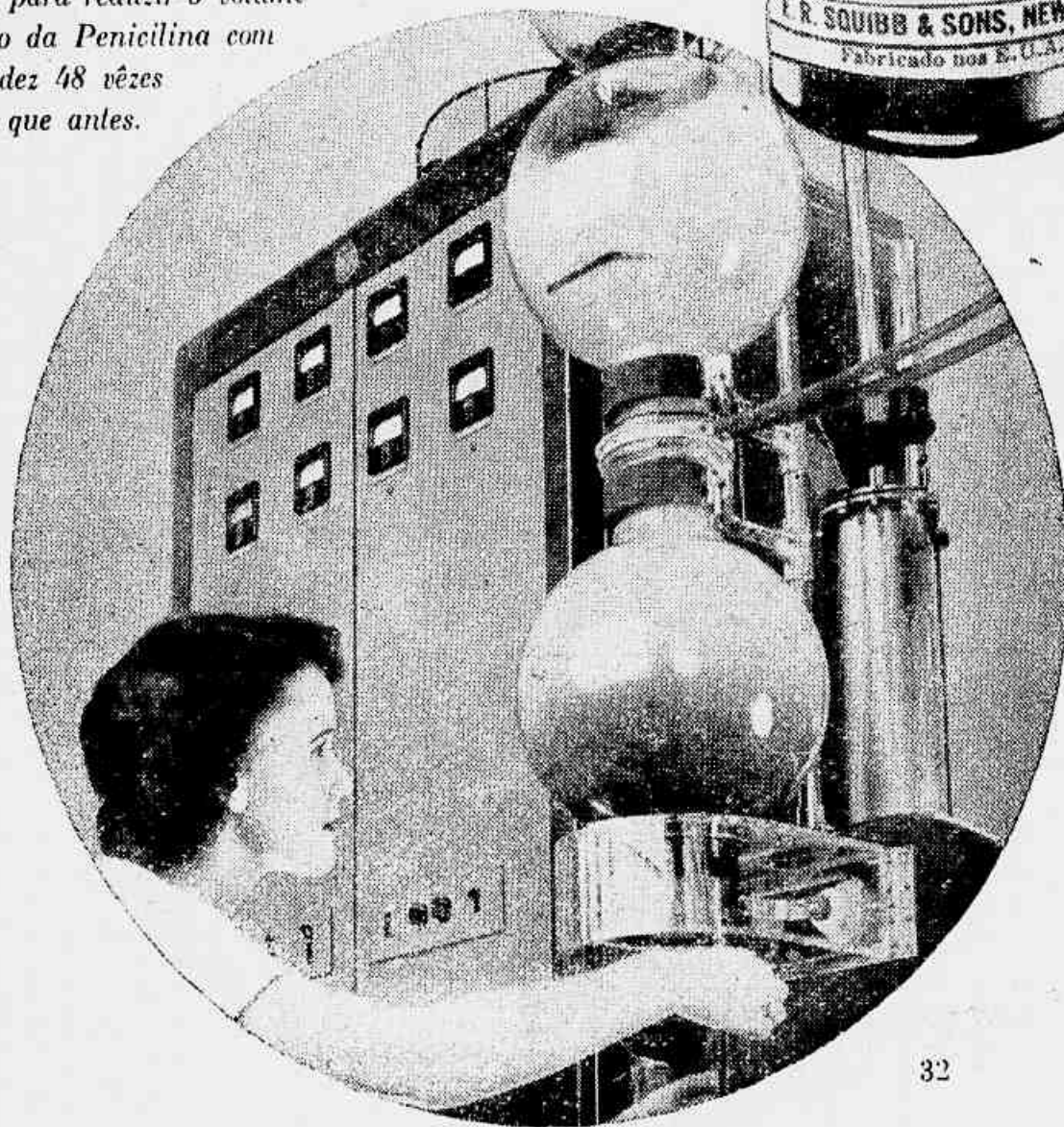


O novo edifício Squibb dedicado exclusivamente ao preparo da Penicilina



Vista microscópica do micélio e dos esporos do *Penicillium notatum*

Squibb se utiliza da nova ciência eletrônica para reduzir o volume da solução da Penicilina com uma rapidez 48 vezes maior do que antes.



32

SQUIBB

é um nome em que se pode confiar



O ato inaugural. O capitão Bruno, representante do Presidente da República, corta a fita. Ao seu lado o prefeito, o ministro da Agricultura, o secretário da Educação e outras autoridades.



As "borboletas" de entrada do Zoo não param nos dias de visita. A cidade quer ver os seus novos moradores. Uma audiência com Mme. Catarina ou com a sua comadre Mme. Mariazinha? Elas não ficarão sem visita...

Um mundo de curiosidades para crianças e adultos



O elefante passeia pelas alamedas, solenemente, e o seu tipo grotesco é motivo de curiosidade e espanto para a petizada.

O QUE É O NOVO ZOO DA QUINTA DA BOA VISTA — ANIMAIS DAS MAIS VARIADAS ESPÉCIES — ONDE O CARIOCA PODERÁ PASSAR MOMENTOS DE ENCANTAMENTO — EXPRESSÃO DO DESENVOLVIMENTO CULTURAL DA NOSSA METRÓPOLE

Com a presença do prefeito Henrique Dodsworth, do representante do Presidente da República, de vários ministros de Estado, secretários gerais da Prefeitura e outras altas autoridades, inaugurou-se, há dias, o novo Jardim Zoológico que a Prefeitura do Distrito Federal instalou na Quinta da Boa Vista.

Era uma das necessidades que se impunha a instalação de um parque daquela natureza. O antigo Zoo do Barão de Drumond, em Vila Isabel, já não preenchia as suas finalidades. A coleção de animais que possuía era precaríssima e já não mais despertava a atenção do público. Um Jardim Zoológico deve atender, antes de tudo, a um programa que vise a elevação do nível cultural do povo. O Zoo que a Prefeitura acaba de inaugurar atende, inequivelmente, a essa finalidade. Possui ele uma das maiores quanto mais variadas coleções de animais do mundo — quer da fauna brasileira como da de outros países. A coleção de aves, principalmente, é uma das mais importantes que se conhece. Aves de todos os portes, pássaros de todas as cores e tipos lá estão magnificamente instalados em viveiros excelentes, confortáveis e elegantes.

Animais raros, como búfalos africanos, gnús, lhamas, guanacos, antas, lobos; e os mais conhecidos, como o leão, o elefante, as pacas, as onças, as jaguatiricas, as sussuaranas, os veados e uma infinidade de macacos.

No dia da inauguração as "borboletas" de entrada do Zoo marcaram cerca de 100.000 visitantes, a ponto do Prefeito se ter visto na contingência de tomar providências para que a todos fosse facultado ver o Zoo.

As visitas serão feitas às terças, quintas, sextas, sábados e domingos, das 11 às 16 horas, pagando o adulto Cr\$ 3,00. As crianças nada pagarão até a idade de 12 anos, e os militares, operários e funcionários municipais pagarão apenas 50% do preço da entrada.



D. Onça é brasileira. Ela é a rainha das nossas matas. Não gosta de brinquedos. Quem quiser conversa fiada que procure ao lado a Mme. Mariazinha, sua vizinha de apartamento... No momento ela repousa gozando as delícias do ar refrigerado... através das grades.



O povo manifestou o maior interesse pelo Jardim Zoológico. Ai está a multidão diante dos viveiros e nas aléias.



O sol está quente e o calor é escaldante... O caramanchão onde estão os viveiros das arapongas, dos socós, das jacupembas e dos pavões convida o visitante a uma sombra amena...

Madame Catarina aí está, pronta para uma recepção. Ela é o encanto da petizada. Tem ares solenes de uma excelente dona de casa. Não acham?

Este aqui é o Marquês, um belo espécime de macaco. É que honra para o Marquês!... O prefeito segura-lhe a corrente enquanto ele faz algumas caréas para os presentes.

Aí está Mme. Mariazinha. Seu apartamento fica ao lado do confortável apartamento de d. Onça. Ela não tem o mesmo ar solene de sua comadre Catarina, mas diverte um pouco os visitantes. Isso é que é.



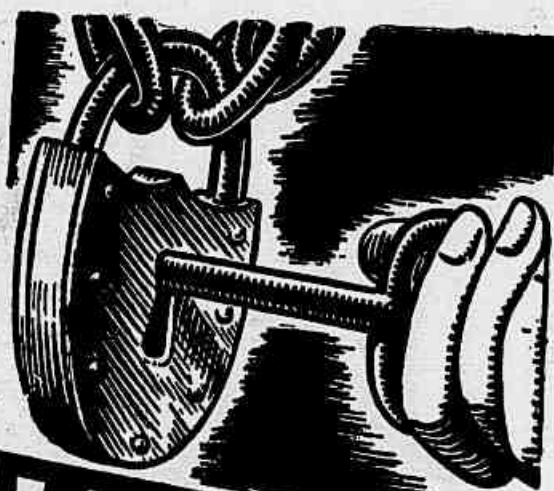


O jornalista

Depois de longas horas de trabalho mental, no agitado ambiente de uma redação, o cérebro sente-se exausto e os nervos descontrolados. Utilissimo é, então, tomar um ou dois comprimidos de ADALINA, cuja ação suave, mas segura, restitue ao espirito a calma necessaria ao trabalho intelectual. ADALINA é um produto da Casa Bayer. Isto lhe serve de garantia.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo. Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

A simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00.

PORQUÊ?



Porquê, nas praias e adjacências, mostram-se assim?



E assim se apresentam no trânsito público?



E assim se acautelam os caniços sentados, num sentido?



E, dentro de casa, escondem o que é visto e revisto lá fora?

Raul

LUIZ — Por que diz isso, Geraldo?

GERALDO — De certo. Basta lembrar-se que a Regina de agora é uma Regina feia, horrorosa mesmo, e num momento se consolará. Você está tendo saudades de uma sombra. E uma sombra não deve preocupar um homem positivo como você.

LUIZ — Não sei, Geraldo. Eu mesmo não sei o que se passa comigo. Às vezes tenho vontade de procurar a Regina. De botar a polícia no seu encalço.

GERALDO — Você não fará isso, Luiz!

LUIZ — Não. Não o farei. Mesmo porque eu tenho a certeza absoluta de que ela há de voltar. Todo o dia eu espero que ela me escreva. Que me dê notícias. Eu vivo desta esperança. Ela não terá coragem de persistir nessa evasão, no exílio a que se condenou.

GERALDO — Esperemos, então.

LUIZ — Eu espero. Eu espero, sim.

GERALDO — Mas agora o que me parece ajuizado é entregar à polícia este negócio do roubo de seus papéis. Eu me sinto tão culpado por não os ter levado comigo. Você não calcula como isto está me incomodando, Luiz.

LUIZ — Escute, Geraldo. Não se preocupe demasiado com isso. Esse roubo não foi um roubo tão precioso como pensam os tais espíões.

GERALDO — Como? Mas você não me dizia que aquele invento era uma maravilha?

LUIZ — O invento é, de fato, uma coisa maravilhosa. Mas os papéis onde está a sua fórmula, só tinham mesmo valor para mim.

GERALDO — Mas... por que?

LUIZ — Simplesmente porque eu os tracei num código, numa linguagem só minha. Nas mãos de qualquer pessoa eles não valem nada. Só eu posso decifrar o que está delineado naqueles papéis. Compreende você? (pausa) Geraldo. Que tem você que não responde? Que é que você está vendo?

(Rumor de um salto)

GERALDO — Miserável espião!

(Barulho de porta. Baque de corpo)

GERALDO — Ai!

(Assos)

LUIZ (quase num grito) — Geraldo!...

GERALDO — Ai!... Ele me feriu... ele me feriu!...

(Intervalo)

CRIADO — Que aconteceu, dr. Luiz?

LUIZ — Telefone depressa para o hospital. O Geraldo está ferido. Que venha um médico. Depressa!

(Música)

MÉDICO — Felizmente já parou de sangrar.

LUIZ — Mas que ferimento lhe fizeram, hein?

GERALDO — Pudera, dr. Luiz. Foi com a estatueta de bronze.

LUIZ — Abriram-lhe uma brecha medonha.

MÉDICO — Hum... se eu não tivesse acudido imediatamente ele ia perder muito sangue.

LUIZ — Mesmo assim perdeu bastante.

GERALDO — Ai!... Ai!...

MÉDICO — Já está voltando a si.

LUIZ — Então, Geraldo? Como foi isso?

GERALDO — Ele estava atrás do reposteiro. Eu vi pelo espelho. Ele ouviu tudo, Luiz. Tudo o que você me disse. Consegui agarrá-lo, mas ele me desarmou com aquela pancada.

MÉDICO — Descanse, doutor. Mais tarde o senhor contará o que aconteceu. Agora é preciso descansar.

(Música)

LUIZ — Não se preocupe, Geraldo. Ouviram de fato o que eu estava dizendo, mas não ouviram tudo. O principal eles não escutaram.

GERALDO — Eles, não. Ele. Era um só.

LUIZ (risonho) — Mesmo porque se fôsse mais de um teriam acabado com a sua vida. Em todo o caso era um só, mas era uma mão de ferro, hein?

GERALDO — Oh, Luiz. Você não leva nada mais a sério?

LUIZ — Não. Não levo nada mais a sério. Que me importa perder o resto do mundo, se já perdi a Regina?

GERALDO — Mas o seu invento, Luiz?

LUIZ — Eles não terão jamais o meu invento, apesar do roubo dos papéis.

GERALDO — Eles não o poderão decifrar, não é assim?

LUIZ — E talvez nem eu mesmo o pudesse.

GERALDO — Por que? Ah, sim. Você dizia que o espião não tinha ouvido tudo. Que há mais, Luiz?

LUIZ — É que com o choque daquela explosão minha, memória... sim, Geraldo, eu esqueci a fórmula, eu esqueci tudo, meu amigo. O meu invento está perdido.

GERALDO — Mas talvez relendo, talvez revendo o que escreveu você lembrasse tudo, não é?

LUIZ — Sim. Era essa a minha esperança.

GERALDO — Eu não me perdoo, Luiz. Não devia ter deixado os seus documentos numa casa fechada. Não me conformo com esse descuido.

LUIZ — Eu não compreendo é como puderam entrar tão facilmente na sua casa.

GERALDO — Naturalmente usaram chaves falsas. Aliás foi a conclusão a que a polícia chegou. E, não resta dúvida, que o tal chauffeur estrangeiro foi um dos autores do assalto.

LUIZ — E não há meios de encontrar esse bandido. A polícia tem feito tudo para encontrá-lo.

GERALDO — E quem seria aquele homem que estava escutando atrás daquela porta? Eu vi perfeitamente que era um homem louro.

LUIZ — Já indaguei dos criados e soube que o jardineiro admitido ultimamente é um homem louro. Ele vem aqui duas vezes por semana.

GERALDO — Então era ele. Naturalmente entrou pela galeria aqui à direita e escondeu-se na sala ao lado para nos ouvir.

LUIZ — Mandei uma pessoa procurá-lo. Foram ao quarto onde ele mora. Daqui a pouco teremos alguma notícia.

GERALDO — Ele estava à espreita e de arma em punho, hein?

LUIZ (rindo) — E foi armar-se logo com a minha estatueta mais querida. Felizmente a sua cabeça é macia.

GERALDO — Você continua gracejando, Luiz? Eu não acho graça nenhuma.

LUIZ — Realmente a coisa é muito séria, Geraldo. Estamos envolvidos com uma quadrilha perigosa. Mas é preciso encarar as coisas com otimismo, meu caro. O otimismo é uma força. Não nos deixemos abater. Eu tenho esperança até de recuperar a Regina. Quanto mais esses papéis!...

(Música)

CELESTE — Bom dia, Luiz...

LUIZ — Bom dia, Celeste. Tão cedo por aqui?

CELESTE — Estava com saudades suas... (outro tom) Você não sentiu saudades minhas, Luiz?

LUIZ — Ora, Celeste... será possível que você ainda não tenha tomado juízo?

CELESTE — Juízo... sensatez... isto é o mesmo que dizer velhice. E o segredo da minha eterna juventude é justamente este, meu caro: falta de juízo, ciancice, inconsequência. Aliás eu não compreendo em que consiste a minha falta de juízo neste caso. Por gostar de você? Então o fato de admirar um sábio é falta de juízo?

NOVAIS (aproximando) — Que filha encantadora tem você!... Lembro-me bem que tive esta exclamação. Seu pai, no alvoroço da surpresa, felizmente nem a percebeu. E... desde esse dia, Geraldo, eu nunca mais deixei de amar aquela criaturinha que me recebeu no jardim!

GERALDO — Mas nós não percebemos nunca.

NOVAIS — Amargurei calado o meu segredo. Confessá-lo? E para que? Eu não lhe inspirava senão um afeto filial. Depois, apareceu o Luiz e Regina casou. Fui um dos padrinhos. Acompanhei com amarga alegria a sua curtíssima felicidade... até o dia em que se deu aquele desastre. Até o dia da explosão.

GERALDO — Que dia tremendo, meu Deus!

NOVAIS — Também eu sofri muito. E nunca eu a amei tanto como agora que é infeliz. Como gostaria de estar a seu lado para confortá-la! Nem mesmo as minhas flôres anônimas eu lhe posso mandar!...

GERALDO — Ah!... então era o senhor quem lhe mandava aquelas flôres?

NOVAIS — Era, sim. Perdoe-me, Geraldo (pausa). E o direito de que lhe falava, o direito a que me arrogava, era o direito desse amor silencioso, sofrido e constante que acabo de lhe confessar. Perdoe-me, Geraldo.

GERALDO — Doutor Novais. Eu compreendo que certos sentimentos tenham mesmo as suas leis, os seus direitos como o senhor mesmo acaba de dizer. A maioria dos homens não aceita esses direitos, o mundo repudia essas leis, mas Deus, que nem sempre está de acordo com os homens, talvez tenha um sorriso compreensivo para essa legislação tão íntima e tão profunda.

NOVAIS — Que maneira elegante de me estender o seu perdão, meu amigo!

GERALDO — Não toquemos mais no assunto, não é melhor?

NOVAIS — É, sim. Mas... você não vai procurar a Regina? Ela seguiu rumo a S. Paulo.

GERALDO — Não, doutor Novais. Eu não a irei procurar.

NOVAIS — Como assim? Vai abandonar a sua irmã?

GERALDO — Ao contrário. Estou apenas obedecendo a uma ordem sagrada que ela me deixou. Regina me pediu, na sua carta de despedida, que a deixasse fugir em paz. E eu quero fazer a vontade dela.

NOVAIS — Mas então você se conforma em perdê-la para sempre?

GERALDO — Regina seria demasiadamente desgracada se ficasse ao lado de Luiz, deformada como está. O Luiz seria incapaz de fazê-la feliz depois que ela deixou de ser a beleza que era.

NOVAIS — Realmente. O Luiz é essencialmente materialista. O seu amor pela Regina é apenas um amor material, sem requintes de ternura, sem delicadezas de alma. Quantas vezes eu não observei tudo isto, com o coração confrangido?

GERALDO — Sendo assim, não é melhor que a Regina desapareça? Eu espero que, mais tarde, ela me escreva e me diga onde está. Será enorme a minha saudade. Eu nem sei como vou viver sem a minha irmã. Mas estou disposto a me sacrificar.

NOVAIS — E vai deixar então que ela siga tranquila para o seu exílio, não é?

GERALDO — Sim. E quero lhe pedir que proceda como eu.

NOVAIS — Pois não, Geraldo. Pois não. Uma vez que esta é a vontade dela, eu também a deixarei seguir o seu caminho. E que Deus a proteja. A nossa pobre Regina!

GERALDO — E eu estou certo de que Deus a protegerá!

(Música)
(Ruído de bar)

CELESTE — Você compreende, Walter... eu já estou farta da vida que levo. Tenho outros anseios... outras aspirações. Vivo enervada por não poder estar sempre ao seu lado.

WALTER — Mas é preciso ter calma, querida! Nós temos que ser prudentes.

CELESTE — Sim. Por certo!

WALTER — Não podemos estar juntos aqui na cidade! Aqui jamais encontraríamos sossego!

CELESTE — E o que foi que você pensou fazer?

WALTER — Seria interessante se você conseguisse afastar seu marido da capital. Você também iria com ele. Depois, sob qualquer pretexto, você voltaria sozinha.

CELESTE — Ah... Tive uma idéia! Eu vou fazer o seguinte: o Geraldo anda metido nuns estudos — parece que vai tomar parte num congresso qualquer. Eu vou lhe propor passar uns dias em nossa fazenda. E ele, para escrever com calma, aceita logo a sugestão. Deixo então a chave com você, porque vou despedir os criados. Dois dias depois de minha chegada à fazenda você me passa um telegrama em nome de meu procurador pedindo minha presença na cidade. Eu deixo lá o Geraldo e nos encontraremos em minha casa.

WALTER — Esplêndido! Maravilhoso plano!

CELESTE — Então estamos combinados, não é? Olhe... aqui estão as chaves. Esta é do portão. Esta aqui é a da minha sala. Guarde-as e vá me esperar no dia em que ficar combinado.

WALTER — Sim. Está bem, querida. Agora vejo que você me ama realmente!

(Música)

CELESTE — E quando iremos, Geraldo?

GERALDO — Amanhã mesmo poderemos ir. Quero aproveitar estes dias em que estou menos ocupado. Já avisei lá no hospital. Há tanto tempo que desejava passar uns dias na fazenda. Mas você nunca pode, e eu não gosto de ir só para não dar o que falar.

CELESTE — Não dar o que falar... você ainda quer iludir-se, Geraldo? Toda a gente já sabe que nós mal nos suportamos.

GERALDO — E'. Mas de qualquer maneira eu continuo respeitando a sociedade. Pode-se ao menos manter a linha, não é? Eu, pelo menos, tenho feito sacrifícios tremendos para manter esta linha de que não desejo sair.

(Música)

CELESTE (batendo a uma porta) — Posso entrar?

GERALDO — Entre.

(Porta que abre)

CELESTE — Recebi um telegrama do dr. Fontes. Que massada! Tenho que ir, amanhã mesmo, à cidade assinar uns papéis, naquela questão da herança de tia Dora. Mas que amolação!

GERALDO — Mas não é preciso que eu vá, é?

CELESTE — Não. Absolutamente. Apenas dois dias que você está aqui!

GERALDO — E' que já comecei a escrever minha tese, e seria bem aborrecido interrompê-la, agora que trouxe os livros, as anotações, tudo para aqui.

CELESTE — Mas não é preciso. Eu irei só. Ficarei apenas o tempo necessário. Voltarei imediatamente.

GERALDO — Está bem. Vai de automóvel?

CELESTE — Sim. Você não precisa dele aqui, não é?

GERALDO — Acho apenas um inconveniente.

CELESTE — Qual?

GERALDO — Voc tem confiança nesse chauffeur novo que lhe impingiram?

CELESTE — No Fritz? Ora... ele é um ótimo chauffeur.

(Música)
(Automóvel na estrada)

CELESTE — Ande depressa, Fritz. O sr. Walter já está lá em casa à minha espera. Perdemos três horas no meio da estrada. Você não examinou o carro antes de sair?

FRITZ — Examinei, senhora. Eu não sei explicar como foi que o carro enguiçou. Mas agora iremos num instante até lá.

(Música)

(Ruido de carro freando)

CELESTE — Até que enfim chegamos. Recolha o carro, Fritz. Hum... O Walter deve estar impaciente. Bravos! Ele acendeu tôdas as luzes. Parece até uma festa...

(Subindo as escadas, caminhando)

CELESTE — Bem... aqui na sala êle não está. Com certeza adormeceu. Coitado. Cansou de esperar... (chamando) Walter... Walter... onde está você?...

(Passos e portas que se abrem)

CELESTE — Onde teria se metido êsse homem? Walter!... Estará no meu quarto? Vejamos...

(Porta que abre)

CELESTE — Walter... Mas, que vejo? Que significa isto? Que teria havido? Oh!...

(Encerramento)

CAPÍTULO VII

LOCUTOR — Zé Pedro consegue chegar a tempo e pôr o carro em movimento. Pouco depois ouviu-se um bater de ferragens, como se houvesse acontecido um desastre. Apesar dos rogos de Regina e Josefa, Zé Pedro acelerou mais a marcha do carro, alegando ser muito perigoso parar, porque forçosamente iria ajuntar muita gente no local onde se dera o desastre, e assim continuam a fuga. Geraldo, irmão de Regina, está à espera da chegada do dr. Novais, que foi a vítima do desastre na estrada Rio-São Paulo. Logo que o dr. Novais pôde receber visitas no hospital, Geraldo foi procurá-lo para ter um entendimento sobre a sua inexplicável viagem. E o dr. Novais confessa a Geraldo que sempre amou Regina, mas que silenciou sempre êsse amor por considerá-lo impossível. Geraldo, compreendendo a nobre renúncia de Novais, pede que êle colabore neste momento em que Regina precisa se manter a distância, sem que ninguém saiba do seu paradeiro. Enquanto essas criaturas se sacrificavam pela felicidade alheia, Celeste confessa a Walter que é grande o seu desejo de abandonar Geraldo. Walter propõe uma fuga. E quando Celeste volta da fazenda — plano combinado com Walter — encontra a casa completamente iluminada, como se houvesse festa. Foi entrando pela casa e, não vendo ninguém, começou a chamar...

CELESTE (chamando) — Walter!... Walter!... Onde está você?

(Passos. Porta que abre)

CELESTE — Onde se teria metido êsse homem? Walter!... mas... que vejo? Que será isto? Que teria havido? Oh!... as gavetas abertas, as portas arrombadas. Entraram ladrões aqui em casa. E o Walter? (chamando) Walter!... Walter!... Walter!... não... não está aqui. E o Fritz? (chamando) Fritz!... Ó Fritz!... Mas êle também não está? Vou telefonar para o hotel...

(Discando)

CELESTE — Alô... por obséquio, o sr. Walter... Como? Ele não está? Desde ontem? Para onde êle viajou? Para a Europa? E quando volta? Ah... definitivamente? Ah... está bem, obrigada.

(Música)

CRIADO — Bom dia, dr. Luiz.

LUIZ — Bom dia, Manuel.

CRIADO — Aqui está a correspondência, doutor.

LUIZ (ansioso) — Deixe-me ver. Deixe-me ver. Jornais, revistas, uma participação. Não veio mais nada, Manuel? Não veio nenhuma carta? Não veio mais nada?

CRIADO — Eu trouxe tudo o que encontrei na caixa, doutor.

LUIZ — Está bem. Nada disso me interessa. Leve tudo lá para dentro. Pode ser que amanhã venha o que espero há tantos dias!...

CRIADO — Então com licença, doutor.

LUIZ — Escute, Manuel.

CRIADO — Às suas ordens, doutor.

LUIZ — Para qualquer telefonema com voz de mulher eu não estou, hein?

(Campainha insistente)

LUIZ — Vá ver quem é.

CRIADO — Com licença.

(Pausa de porta)

CRIADO — Ah... é o sr. Rogério.

ROGÉRIO (entrando) — Custaram tanto a atender que resolvi entrar pelos fundos. Pensei que estivessem mortos aqui dentro. Desculpem ter entrado assim sem me receberem, mas como eu não sou a Marion e nenhuma delas, espero que não me ponham para fora.

CRIADO — Necessita de mais alguma coisa, sr. Luiz?

LUIZ — Não, Manuel. Se eu precisar chamarei.

(Porta e passos)

LUIZ — Você? Já tão cedo por aqui?

ROGÉRIO — Naturalmente. Para ver-te é preciso que se venha cedo. Quem é que não sabe que depois que entras no laboratório tu te tornas incomunicável para o resto do dia?

LUIZ — E eu já ia para lá.

ROGÉRIO — Mas antes de te enfurnares naquele buraco tu vais me explicar a atitude pouco gentil que tomaste ontem à noite, no casino. Estás ficando selvagem, Luiz? Tu que sempre foste um cavalheiro. Afinal, a idéia daquela reunião tinha sido tua...

LUIZ — Tem razão, Rogério. Mas é que ultimamente eu ando num estado de nervos que não sei explicar.

ROGÉRIO — A tua atitude de ontem bem o demonstrou. Escuta, Luiz. Já passou o teu entusiasmo pela Marion?

LUIZ — Já. Estou farto. Estou enfiado.

ROGÉRIO — Mas, ainda não há quinze dias, tu me falaste nela com tamanho entusiasmo...

LUIZ — Pois é. Mas de repente me aborreci. Descobri que lhe faltava alguma coisa...

ROGÉRIO — Mas por certo, Luiz. À Regina tu dedicáste-lhe, graciosa, elegante, cheia de personalidade. E' ser muito exigente, Luiz.

LUIZ — Rogério, o que se passa comigo é bastante estranho. Acho de fato a Marion uma mulher esplêndida. Acho também a Maria Lúcia um encanto de mulher. Qualquer delas preenche as minhas exigências de esteta. E no entanto eu, que sempre olhei as mulheres com olhos de materialista, procuro agora em tôdas elas uma outra coisa indefinida que só encontrava na Regina.

ROGÉRIO — Mas por certo, Luiz. À Regina tu dedicavas uma outra espécie de afeto. Ela era a tua esposa.

LUIZ — Pois eu ignorava que meu afeto pela Regina pudesse diferir de um outro qualquer interesse amoroso. Regina para mim era apenas a minha mulher, a mulher que eu guardava só para mim. Assim julgava eu...

ROGÉRIO — E agora chegaste à conclusão de que não era isso apenas, não é?

LUIZ — Sim, Rogério. Havia alguma coisa superior.

Ou, talvez, tenha nascido depois. Com a sua ausência. Da própria falta que ela me faz. Eu sinto agora que é horrível viver sem ela. As outras me agradam aos sentidos, mas o que eu sentia pela Regina era como que dentro do meu coração.

CRIADO (entrando) — Desculpe, doutor Luiz. Mas agora quem está telefonando é a sua cunhada, a dona Celeste.

ROGÉRIO — Celeste?

LUIZ — Diga-lhe que não posso atender.

CRIADO — Já disse, doutor. Mas ela insistiu. Disse que chegou ontem à noite da fazenda. Ela está muito aflita. Disse que precisa muito lhe falar.

LUIZ — Teria havido alguma coisa com o Geraldo? Bem. Eu vou atender. Com licença, Rogério.

(Passos e lona)

LUIZ — Alô... sim... Luiz. Como? Está bem, Celeste... Irei imediatamente aí.

(Música)

CELESTE — Não sei, Luiz. Não sei como puderam entrar aqui.

LUIZ — Pelo que você me disse ao telefone, não carregaram nada?

CELESTE — Não. E isto é que é estranho. Foi como se tivessem dado uma busca.

LUIZ — E você já viu no cofre, Celeste. O cofre não foi arrombado? Oh, Celeste! Os meus papéis! Com certeza roubaram os meus papéis.

CELESTE — Que papéis?

LUIZ — Não percamos tempo. Vamos depressa ao escritório do Geraldo.

(Música)

FRITZ — Então, sr. Walter? Tudo bem, não foi?

WALTER — O mais difícil foi acertar com o mecanismo do cofre. Apesar das informações que me deste, mesmo assim custou um pouco.

FRITZ — Em todo o caso houve bastante tempo para tudo, não é?

WALTER — Houve, sim. As chaves já estavam comigo.

FRITZ — Mas então por que não fez as coisas com mais calma? Não havia necessidade de deixar a casa toda iluminada e as portas abertas. Quase que me põe em apuros.

WALTER — Em apuros? Por que?

FRITZ — Sim. Porque a dona Celeste percebeu a coisa muito mais depressa, e eu quase não tinha tempo de fugir. Havia umas roupas no meu quarto. Fui deixar o carro na garagem, entrei para apanhar as roupas e, mal entrei, ela começou a gritar por mim. Desculpe, sr. Walter, mas o seu serviço foi mal feito.

WALTER — E' que eu não pude entrar lá na véspera, sabe? Desconfiei de uns sujeitos que andavam perto da casa. Deixei para ontem à noite e fiquei um pouco atrasado. Ela devia chegar de uma hora para outra. Houve um dado momento que ouvi um automóvel como que parando à porta. Fiquei amedrontado e, como já estava de posse dos papéis, tratei de fugir.

FRITZ — Quer dizer então que se eu não tivesse inventado um enguiço na estrada talvez não tivesse havido tempo, hein?

WALTER — Aliás eu tinha lhe dito que atrasasse bastante a chegada. Você fez muito bem.

FRITZ — Mas a mulherzinha estava num nervoso p'ra chegar! Ela só dizia toda hora: "depressa, Fritz, depressa. O Walter está à minha espera".

WALTER — Pudera. Ela estava convencida de que havia um Romeu apaixonado à sua espera.

FRITZ (rindo) — Com que cara ela não deve estar a estas horas, hein?

WALTER — Deve estar furiosa.

FRITZ — Bem. Mas agora é preciso embarcar. Nós

não podemos ficar nem mais um dia. Já está tudo pronto?

WALTER — Já está tudo em ordem. Embarcaremos hoje à noite. O Fred a estas horas já deve também vir por aí. E' preciso que não fique nenhum rastro nosso por aqui.

FRITZ — E o Peter?

WALTER — O Peter não é conhecido de ninguém. Ele agora é que está na "mira". Aliás, ele está muito bem situado.

FRITZ — Sim. Não podia estar em melhor lugar.

WALTER — E eu espero que ele desempenhe bem a tarefa que lhe foi confiada.

FRITZ — Como não? O Peter é muito hábil.

WALTER — Felizmente cá estamos nós de posse do precioso invento que o nosso governo tanto cobijava.

FRITZ — Afinal eu não compreendo, sr. Walter, o interesse tão grande por essas armas, se estamos em tempo de paz?

WALTER — Você nunca ouviu dizer que um homem prevenido vale por dois?

FRITZ — Já.

WALTER — Pois então fique sabendo que uma nação armada vale por mil. E pergunte pouco, rapaz. Nossos agentes só devem ser curiosos das coisas que lhes compete vigiar.

(Música)

CELESTE — Afinal, sr. Levy, foi o senhor quem encaminhou esse conhecimento. Foi o senhor quem deu ao Walter o meu telefone. E agora não sabe informar para onde lhe poderei escrever?

LEVY — Que quer, minha senhora? Eu não posso estar ao par da vida íntima de todos os meus clientes. O sr. Walter embarcou inesperadamente. Não deixou o seu endereço nem com a senhora. Comigo é que ele havia de se preocupar?

CELESTE — Ora, sr. Levy. Não se faça de inocente. O Walter lhe dava intimidade bastante.

LEVY — Absolutamente, madame. Eu até fiquei surpreso quando ele me falou a seu respeito. Por isso mesmo. Por ser uma exceção, eu achei que ele estava se interessando bastante. E foi por essa razão que me fiz intermediário.

CELESTE — Não acredito. O senhor está bem suspeito neste caso. Eu poderia denunciá-lo à polícia.

LEVY — Sim. A senhora me denunciaria à polícia se eu não tivesse uma história também para contar quando me interrogassem.

CELESTE — Que história, sr. Levy?

LEVY — A história de uma dama...

CELESTE — Cale-se, por favor.

LEVY — Quer um conselho meu, madame? Trate de ficar bem quietinha. Procure abafar este caso. E em benefício seu, minha senhora. Que eu, por mim, me calei também.

(Música)

GERALDO — Assim que recebi o telegrama de Celeste falando em ladrões, lembrei-me imediatamente do seu invento. Não me perdão, Luiz. Eu devia ter levado os seus documentos para a fazenda. Foi um erro meu.

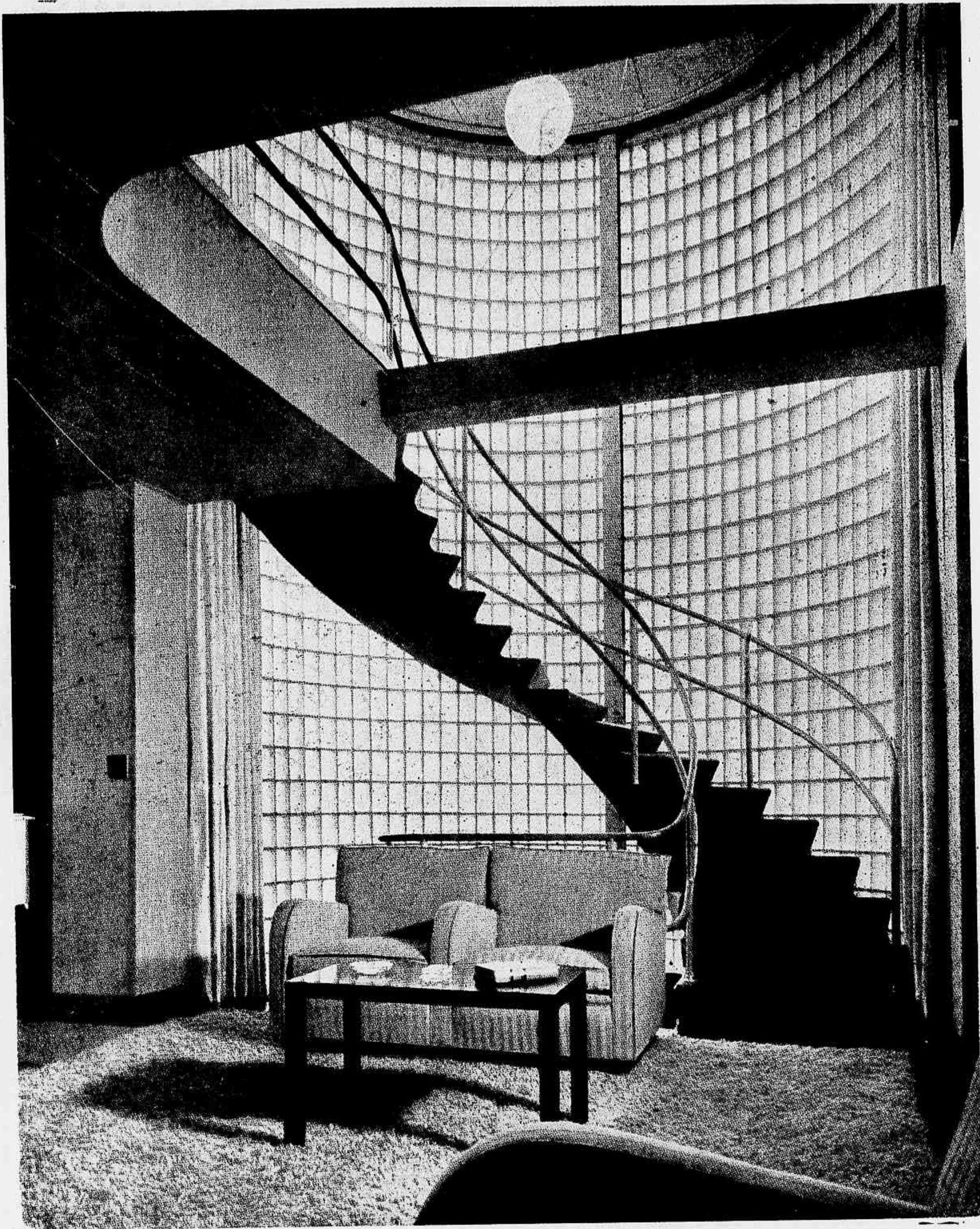
LUIZ — Não, Geraldo. Erro maior foi o meu. Assim que me operei eu devia imediatamente lhe ter pedido aqueles papéis. A mim, que já estava curado, é que competia a sua guarda. Mas eu tenho andado num desleixo. Tenho tido uma vida tão dispersiva estes últimos tempos!...

GERALDO — É. Eu tenho sabido, Luiz. Você está ficando boêmio? Veja lá se vai prejudicar sua carreira com essas loucuras, hein?

LUIZ — Tenho procurado me atordoar, Geraldo. Eu não posso esquecer a Regina.

GERALDO — Ora, Luiz. Você está como esses mocinhos românticos que se apaixonam pelas artistas de cinema? Você está chorando a antiga Regina. A Regina que você não poderia ter nunca mais.

belíssima entrada



O quadro que apresentamos acima é o que se vê na entrada de uma linda residência da Califórnia e, como nosso objetivo é colher belos quadros para oferecê-los aos nossos leitores, aqui o temos para servir de modelo aos decoradores que o apreciarem. Como vêem, pouquíssimos móveis são suficientes para a sua ornamentação: basta o fundo todo em vidro e a escada construída em estilo originalíssimo, pois não segue a forma das demais que geralmente têm base maior; esta tem apenas a extremidade pousada ao chão. Aí está pois mais uma sugestão.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



—cidadãos das Américas VIZINHOS TODOS!

**Há 18 anos que a ligação
aérea internacional é uma realidade!**

Quando seus negócios o levarem a Miami, Nova York ou Chicago... uma conferência no México... um congresso em Buenos Aires ou Santiago... ganhe tempo... viaje comodamente pelas estradas sem-trilhos sulcadas pelos "Clippers" da Pan American World Airways. Aviões rápidos e modernos, os "Clippers" dominam distâncias... Amanhã, o mundo inteiro será seu vizinho, graças aos gigantes "Clippers" que estão sendo construídos. Para sua próxima viagem internacional, informe-se de como poderá fruir da rapidez, conforto, vantagens do sistema dos "Clippers." Procure o mais próximo representante da PAA, ou as agências de viagens.



Ouçá AQUARELAS DO BRASIL

às 6as-feiras das 22,05 às 22,35 na Rádio Nacional, ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Um programa oferecido pela Pan American World Airways, sob o comando de Almirante.



GRANT

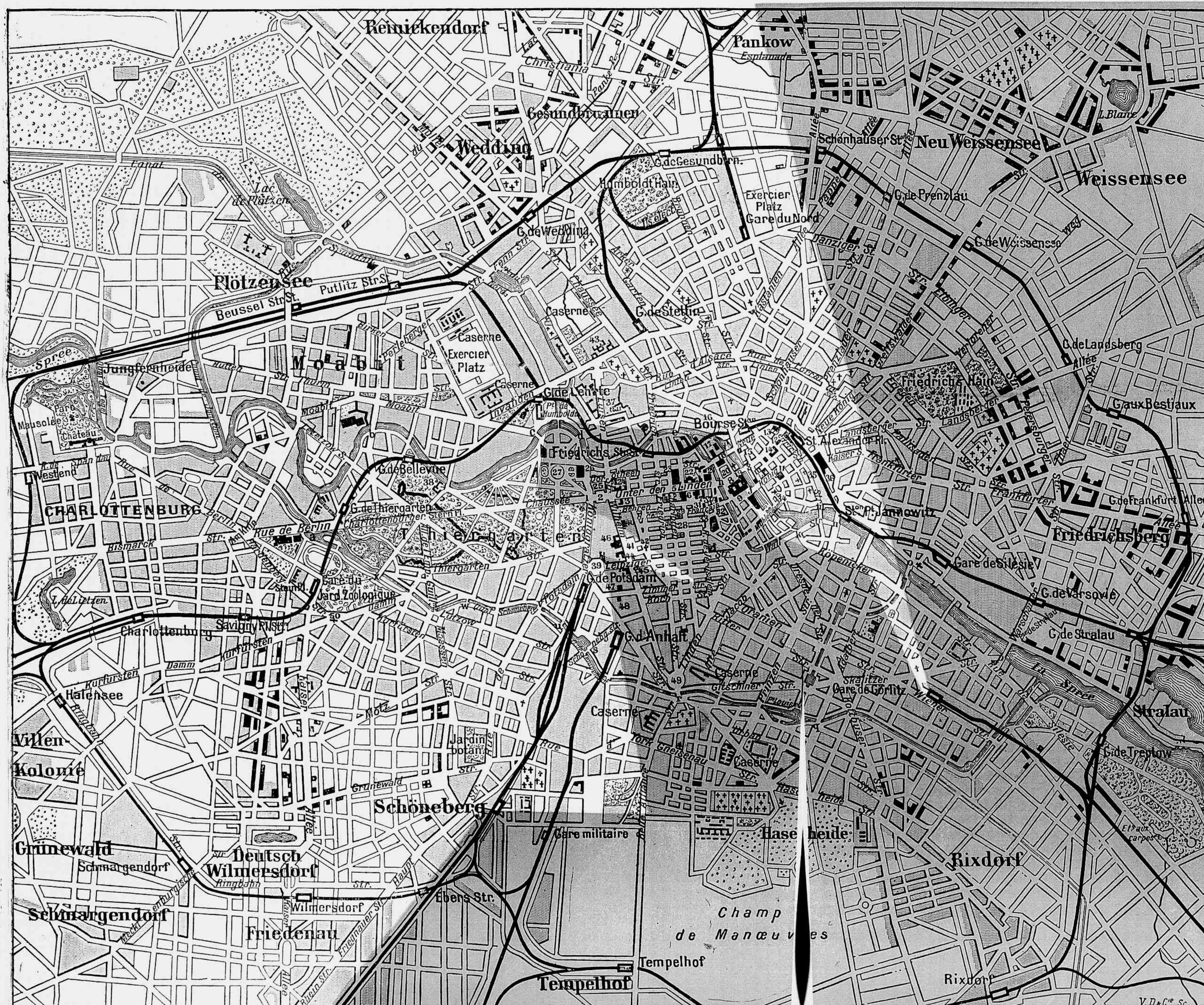
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers

10029-PABS-4

REVISTA DA SEMANA

SUPLEMENTO DE GUERRA

DENTRO DE BERLIM



Os russos entraram em Berlim e estão progredindo no centro da cidade, pelas ruas e avenidas, destruindo tudo que se opõe ao seu avanço e cada metro que conquistam. Com o avanço, Berlim não se entregou logo ao apertamento dos sovietos. Os corpos de "tanques" russos invadiram pelas avenidas, destruindo as barreiras de defesa de Berlim. As tropas alemãs resistiram com tenacidade e coragem. As bombas e os canhões dos edifícios semi-destruídos, a artilharia, a infantaria, que avançava à ponta de baioneta pelas vielas e becos. Cada pedacinho das casas subterrâneas era um abelo de metralhadoras e as mulheres tinham que ser destruídas a poder de granadas de mão. Mas os russos avançaram finalmente, sempre precedidos por uma poderosa força corajosa, que abriu caminho para os infantos através das ruas atulhadas de destroços. A aviação pulverizou as posições de resistência alemã. E os lance-chamas alemães não estavam indo os russos que se escondiam nos edifícios abandonados.

A muito custo, os russos alcançaram o centro da cidade. Os restos dos edifícios incendiados eram outras tantas trincheiras de resistência desesperada. Franco-atiradores matavam os russos em ondas de colinas de granadas; cada pedacinho de parede escondia um soldado pronto a atirar. As metralhadoras estavam espalhadas, camufladas e traíçoras. Entraram os "tanques" invasores pela Unter den Eichen, investindo para o coração de Berlim. O corpo o chefe da capital prussiana foram tombando os corpos dos filhos nazistas.

A luta intensificou-se e os defensores da cidade, auxiliados por artilharia e por membros das S.S. disfarçados, tentavam o avanço russo assassinando os soldados inimigos, destruído posições e o abastecimento das tropas avançadas.

No momento em que redigimos estas notas os russos se aproximam em fúria o centro da cidade, que está envolto em chamas. A aviação e artilharia soviéticas e os bombardeios consecutivos da A. E. já haviam destruído quase completamente a zona comercial, mas apesar disso a resistência foi organizada de modo a retardar o máximo possível a avançada dos soldados vermelhos através das ruas centrais. Os combates se travam nas estações e nos corredores do "metro", com uma violência inaudita. Os lance-chamas funcionam no interior das subterrâneas de Berlim, onde cada bicho de conservação se transformou numa trincheira.

Esta é a situação atual de Berlim, que marca com a sua resistência o fim de cinco anos e mais de guerra.

Embora correm boatos de paz, a guerra continua e os combates se desenvolvem em todas as frentes. Mas na capital alemã os combates e os bombardeios assumem proporções de uma carnificina sem precedentes na história militar da Europa. Os russos demonstram nos combates de Berlim a mesma fibra e tenacidade que os impulsionou em Stalingrado.

Hoje, nas ruas da capital alemã, repete-se o drama da cidade de Volgá. Os prédios têm que ser tomados um a um, à força de baioneta e granadas de mão. O ruído dos petardos, as detonações das metralhadoras, o sibilo dos projéteis foguetes se misturam numa sinfonia infernal e ensurdecedora. A fumaça dos incêndios em que Berlim se envolve, faz com que se torne irrespirável a atmosfera. E dentro desse inferno de ferro, fumo e fogo avançam os soldados vermelhos para a esquina de Wilhelm Strasse com Unter den Eichen, que assinala a ponte mais central da cidade.

A zona dos quartéis já está em poder dos invasores, o aeródromo de Tempelhof caiu em poder dos soviéticos. E assim está por horas a ocupação total da cidade, que assinalará por certo o último ponto de persistente resistência nazista.

Os últimos dias do nazismo na Europa

This is a detailed black and white map of Europe and its surrounding regions. The map includes the following features:

- Scale:** A scale bar at the top left indicates distances from 0 to 800.
- Geographical Features:** The map shows the Atlantic Ocean to the west, the Mediterranean Sea to the south, and the Arctic Ocean to the north. Major rivers and mountain ranges are also depicted.
- Countries and Regions:** Labeled countries include the United Kingdom, Ireland, France, Spain, Portugal, Germany, Poland, Czech Republic, Slovakia, Austria, Hungary, Switzerland, Italy, Greece, Turkey, and the Soviet Union. Other regions shown are North Africa (Algeria, Tunisia, Libya, Egypt), the Middle East (Syria, Lebanon, Jordan, Iraq, Iran, Afghanistan), and parts of Asia (Russia, China, India, Japan).
- Cities:** Numerous cities are marked, including London, Paris, Rome, Berlin, Moscow, and many others.
- Map Orientation:** The map is oriented with North at the top.
- Map Source:** The map is credited to "ALBERTO LIMA-DES" in the bottom left corner.

A QUEDA DO IMPERIO DE MUSSOLINI



Todo o mundo inteiro terminou por acreditar no valor de seu exército na invencibilidade de suas milícias. Mas veio a guerra, e a Itália, derrotada em derrota, recuou rapidamente dentro de suas colônias africanas, até que suas forças se viram obrigadas a recolherem-se no território metropolitano e à Sicília, onde também se foram aniquilando aos poucos as tropas de invasão aliadas e as próprias populações locais, que se revoltavam, sem ver a aproximação dos soldados da liberdade contra a dominação fascista.

E pouco depois do início da invasão a Itália pediu armistício, que lhe foi concedido pelas concessões. E assim, consumada a fim do pretensioso Império Romano de Mussolini.

Mas a velha terra de Veneza não abandonou o governo. Voltou-se para o seu patrio de Berlim e continuou a resistir com as tropas alemãs que ocupavam o norte. Veneza, a Lombardia, toda a região alpina estavam sob uma governança militar prussiana. E o Duce continuou no seu papel de ditador fantasma, a fazer a guerra de gabinete, sem que os seus planos de estrategista amador fossem levados a sério pelos generais alemães encarregados da defesa das regiões piemontesas e do pedaço de litoral adriático e mediterrâneo da Itália que ainda restavam em seu poder.

Agora a Itália fascista vive os seus últimos dias. As forças americanas, inglesas, brasileiras, e canadenses ganham terreno dia a dia. Enquanto redigiamos estas notas registrava-se nos Apeninos o mais glorioso feito de nossas armas em solo europeu: uma divisão inteira nazista rendeu-se a F. E. B., entregando-se incondicionalmente ao comando da nossa Força Expedicionária, com homens e materiais.

Enquanto isto sucede na frente, a retaguarda alemã na Itália entra em decomposição. Em Milão o populacho enfurecido trucidou Benito Mussolini. Turim está em poder dos "maquisards" italianos. Gênova caiu em poder dos aliados, após passar pela dominação dos revoltosos.

E os exércitos da libertação avançam por todo o norte. Espera-se para breves dias, senão para horas, a cessação do fogo em toda a frente italiana. Agora já não é mais possível aos alemães, dentro da situação caótica causada pelos últimos sucessos, manter o seu sistema de ligação entre as posições do "front" italiano, e nem tão pouco fixar linhas de abastecimento para os exércitos em luta.

(Os quatro mapas de guerra deste suplemento se referem à situação verificada no dia 30 de abril de 1945)

ITALIA



A QUEDA DO IMPERIO DE MUSSOLINI

Tão alto falou Mussolini na força de seus "oito milhões de baionetas", que o mundo inteiro terminou por acreditar no valor de seu exército e na invencibilidade de suas milícias. Mas veio a guerra, e a Itália, de derrota em derrota, recuou rapidamente dentro de suas colônias africanas, até que suas forças se viram obrigadas a recolherem-se ao território metropolitano e à Sicília, onde também as foram aniquilando aos poucos as tropas de invasão aliadas e as próprias populações locais, que se revoltavam sempre à aproximação dos soldados da liberdade contra a dominação fascista.

E pouco depois do início da invasão a Itália pedia armistício, que lhe foi concedido pelos vencedores. Estava consumado o fim do pretensioso Império Romano de Mussolini.

Mas a velha Iena de Veneza não abandonou o governo. Voltou-se para o seu patrão de Berlim e continuou a resistir com as tropas alemãs que ocupavam o norte. Veneza, a Lombardia, toda a região cisalpina estavam sob uma governança militar prussiana. E o Duce continuou no seu papel de ditador fantoche, a fazer a guerra de gabinete, sem que os seus planos de estrategista amador fossem levados a sério pelos generais alemães encarregados da defesa das regiões piemontesas e do pedaço de litoral adriático e mediterrâneo da Itália que ainda restavam em seu poder.

Agora a Itália fascista vive os seus últimos dias. As forças americanas, indus, brasileiras, inglesas e canadenses ganham terreno dia a dia. Enquanto redigiamos estas notas registrava-se nos Apeninos o mais glorioso feito de nossas armas em solo europeu: uma divisão inteira nazista rendeu-se a F. E. B., entregando-se incondicionalmente ao comando da nossa Força Expedicionária, com homens e materiais.

Enquanto isto sucede na frente, a retaguarda alemã na Itália entra em decomposição. Em Milão o populacho enfurecido trucidou Benito Mussolini. Turim está em poder dos "maquisards" italianos. Gênova caiu em poder dos aliados, após passar pela dominação dos revoltosos.

E os exércitos da libertação avançam por todo o norte. Espera-se para breves dias, senão para horas, a cessação do fogo em toda a frente italiana. Agora já não é mais possível aos alemães, dentro da situação caótica causada pelos últimos sucessos, manter o seu sistema de ligação entre as posições do "front" italiano, e nem tão pouco fixar linhas de abastecimento para os exércitos em luta.

(Os quatro mapas de guerra deste suplemento se referem à situação verificada no dia 30 de abril de 1945).



A GUERRA CONTRA O JAPÃO

E' de se esperar que a queda da Alemanha marque o fim da resistência japonesa nos arquipélagos do Pacífico e no território ocupado do continente asiático. As últimas notícias da frente do grande oceano já não são parecidas com os despatches informativos que nos chegavam há um ano atrás. O ímpeto selvagem que levou os nipônicos a conquistar suas vitórias iniciais, assombraram o mundo a tal ponto que se falava na força armada e nas tropas de desembarque do Mikado como em algo de sobrenatural e invencível, contra o que seria ineficiente o poderio de qualquer exército. Chegámos mesmo, inconscientemente e certo, a nos influenciar pelo fanatismo religioso japonês, acreditando no poder quase divino das armas nipônicas e na inutilidade de uma ação rápida contra o coração do Império.

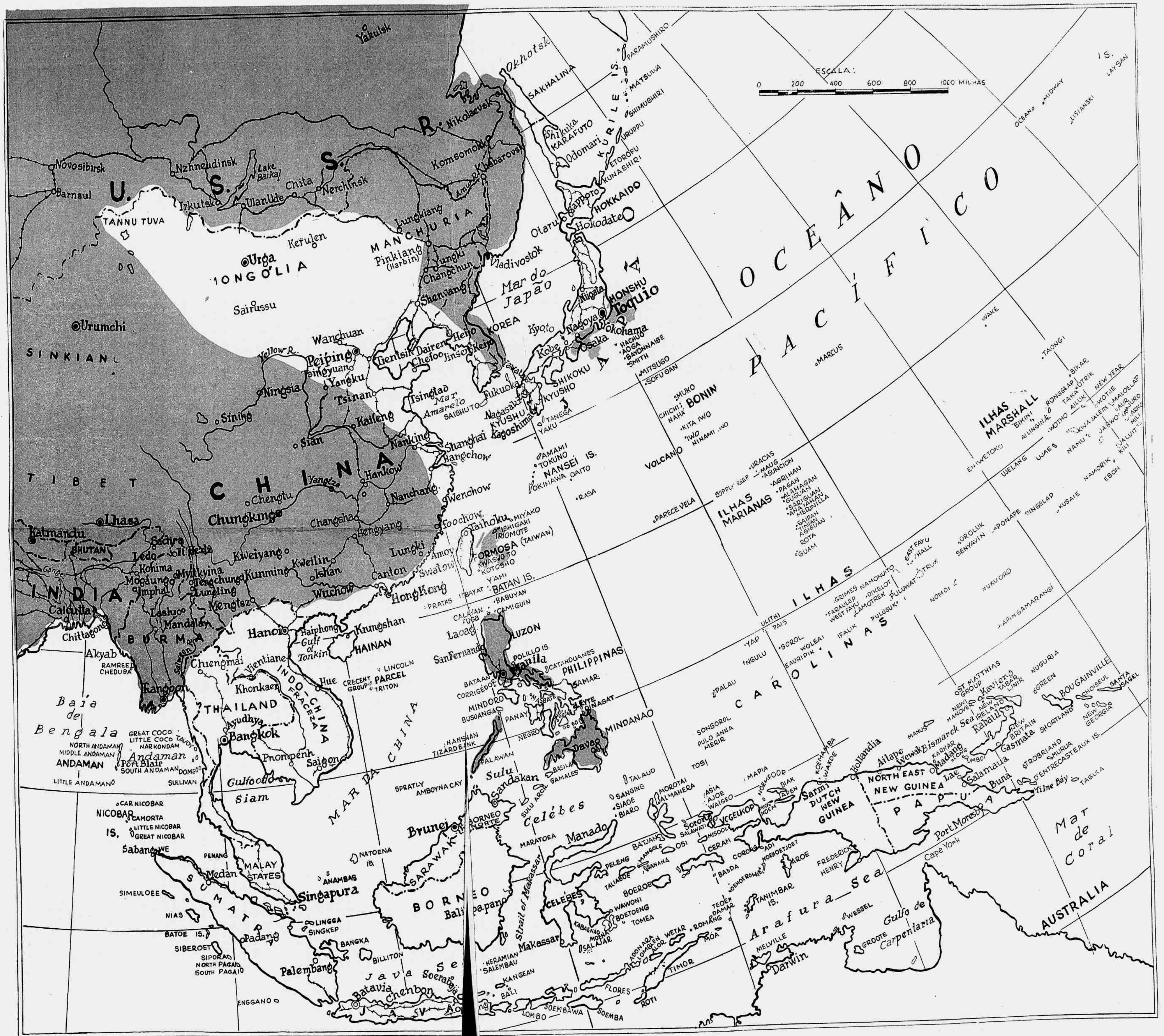
A invasão de Luzon e a retomada rápida de Manila assombraram o mundo, justamente por virem provar que o japonês, sobre ser um ser humano como todos os outros, sujeito pois à reação do medo e do desânimo, era, além disso, um soldado de fraca iniciativa.

E logo após a ocupação total da ilha de Luzon, outra grande derrota apanhou de rijo as forças do sul nascente. Esta foi o epílogo da grande batalha naval e aérea, na qual registrou-se a perda do encouraçado japonês "Yamato", uma das mais poderosas unidades da marinha de Hirohito. Com o afundamento daquele super-couraçado ficam as unidades pesadas do Japão reduzidas a um número restrito de couraçados médios e cruzadores, já com sua ação reduzida a um pequeno ângulo, por isso que também sofreram duros reveses e grandes perdas, nestas últimas semanas, as frotas de "destroyers" e cruzadores ligeiros dos japoneses, que já não puderam secundar as operações ofensivas das grandes belonaves.

Além disso, as sucessivas vitórias americanas têm resultado num golpe de morte para as redes marítimas de abastecimento do Japão, cortando as rotas da sua marinha mercante e impedindo o tráfego dos comboios que conduzem as matérias primas indispensáveis à alimentação da indústria bélica nipônica.

E agora, que já não se pode admitir um exército eficiente sem o alicerce de uma organização perfeita de indústrias pesadas, não se torna possível uma resistência muito prolongada dos amarelos, em virtude de se encontrarem hoje em mão dos aliados todas as suas fontes de abastecimento. Além disso, os grandes bombardeios a que a aviação americana tem submetido Tóquio, Osaka e as cidades industriais de Formosa, cooperam para a inutilização do sistema de abastecimento, isolando os exércitos de ocupação e as forças navais das fontes onde se abastecem as suas máquinas de guerra.

E o Império Japonês, mais rapidamente do que foi construído, está sendo agora arruinado pelo avanço de Mac Arthur.



Os últimos dias do nazismo na Europa

